

ANTOLOGIA **2021**

*O que a pandemia
nos ensinou*





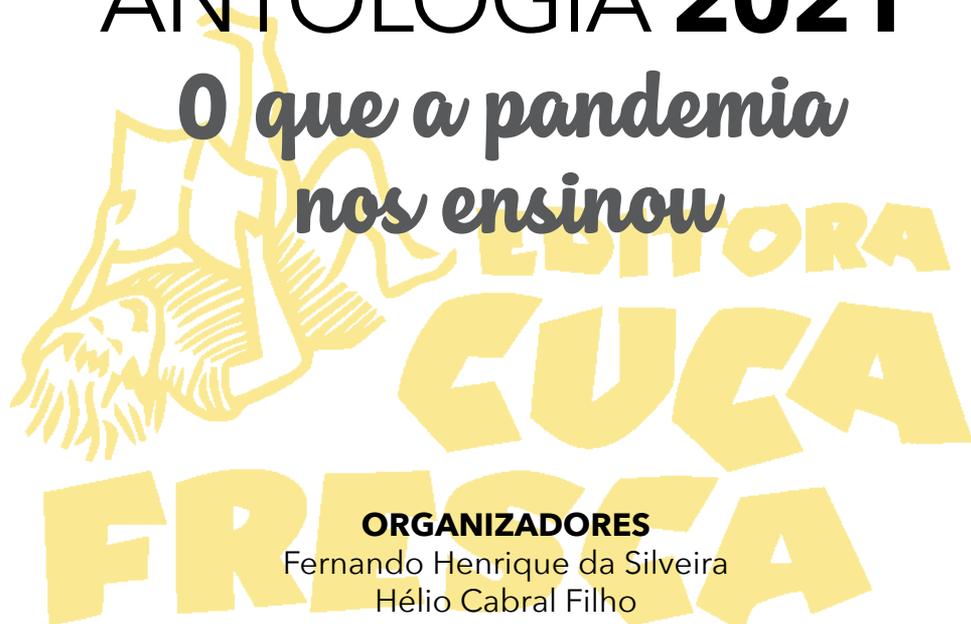


ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

PREFEITURA MUNICIPAL DE BIGUAÇU

ANTOLOGIA 2021

*O que a pandemia
nos ensinou*



ORGANIZADORES

Fernando Henrique da Silveira
Hélio Cabral Filho



Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

A168

Academia de Letras de Biguaçu

Antologia 2021: o que a pandemia nos ensinou / Academia de Letras de Biguaçu; Fernando Henrique da Silveira (Organizador), Hélio Cabral Filho (Organizador) - Florianópolis: Cuca Fresca, 2021.

164 p.; 16 X 23 cm

ISBN 978-65-89894-05-6

1. Antologia. 2. Concurso Literário - Secretaria de Educação do Município de Biguaçu-SC. 3. Poesia. 4. Prosa. I. Academia de Letras de Biguaçu. II. Silveira, Fernando Henrique da (Organizador). III. Cabral Filho, Hélio (Organizador). IV. Título.

CDD 869.908

Índice para catálogo sistemático

I. Antologia

Produção editorial

Editora Cuca Fresca

Equipe executora

Ana Marson

Gustavo Monzón

Inês Ruivo Andrade (design)

Marta Martins da Silva

Conteúdo e imagens da obra

Academia de Letras de Biguaçu

Organizadores

Fernando Henrique da Silveira

Hélio Cabral Filho

ISBN 978-65-89894-05-6

Todos os direitos reservados à Academia de Letras de Biguaçu

TIRAGEM: 500 EXEMPLARES

A Editora Cuca Fresca (Conel-Comércio Nacional e Editora de Livros Ltda.) não se responsabiliza e não responde pelos direitos autorais do conteúdo escrito e das imagens (miolo e capa), bem como pela autenticidade e originalidade do conteúdo constante e veiculado na presente obra, que foi fornecida pela Academia de Letras de Biguaçu, através dos organizadores da Antologia 2021. A responsabilidade da Editora Cuca Fresca nesta edição é única e exclusivamente para a produção editorial (revisão, projeto gráfico e impressão), através de Contrato firmado com a Secretaria de Administração do Município de Biguaçu.

Ficam resguardados a logomarca e o nome da Editora Cuca Fresca, sendo proibida a sua utilização para qualquer outro fim.



Editora Cuca Fresca /Conel Ltda
São José (Grande Florianópolis), 2021
E-mail: contato@editoracufresca.com.br

25 anos



**ACADEMIA DE LETRAS
DE BIGUAÇU**

Fundada em 20 de setembro de 1996

DIRETORIA E CONSELHO FISCAL

Gestão 2020/2023

Presidente: Fernando Henrique da Silveira

Vice-Presidente: Carlos Antônio de Souza Caldas

Primeiro-Secretário: Aduino Beckhäuser

Segunda-Secretária: Osmarina Maria de Souza

Tesoureiro: Hélio Cabral Filho

Assessor Jurídico: José Braz da Silveira

Assessora Cultural: Celso de Souza

Bibliotecária: Janice Marés Volpato

CONSELHO FISCAL:

Pedro Paulo dos Santos

Luiz Nocetti Lunardelli

Rogério Kremer

José Ricardo Petry

Dulcinéia Francisca Beckhäuser

VOGAIS:

Valéria Maria Kravchychyn

Ana Cristina Lavratti

Vera Regina da Silva de Barcellos

Miguel João Simão

Josiane Rose Petry Veronese





FREQUENT

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se afastam da vida – umas porque usam de fórmulas visíveis e portanto vitais, outras porque vivem da mesma vida humana. Não é o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso.

Fernando Pessoa



SUMÁRIO

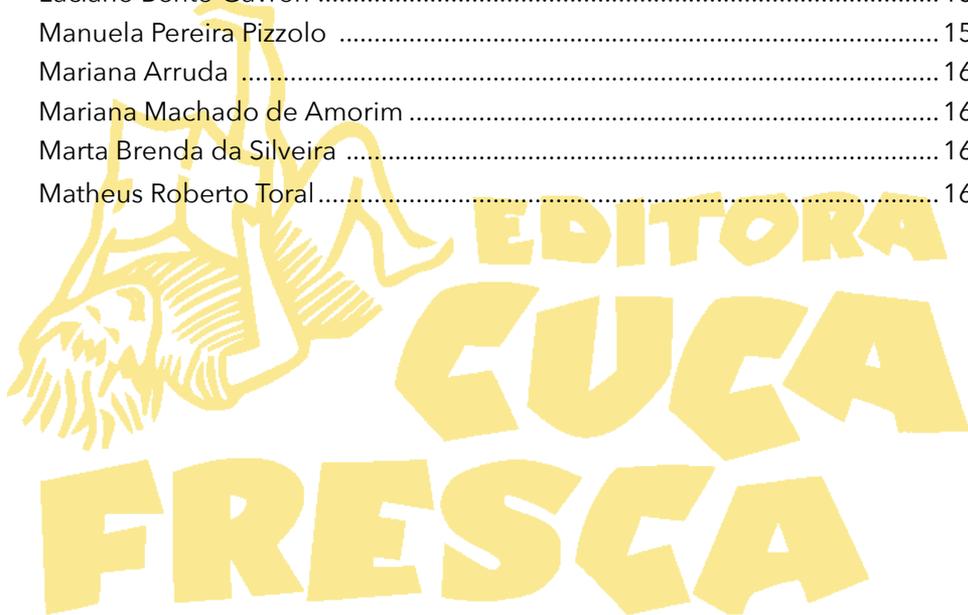
Homenagem - Homero Costa Araújo	13
Abertura - Prefeito de Biguaçu - Samir da Silva	15
Prefácio - Hélio Cabral Filho.....	17
Agradecimentos	19

ACADÊMICOS

Josiane Rose Petry Veronese Cadeira n° 1	23
Adauto Beckhäuser Cadeira n° 2	28
José André Gesser Cadeira n° 3	30
Cesar Luiz Pasold Cadeira n° 4	35
Afonso Rocha Cadeira n° 6	40
José Braz da Silveira Cadeira n° 9	45
Janice Marés Volpato Cadeira n° 10.....	48
William Wollinger Brenuvida Cadeira n° 11	55
Ângela Regina Heinzen Amin Helou Cadeira n° 12.....	60
Dalvina de Jesus Siqueira Cadeira n° 14.....	63
Carlos Antônio de Souza Caldas Cadeira n° 16.....	68
José Ricardo Petry Cadeira n° 17	72
Sérgio Silva Schulenburg Cadeira n° 18.....	74
Osmarina Maria de Souza Cadeira n° 20.....	77

Fernando Henrique da Silveira	
Cadeira nº 21.....	81
Valéria Maria Kravchychyn	
Cadeira nº 24.....	85
Miguel João Simão	
Cadeira nº 25.....	92
Esperidião Amin Helou Filho	
Cadeira nº 28.....	97
Felipe Farias Ramos	
Cadeira nº 30.....	101
Hélio Cabral Filho	
Cadeira nº 32.....	103
Dulcinéia Francisca Beckhäuser	
Cadeira nº 33.....	110
Vera Regina da Silva de Barcellos	
Cadeira nº 34.....	112
Celso João de Souza	
Cadeira nº 36.....	118
Pedro Paulo dos Santos	
Cadeira nº 37.....	121
Sandra Regina Clara Nepomoceno Pinto	
Cadeira nº 40.....	125
	
Amanda Souza de Quadros.....	131
Bianca Sá Stefanos.....	133
Bruno Eduardo Vieira.....	134
VENCEDORES DO CONCURSO 2021 MUNICÍPIO DE BIGUAÇU	
Ana Beatriz Alves.....	137
Ana Beatriz Vieira.....	138
Ana Clara Delagnelo.....	139
Ana Luiza Sagas.....	140
Andresa Alzira Israel Pereira.....	141

Beatriz Silva Soares.....	142
Brenda Gobbi de Oliveira	143
Carmen Helena Maria	144
Carmen Sofia Maranhão Flach	145
Eduardo Lentz Gasparini Filho	146
Érikka Luiza Machado Rohrig	147
Gabriel Vivan Gonçalves	148
Gabrielli Farias da Silva	149
Gustavo dos Santos Soares	150
Hellen Fortunatos Mendonça.....	151
Isadora Schmitt Petry	152
Kamili Souza da Silva.....	153
Lara Lapolli da Silveira Moraes	155
Letícia Dallagnelo Meira	156
Lucas Pereira Silva.....	157
Luciano Bento Gavron	158
Manuela Pereira Pizzolo	159
Mariana Arruda	160
Mariana Machado de Amorim	161
Marta Brenda da Silveira	162
Matheus Roberto Toral.....	163





HOMENAGEM



Homero Costa Araújo (1948-2020)

Nasceu em Lages, no dia 6/8/1948, e faleceu no dia 9/12/2020.

Deixou sua esposa, Cecília Maria Correa Araújo, seus quatro filhos (Fabrício, Fernanda, Felipe e Homero Filho) e três netos (Matheus, Antônio e Luca).

Ocupou a cadeira nº 31 da Academia de Letras de Biguaçu (Albig) desde o dia 15/12/2006

Formado em Técnico de Contabilidade, Administração de Empresa na UFSC e Direto, também na UFSC.

Foi professor na Escola Técnica Federal de 1972 a 1998. Trabalhou como administrador na Casan e na Codesc de 1972 a 1979.

Foi advogado autônomo e diretor da Empresa Vida, Importação Comércio e Representações Ltda.

Autor das seguintes obras: *Fogo de Chão, então, então; Caminho das Tropas; Prosas de Galpão; Por detrás das Taipas; Cama de Pelego; Confraria da Coxilha.*

Seu penúltimo livro escrito foi *Arrinconado em Floripa*, da Editora Insular. Seu último livro está no rascunho e será editado em breve pela família.





ABERTURA

É com imensa alegria que escrevo estas palavras de agradecimento e de felicitações num ano marcado por tantas desgraças, perdas e vulnerabilidades. Agradecimento especial à Secretaria Municipal de Educação e à Academia de Letras de Biguaçu por terem se unido em prol da produção deste tão bonito e interessante material. Como gestor público, acredito que esta relação de união de forças é que move a sociedade e produz o

bem. Um obrigado especial também dedico às confreriras e confrades pela produção dos textos, bem como aos professores das redes de ensino público e privada envolvidos no projeto.

Meus parabéns e reconhecimento vão para aqueles que, mesmo passando por muitas dificuldades sociais, econômicas e de aprendizado, mostraram que tudo podem e que os obstáculos que a vida impõe podem ser superados com muita força de vontade: os nossos alunos de Biguaçu. Vocês foram primordiais neste processo! Parabéns por terem aceitado participar do concurso e, também, por terem sido escolhidos para a publicação!

A pandemia da Covid-19 nos ensinou a lidar com muitas dores e medos, mas também mostrou que é possível darmos o nosso melhor em favor daquilo que acreditamos. Quando todos nós damos as mãos e vamos em busca do mesmo objetivo, não há obstáculos que ultrapassem nossas forças. Que sigamos este exemplo para enfrentarmos os desafios que ainda hão de vir.

A Prefeitura de Biguaçu pretende fazer sua gestão ao lado da população e das organizações, sempre apoiando e incentivando as ações relacionadas à Educação e, por assim dizer, àquelas que dizem respeito à produção de obras literárias e à formação dos futuros escritores. A Academia de Letras encontrou uma grande parceira, pois a Prefeitura sempre estará de portas abertas para receber projetos como este.

Parabéns a todos os envolvidos na Antologia 2021! Que nosso próximo ano seja de paz, de realizações, de resiliência e de superação de desafios. Que mais projetos possam surgir em parceria e que tenhamos cada vez mais crianças e jovens que despertem para o ato de ler e escrever, pois, assim o sendo, suas marcas ficarão para sempre na literatura e na vida dos biguaçuenses.

Salmir da Silva
Prefeito de Biguaçu



PREFÁCIO

O que a pandemia nos ensinou

Podemos tirar diversas conclusões, sejam elas humanas, políticas, sociais, espirituais, científicas, religiosas e por aí vai.

Aqui nesta antologia de 2021 da Academia de Letras de Biguaçu, apresentam-se diversos trabalhos, esmiuçando essa questão da pandemia, suas verdades e suas consequências.

Podemos vislumbrar, por exemplo, o autor discorrendo sobre o futuro das crianças e dos idosos, enfrentando todos os seus medos, todas as mazelas e se deparando com a falta de perspectivas, numa visão não apenas poética, mas bem contundente e real.

Também encontramos algumas críticas, bem construídas, sobre o nosso sistema de saúde, sua importância, suas fraquezas e sua necessidade urgente de se reestruturar.

O silêncio; a solidão; o distanciamento; o isolamento; a saudade; as ausências; a falta de um abraço, de um carinho, de um contato; tudo isso e muito mais encontramos aqui nesta antologia, na forma de palavras amenas e depoimentos emocionantes.

O leitor vislumbrará textos nos quais se destacam a importância da solidariedade, da piedade, do perdão, da empatia... mostrando que essa pandemia pode ser comparada a uma professora severa, nos dando lições doloridas, mas imprescindíveis para que possamos avaliar nossos comportamentos e nossas atitudes.

Nunca se deu tanta importância para a saúde e o bem-estar das pessoas. A necessidade de políticas públicas voltadas para a população carente, que vive à mercê dos atendimentos dos postos de saúde e hospitais, já, desde sempre, bem desestruturados.

Leremos depoimentos de quem sofreu com a doença, de quem perdeu pessoas próximas e da solidariedade por quem perdeu seus entes queridos. O choro, o lamento e a dor de quem sentiu na pele as consequências desse mal e da importância de todos se cuidarem, seja na higiene do dia a dia, seja na prevenção, mantendo hábitos saudáveis e constantes.

Também iremos nos deparar com matérias em que se destacam o negacionismo, os comportamentos hostis, as críticas infundadas e descontextualizadas; com a indiferença de alguns e com a insensibilidade de muitos.

Nesta colcha de retalhos bem tecida, bem traçada, bem tramada e tão bem construída, iremos nos deliciar, nos emocionar com causos, casos, fatos e depoimentos de todas as formas e sentidos, trazendo sentimentos diversos de inquietude e de paz; de ódio e de amor; de revolta e de esperança... ora lhe aquecendo a alma, ora fazendo trepidar o coração.

Sinta-se à vontade, leitor amigo. Explore, viaje, contemple tudo o que está aqui reunido, pois foram produzidos com todo o carinho pelos acadêmicos da Academia de Letras e pelos estudantes da nossa querida Biguaçu.

Deixo abaixo minha humilde mensagem de paz e de alegria, sabendo que, embora tenhamos que enfrentar tempestades tão letais, o sol sempre voltará a brilhar. Boa leitura.

Paz em tempos de pandemia

Procura a tua paz a cada dia;
Procura, a cada dia, a tua paz.
De dar o teu perdão, sendo capaz;
Agindo com paixão e harmonia.

Sabendo o quanto a vida é tão fulgás,
Espalha o teu amor, tua alegria;
Nesses momentos, dessa pandemia,
Exercita ser bom, cada vez mais.

Pratica, sempre, a solidariedade;
Cultiva a gentileza e a gratidão,
A paciência e a generosidade.

Estenda, humildemente, a tua mão,
Levando, a cada ser, tua bondade,
Tua esperança a cada coração.

Hélio Cabral Filho

AGRADECIMENTOS

Ao município de Biguaçu, na qualidade de seu prefeito Salmir da Silva;

Ao Prof. Oscar Silva Neto, secretário municipal de educação de Biguaçu;

A todos os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal da ALBIG, gestão 2020/2023;

A todos os confrades e congreiras da ALBIG, por suas contribuições e participações na Antologia 2021;

Aos membros da Academia Mirim da ALBIG;

A todos os participantes e vencedores do Concurso Literário 2021 do município de Biguaçu, em parceria com a ALBIG; (Edital 008/2021/SEMED).

A todas as escolas públicas e particulares do município de Biguaçu;

A todos os moradores da nossa querida Biguaçu, que valorizam nossa arte, nossa cultura e nossa literatura.

FRESCA





ACADÊMICOS

EDITORA

CUÇA

FRESCA







Josiane Rose Petry Veronese

Cadeira nº 1

O cuidado com a criança: um ano novo, um respiradouro de esperança

Cuidado: frágil

*Tantos gritos ao nosso redor,
Luzes,
descompassos,
desatinos.*

*Como obstar os conflitos?
Como resguardar a amorosidade,
o encanto
a comensalidade?*

*A vida parece se perder em meio a tantos antagonismos,
contradições
impertinências.*

*Como resguardar o que é puro
para que não seja violado?*

Maltratado?

Ignorado?

É algo simples,

É algo complexo.

É preciso um giro

É preciso cuidar do ser

Como se fosse necessário diante do ser criança

Muitos outdoors,

Placas de alertas:

“Cuidado: frágil!”

(Josiane Rose Petry Veronese)¹

1 VERONESE, Josiane Rose Petry. **Partitura em poemas**. Florianópolis: EMais, 2018, p. 22.

O ano novo se inicia e se faz criança. Criança a anunciar a beleza da vida e sinaliza algo que é fundamental, a qual estamos perdendo em meio a tanta brutalidade e descompassos: a necessidade do cuidado. Este é o grande legado que a pandemia provocada pela Covid-19 deveria nos dar.

O cuidado com a criança, com o adolescente, o idoso, com os mais vulneráveis, o cuidado com a nossa casa comum, a mãe natureza.

O ano novo anuncia que é imprescindível uma alegria acompanhada de esperança. Precisamos ser esperançosos, pois nos perdemos no poço da tristeza que alimenta em muitos, infelizmente, a depressão. Mas tal não basta. Há uma tomada de atitude que demanda desses novos tempos que o ano novo costuma trazer.

O novo ano anuncia a necessária coragem de enfrentarmos os nossos medos, de acreditarmos no outro e com ele nos comprometermos: a responsabilidade do cuidado.

Heidegger, em *Carta sobre o Humanismo*, revela que “a linguagem é a casa do ser” (2013, p. 47), qual seja, a “morada do ser humano” (2013, p. 47), concluindo que “ao habitá-la o homem ex-siste, desde o momento em que, guardando a verdade do ser, pertence a ela” (2013, p. 47).²

Pois bem, se a linguagem norteia e noz faz seres compromissados, muito mais, aliado ao exemplo poderá ver e retirar a criança do “mundo adulto” e de seus cuidadores.

É que a criança nos dá uma contínua e grande lição: ela se abandona, se lança nos braços de quem ama. A criança que vive em um ambiente seguro, que corresponde ao descrito no art. 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente, tem esta saudável característica: confia.

Art. 19. É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral. (Redação dada pela Lei nº 13.257, de 2016)

Não à toa que devemos, como adultos, imitar a criança, no sentido de que ela acredita que todos a protegem. Jamais passa no seu coração que seus pais, mães, responsáveis, amigos, possam lhe ferir. A criança em sua essência traz o mais puro dos conceitos: o adulto é protetor.

No entanto, nem sempre o cuidado, a proteção, o zelo, o carinho, o amor são reais. Crianças são violadas por quem deveria ser seus guardiães. Crianças são negadas na sua condição de sujeitos e, assim, atores de direitos, direito à proteção, ao cuidado.³

² Tradução da obra em espanhol.

³ VERONESE, Josiane Rose Petry (autora e organizadora). **Direito da Criança e do Adolescente:**

Não existe insanidade maior que a violência, em especial, quando realizada pelos pais, responsáveis, escolas, instituições.

As crianças, todas, arteiras, quietas, rebeldes ou não. Nas palavras de Saramago: “anjos de cara suja”.⁴ A poeira da bagunça, do estar nas ruas, calçadas, lambuzar-se na lama, os banhos de chuva.

“Anjos de cara suja”, não de fuligem, a denunciar o árduo trabalho nas fábricas, lavouras, carvoarias. Não é para isso que nossas crianças nascem. Elas nascem para a vida. Tudo que é inverso ao seu pleno desenvolvimento é *thanatus* – morte. Criança é *eros* – vida.

Que 2021 traga a todos nós uma certeza renovada: é preciso acreditar no ser humano. As intolerâncias, as guerras e os egoísmos precisam ser banidos. Precisamos tão somente sermos humanos e nos fazermos criança. A necessária pequenez que nos faz ver o quanto somos insignificantes e nos perdemos em humanidade, quando esgotamos a nossa essência pelas vielas da violência.

Vencidas as vicissitudes de 2020, que possamos colher de 2021 um ano pleno de saúde, prosperidade e motivação a favor dos direitos da criança e do adolescente. Que a criança encontre seu respiradouro: é preciso proteção, é preciso cuidado, é preciso atitude na defesa de seus direitos.

Quando se é criança

*Quando se é criança tudo é mais leve,
ou pelo menos,
deveria ser mais leve.*

*O olhar é puro,
as bagunças são terríveis,
as gargalhadas incontrolláveis.*

Por isso me dói na alma

A criança negada

A criança violada

A criança infeliz.

*Violência e infância são palavras
que jamais poderiam estar juntas.*

Uma é a negação da outra.

A violência aniquila a infância,

A infância é negada pela violência.

novo curso, novos temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019. E, ainda: VERONESE, Josiane Rose Petry (org.). **Estatuto da Criança e do Adolescente**: 30 anos. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020.

4 SARAMAGO. José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

*Criança e amor
Criança e brincadeiras
Criança e alegrias
Criança e estudos
Esses são os verdadeiros binômios
para a realização do ser criança
Criança feliz
Tão só e plenamente: criança.*

(Josiane Rose Petry Veronese)⁵

Referências

- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 1º jan. 2021.
- HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre el Humanismo**. Versión de Helena Cortés y Arturo Leyte. Madrid: Alianza Editorial, 2013.
- SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- VERONESE, Josiane Rose Petry. **Convenção sobre os Direitos da Criança** - 30 anos: sua incidência no Estatuto da Criança e do Adolescente. Salvador: JusPodivm, 2019.
- VERONESE, Josiane Rose Petry (autora e organizadora). **Direito da Criança e do Adolescente: novo curso, novos temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.
- VERONESE, Josiane Rose Petry (org.). **Estatuto da Criança e do Adolescente: 30 anos**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020. VERONESE, Josiane Rose Petry. **Partitura em poemas**. Florianópolis: EMais, 2018.

Síntese biográfica

Professora Titular da Disciplina de Direito da Criança e do Adolescente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e Doutora em Direito pela UFSC, com pós-doutorado pela PUC Serviço Social/RS e pós-doutorado em Direito pela UnB, sob a supervisão do Prof. Dr. Airton Cerqueira-Leite Seelaender. Professora dos Programas de Mestrado e Doutorado do Curso de Pós-Graduação em Direito/UFSC. Coordenadora do Núcleo de Estudos Jurídicos e Sociais da Criança e do Adolescente (Nejusca) e colíder do Núcleo de Pesquisa Direito e Fraternidade. Integra a Academia de Letras de Biguaçu/SC, com a cadeira nº 1 e a Rede Universitária para o Estudo da Fraternidade (Ruef). Dezenas de obras, capítulos de livros e artigo que versam sobre o Direito da Criança e do Adolescente. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3761718736777602>. E-mail: jpetryve@uol.com.br

5 VERONESE, Josiane Rose Petry. **Partitura em poemas**. Florianópolis: EMais, 2018, p. 52.

Cadeira n° 1 - Patrono: Abelardo Sousa

Professor, pianista, compositor, maestro, jornalista e escritor. Nasceu em Florianópolis, em 18 de fevereiro de 1920, falecendo em 27 de maio de 1986, filho de Álvaro Corcoroca de Sousa (1879-1939), neto de José Brazilício de Sousa (1854-1910). É considerado um dos mais importantes líderes da cultura catarinense.

Publicou suas crônicas, artigos e ensaios no jornal *O Estado*, além da publicação de diversos livros, entre os quais destacam-se: *O Sábio e o Idioma* (IOES, 2002); *A Secretaria da Educação de Santa Catarina* (1975); *O Mestre-Escola Viaja no Tempo* (1978). " *O Mestre-Escola Viaja no Tempo* (1978), trata-se de uma coletânea, resultado de artigos escritos para o jornal *O Estado*, nos anos de 1976 a 1978; *Um líder na rota do cronista* (1986); *Painéis, Contos* (1982).



Adauto Beckhäuser

Cadeira nº 2



A pandemia e o que mudou em nossas vidas

A pandemia nos levou a refletir sobre a vida, para vislumbrar um futuro melhor.

E salvar vidas, o melhor remédio foi o isolamento social.

Fomos obrigados a viver dentro de um limite nas nossas residências.

E a única comunicação com o mundo foi a digital imperando em todas as camadas sociais.

Esta pandemia mudou a maneira como lidar com o nosso corpo tomando todos os cuidados imagináveis e possíveis.

O sorriso era oculto pela máscara, ficando o sorriso no olhar triste e choroso. Olhar e olhar sem ver um caminho para o amanhã.

Mortes e mortes assombraram nossas vidas com nenhuma possibilidade de um último adeus e um beijo de despedida.

Restam as lágrimas que caem por entre a máscara que usamos.

E nem vento levou o último olhar de despedida de um ente querido.

Ficando o olhar no mundo das lembranças.

Que tristes lembranças estas pregadas no muro de nossas vidas.

E fica somente o olhar com seu melancólico sorriso. E a vida continua.

Síntese biográfica

Nome: Adauto Beckhäuser

Data Nascimento: 29 de julho de 1944

Filiação: Gabriel Carlos Beckhäuser e Maria Vieira Beckhäuser

Naturalidade: Tubarão/SC

Nacionalidade: Brasileiro

Profissão: Advogado militante desde 1975.

Funções exercidas:

- Professor Adjunto IV aposentado pela Universidade Federal de Santa Catarina.

- Professor Universitário do Curso de Pedagogia de Joinville, na Associação Catarinense de Ensino.
- Professor Universitário da Unisul.
- Diretor de Escola Secundária da Rede Estadual.
- Professor da rede estadual e particular de Ensino Médio.
- Atualmente presta assessoria jurídica para grandes empresas da capital e de todo o estado de Santa Catarina, desde o ano de 1975 até a presente data. Atuante nos Tribunais de 1º e 2º grau, na esfera Federal e Estadual.
- Presidente da Associação da Família Beckhäuser no Brasil (Afabe - 2001 a outubro/2017)
- Foi presidente da Academia de Letras de Biguaçu (2010-2017)
- Membro efetivo do Instituto dos Advogados de Santa Catarina.
- Presidente da Federação das Academias de Letras e Artes de Santa Catarina (Falasc - 2017 até a presente data)

Formação - Graduação Superior:

- Filosofia pela UFSC, Florianópolis/SC
- Pedagogia pela FUMBA, Bagé/RS
- Direito pela UFSC, Florianópolis/SC

Pós-Graduação - Especialização:

- Mestrado em Direito Tributário pela Universidade Federal de Santa Catarina.
- Tecnologia Educacional pela Universidade Federal de Santa Catarina.
- Cours de Langue Française Heures - Université Catholique de Belgique - Institut des Langue Vivante - Belgique (Bélgica).

Curso Capes:

- Português, registro de professor de 1º e 2º graus.
- Desenho, registro de professor de 1º e 2º graus.

Doutorado:

- Doutorando em Doctorat spécial em Droit, Faculté de Droit - Université Catholique de Louvain-la-Neuve - Belgique.
- Doutorando em Direito pela Universidade do Museu de Buenos Aires - Argentina, em convênio com a Unisul.

Trabalhos realizados:

- Dissertação de Mestrado: Sistema Jurídico Estatutário X Consolidação das Leis do Trabalho.
- Tese: Le Régime Juridique de Fonctionnaire Public Bresilien e Belgique (Etude Comparative du Statut Juridique du Fonctionnaire Public Dans le Droit Bresilien et Dans le Droit Belge).
- Tese: A Prova no Direito Civil Brasileiro.
- Publicação Livro: *História da Família Beckhäuser no Brasil*.
- Publicação Livro: *Sonho, Sonhado e Realizado* (em português e alemão).
- *1862, A Saga da Família Beckhäuser no Brasil*, desde a vida de Johann Karl Beckhäuser.
- *O Auto da Imigração Alemã* (em português e alemão).
- Músico
- Escritor
- Poeta

José André Gesser

Cadeira nº 3

O que essa pandemia nos ensinou



Ela nos relatou um sistema em que foi preciso mudar costumes, focar em todos os cuidados referentes à saúde e a proporcionar momentos mais reflexivos a nós.

Essa pandemia nos proporcionou reflexões referentes ao silêncio, nele descobrimos a calma em nossa alma que anteriormente era pouco existente – pela nossa maneira de frequentar com frequência festas, saídas para os mais diversos lugares os quais nos eram disponíveis.

Assim nos ausentamos de certas folias, mas, se escapamos ilesos dessa pandemia, ainda teremos que obter dentro de nós a mais plena alegria que nos contagia. Pelas vidas que já inexistem que se contaminaram, vindo a óbito por essa maldita doença Covid-19, e a gente aqui, vivos, tendo a oportunidade de reviver.

Por vezes choramos a perda de um ente querido, assim percebemos sempre mais a importância da prevenção. Também percebemos como é interessante ainda fazer algo de bom por alguém que já pouco tem e por nós ainda reviveu também, pois doando carinho, respeito e amizade se obtém o mais puro amor de nosso semelhante.

Em certos momentos no nosso trabalho tivemos a oportunidade de ajudar a quem realmente precise, isso nos fez bem. Gerou-se a crise, o desespero rondou e ainda ronda a vida de muitos brasileiros e brasileiras.

A pandemia desestabilizou planos governamentais, todos passaram por dificuldades, isso fez mais ainda o povo sofrer. Evidenciou-se a pouca oportunidade de emprego, quase parou a economia, proporcionando somente fracassos, dando assim um desânimo na classe que proporcionava maior oportunidade de trabalho.

Porém, o que se descreve é as pessoas se unindo, excluindo o desânimo, indo em busca de transformações, criando oportunidades, reinventando a vida. Pois no dia a dia se percebe como nós brasileiros encontramos um jeito

de nos adaptarmos ao que queremos, se sobrevivermos entende-se que jamais estaremos desanimados por completo e daremos um jeito de inovar o que por nós poderá se transformar amanhã.

Sabendo que pouco se sabe jamais se imaginou existir em algum momento uma catástrofe dessas, mas o tempo tudo pode transformar e é nessas inovações que se está o segredo de prosperar rumo ao desenvolvimento tão carente nesses tempos em que a miserabilidade se encontra instaurada nos mais diferenciados setores, que, por precaução, desistem de investir e assim excluem a possibilidade de gerar mais oportunidades a todos que carecem dessa base para sobreviver.

Essa pandemia nos possibilitou uma transformação, fez-nos perceber como é importante manter o equilíbrio onde se estiver agora. Ela nos levou a entender a preciosidade de compreender o momento e assim seguir as regras impostas a nós, cuidando de quem precise, nos precavendo de contaminações que somente poderiam gerar óbitos a mais daqueles aos quais presenciamos já por certos momentos em nossa vida nesses tempos.

Aos poucos começa a surgir a vacina, nela se estabelece a esperança em dias melhores – pela certeza que a imunização nos proporciona e traz a nós a possibilidade de recomeçar a vida que havíamos perdido, agora novamente está aos poucos estabelecida, obtendo-se uma certeza e nela a esperança surgida.

Imunizar é o que poderá salvar inúmeras vidas, através da imunização se obtém uma certeza, nela se segue com maior calma, se obtém requisitos para um futuro promissor e se retém a desesperança. Passa-se a entender uma nova maneira de acreditar na vida, será a saída mais capacitada a nos trazer de volta a tranquilidade que perdemos.

Perdas irreversíveis já aconteceram, acontecem e acontecerão nesses tempos. Infelizmente a Covid-19 danificou inúmeras famílias e as deixou enlutadas. Por certas vezes se pagou um alto preço pela falta de prevenção, por outras as pessoas já continham certas doenças e não obtiveram os cuidados requisitados pelos seus médicos, devido ao congestionamento dos setores da saúde com a falta de leitos, remédios e pouca disponibilidade de se encontrar algum hospital adepto para essa doença a ser tratada.

Nesses tempos todos se uniram em maior busca por DEUS, certas vezes esquecido, quando não se imaginava essas catástrofes, agora somente se encontrava esperança num CRISTO (salvador que viria e curaria as pessoas). Mas esqueceu-se que o mesmo DEUS apenas nos ofereceu a inteligência, se a usarmos corretamente, obteríamos maior possibilidade de não nos contaminarmos e escaparmos ilesos a essa maldita doença.

Assim entendemos sempre mais “como é importante se cuidar”, entender que é necessário se prevenir, ver que quase todas essas contaminações

somente acontecem pela falta de capacidade em acreditar nessa doença. Somente perceber sua fatalidade quando se está entubado, num respirador mecânico, sabendo que ali muitos não retornam mais à vida, apenas se tornam mais um óbito, morrendo.

A Covid-19 refez nossas ideias sobre a vida, nessa pandemia se presenciou um grande número de óbitos, só assim se entendeu a importância em estar preparado. Mesmo sendo essa doença algo muito rápido, que em momentos já se poderá concretizar em algum óbito, tendo, dessa maneira, pegado muitos de surpresa, nunca imaginando acontecer isso com seu irmão, com sua mulher, com a mãe ou com alguém que era uma cara bem fisicamente, porém, através da Covid-19, perdeu sua vida em horas ou até em minutos.

Obteve-se uma maior capacidade de estar com quem amamos, pois em todos os lugares as pessoas apenas fizeram o que era necessário para sobreviverem e logo após já retornaram para suas casas, entendendo o perigo que estava rondando suas vidas. Ali obtiveram a oportunidade de estar mais presentes, sendo pai, mãe, filho, filha, avós, tendo a possibilidade de encontrar melhores condições e sua presença ajudar mutuamente a todos na família através de diálogos mais bem esclarecidos, tempo para escutar um ao outro, percebendo a importância de se amar mutuamente.

Ninguém escapou ileso dessa pandemia, todos tivemos que nos prevenir, ainda nos encontramos nesse estado com poucas vacinas. Se amanhã ainda estivermos aqui, poderemos até nossos últimos dias contar essa história assustadora que devastou e continua devastando inúmeras vidas pelo mundo, vindo a causar a desestabilidade e o pânico em todas as pessoas que já perderam a esperança e fogem de tudo, semelhante ao estado de guerra.

A carência de vacina continua nos afetando por esses tempos, mesmo assim percebemos que será possível escaparmos ilesos, se tivermos a mesma sorte de agora.

É necessário ainda manter-se focado, há esperança em dias melhores, mesmo por vezes tão devagar, devido à falta de imunização. Nada como o tempo para tudo se acalmar e entender que isso era preciso para nos ensinar – principalmente a sermos mais humanos, percebendo que é necessário amar. Entendendo que se precisa equipar sempre mais os órgãos da saúde para os mesmos obterem maior empenho e possibilidades de estarem preparados quando surge uma pandemia dessas.

Sendo que desse modo entendemos a importância de os órgãos governamentais patrocinarem a ciência, através dela será possível conter com maior facilidade pandemias e doenças que vão surgindo e danificando inúmeras vidas em todos os tempos. Tendo uma ciência mais equipada, se obterá facilidade em pesquisas, tudo terá uma eficácia melhor em menos tempo, salvando inúmeras vidas.

Focando nesses objetivos entende-se a capacidade de estabelecer uma inovação em prol da ciência, fazendo da mesma algo que insira maiores pesquisas avançadas, estabelecendo com maior facilidade a base que orienta e alerta as autoridades a tomarem providências em tempo adequado, não deixando para depois, desacreditando nos órgãos científicos e agora pagar um alto preço pelas inúmeras vidas dizimadas, doando apenas a loucura e o sofrimento às pessoas que perdem a coragem de seguir, apenas ficando se cuidando, fugindo de tudo que imaginam vir a se contaminar.

Assim essa pandemia nos doou caros ensinamentos, fez-nos perceber a necessidade de se cuidar, a preciosidade da vida, a capacidade de estabelecer regras e a incapacidade causada pela falta de recursos em prol da vida. Percebeu-se como é duro não entender os cuidados necessários, como foi triste perder quem amamos e como nos sentimos desestabilizados em todos os setores.

Mundialmente, é preciso os órgãos públicos se unirem, imponham leis que visam à melhora da saúde, que faz com que a humanidade se previna e tenha a capacidade de entender como “é importante a prevenção”. São ações a serem estabelecidas, tornando o mundo mais humano.

Espera-se que com certo tempo se foque nesses contextos que poderão doar a nós melhores condições de lidar com doenças, fazendo-nos cidadãos e cidadãs que obtêm as esperanças renovadas com maior facilidade, sendo que é essencial cuidar sempre mais da vida, sem ela tudo se acaba e termina.

Tenho certeza de que se a gente viver e estiver aqui após mais alguns anos, ainda teremos a oportunidade de conversar sobre essa catástrofe que atingiu o Brasil, nosso estado, nosso município, nossa localidade e nossa família. Pois estaremos sempre aptos a contar sobre a triste realidade por nós vivida, com a perda de vizinhos, irmãos, amigos, parentes e diversas pessoas que nos contagiaram e nos transformaram em gente que se cuida melhor com a prevenção. Percebe-se onde precisa de higienização e luta por melhores condições da ciência, através de investimentos doados a mesma.

Somente a ciência, com maiores investimentos e a união de todos e todas poderá sanar com mais facilidade essas doenças e salvar vidas que poderiam agora estar presentes conosco, convivendo e estando junto a nós. Suas ausências serão para sempre doloridas, criando um vazio insubstituível, entendendo assim “como é importante a prevenção em todos os setores” e em toda nossa vida.

Mesmo assim é preciso reviver após essa pandemia, acreditar e lutar por um mundo mais humano. Se “eu e você” fizermos nossa parte, com certeza construiremos vidas melhores.

Síntese biográfica

José André Gesser nasceu em 16 de junho de 1975, na cidade de Antônio Carlos/SC. É professor, escritor, agricultor e feirante.

É graduado em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura e é Pós-Graduado em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, Educação Especial Inclusiva, Anos Iniciais e Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Literatura.

Filho de Ambrósio Gesser e Hilda Kíster Gesser.

É membro da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina (ALBSC), com o número 58.

Também é membro da Academia Biguaçuense de Letras, com a cadeira nº 3.

Em 2019 recebeu o certificado Homem Brillhante (Instituto Articulli e Academia de Letras do Brasil e de Santa Catarina).

Lançou até agora 6 obras: *Como ser Feliz Verdadeiramente, Mascaras de Nossa Vida, Minha Terra - um ótimo lugar para se viver, Detalhes, Viver, EDUCARE - educação e inclusão*.

Em 2020, participou de 2 antologias coordenadas pelo professor Miguel Joao Simão, denominadas 'Sonhos de Liberdade' e 'Olhares de Saudades'.

Em 2021, participou de 2 antologias coordenadas pelo professor Miguel João Simão, denominadas 'Mãos Que Marcaram Nossa Vida e Noites de Inverno'.

Cadeira nº 3 - Patrono: Adolfo Konder

Adolfo Konder nasceu em Itajaí/SC a 16 de fevereiro de 1884, filho de Marcos Konder (sênior) e de Adelaide Flores Konder. Bacharel em Direito.

Eleito deputado federal por Santa Catarina.

Foi governador do estado no período de 28 de setembro de 1926 a 26 de março de 1930.

Foi senador por Santa Catarina.

Adolfo Konder faleceu no Rio de Janeiro a 24/9/1956, aos 72 anos de idade.

Foi político, orador, escritor, diplomata, deputado, senador, governador e grande personagem da história catarinense, foi sepultado no Cemitério da Irmandade do Senhor dos Passos em Florianópolis/SC.



Cesar Luiz Pasold

Cadeira nº 4

O que a pandemia nos ensinou

A pandemia é uma professora terrivelmente má que nos ensinou – e ainda nos ensina – lições de diversas espécies, das mais dolorosas às menos doloridas.

Também parece nos lecionar – tal qual uma professora paciente – Letras e Artes comprometidas mais efetivamente com o Amor.

Não com qualquer Amor, mas sim aquele mais semelhante ao que sentimos pelas Mães e pelos Pais: **Amor** mais dolorido quando ela, ou ele ou eles já desencarnaram, ou seja, quando já libertos da carne e dos ossos, estão em plano não físico. E, de outra parte, o sublime Amor de tê-los vivos e conosco no dia a dia!

A produção de nossas **Letras**, em tempo de pandemia, seja em poemas, contos, crônicas, ensaios, vai do realismo absoluto e até cruel, ao lúdico, e nele muitas vezes alçando-se ao patamar dos depoimentos excessivamente passionais.

A **Poesia** ou composição poética como querem alguns, nesses mesmos tempos, compromete-se com amor ou desamor, beleza ou feiura, esperança ou decepção, temas míticos ou místicos, palavras clássicas ou neologismos, rimas perfeitas ou inexistentes.

Mas, perguntaria minha/meu leitor/a curiosa/o: a produção de poemas – independentemente das lições da pandemia – não está sempre preenchendo as alternativas acima especificadas?

Provavelmente sim, respondo com aquela impaciência típica de tempos de coronavírus cruel e implacável. Mas não tão peremptórios.

Já os **Contos e Romances** descrevendo momentos e fatos reais ou criados, parecem ter um tom cinza-escuro, mesmo quando a estória (ou a história – depende do caso) não é totalmente deprimente e/ou tenebrosa.

As **Crônicas**, por sua feita, são mais libertárias, mas não necessariamente pacientes com seus personagens e fatos – reais ou mais ou menos imaginados – qualquer que seja o tempo ou a epidemia ou pandemia.

O/a leitor/a deseja uma prova do que está dito no parágrafo acima?

Provo eu mesmo, aqui, agora e cabalmente ao escrever e publicar o presente texto, que – goste-se ou não – é uma Crônica! (sentiram nesse parágrafo a minha “impaciência pandêmica”?).

Já os **Ensaio**s, se são a respeito de assuntos técnicos ou científicos tendem ao encaixe, a qualquer preço, de conexões e exemplificações nos campos vastos das realidades e especulações pandêmicas!

Contudo, quando são Ensaio que tratam de temas atuais ou pretéritos sob o tom cor-de-rosa, abundam as frases românticas positivas – ou negativas.

Elas – **as** frases – sejam excelentes ou péssimas, sempre estão dependentes da inspiração determinante nos seus autores naquele dia, hora e principalmente, do momento no qual acabaram recém de ler as mensagens recebidas pelo Watts.

Nelas, ou seja, **nas** frases, estão predominando, com contundência, escritos dos que estão exauridos pelas atividades – sérias ou divertidas – *on-line*.

É e assim o é – aqui assumo esse diagnóstico extremo – por culpa **exclusiva** da pandemia e do isolamento social.

Em negrito na linha acima ressalta-se o ponto de radicalismo que pode assolar a maior parte dos Seres Humanos, críticos ou não, quando tenham – livre ou por obediência – que se submeter ao confinamento social.

Ausentes os encontros no bar da esquina dos sábados ou dos almoços nos restaurantes no domingo, as “vítimas” do isolamento social parecem estar em ápices de mágoa, depressão, infelicidade, mais prevalentemente em sábados e domingos. Assim o é com adultos, é claro.

Por que as crianças (...ahhh...) muitas delas, quando possuem disponíveis os brinquedinhos eletrônicos ou tecnológicos preferidos – em regra – e com poucas exceções na realidade infantil que me cerca – não se incomodam com sábados e domingos. Ao contrário, nesses dias muitas delas são incapazes de se sentir infelizes e de reclamar – tímida ou veementemente – por se tratar de dias sem aulas! E sob tal configuração, dedicam-se ao desfrute do que mais gostam, mergulhadas concentradamente em seus celulares e/ou *laptops*.

Voltando aos adultos, muitos, nos domingos, dedicam-se a “colocar seu sono” em dia e cultivam, legitimamente – como eu faço com convicção – a sagrada Deusa da Preguiça!

Como se pode constatar, mesmo em pandemia, os ensinamentos que aprendemos de e sobre crianças e adultos, não são muito diferentes dos que temos em tempos sem obrigatoriedade de uso protetivo das máscaras faciais e quando livres estamos de uma necessidade legítima de isolamento social. Ou não?

Essa pergunta curta e objetiva ao final do período acima mostra um dos ensinamentos principais que – pelo menos comigo – predominou até aqui nessa epidemia! Qual é? É o cultivo da **dúvida!**

Essa pandemia é assim: quando a gente começa a julgar conhecê-la, ela nos ensina novidades cruéis. A principal delas é a capacidade do coronavírus de se recriar em novas “cepas”, provocando insegurança até nas pessoas vacinadas.

O mesmo tem ocorrido com alguns que já foram contaminados, passaram por tratamentos delicados, superaram e sobreviveram, mas temem o retorno terrível. Essas situações, insisto – por mais óbvias que possam parecer, se constituem em duras lições!

Outro ensinamento importante que a pandemia nos dá é sobre se é positivamente conveniente adotarmos uma classificação tipológica para a Saúde, considerando que ela tem mais de uma dimensão. Lembro que quando classifica, a inteligência humana sempre tipifica. E quando tipifica, provoca a ampliação da percepção das nuances situacionais e, portanto, aumenta nossa capacidade de perceber e “tratar” estados de alteração de Saúde.

Tenho reiterado, em meus escritos⁶ nesse tempo de pandemia, uma informação que considero relevante, qual seja a de que a Organização Mundial da Saúde (OMS)⁷ propôs, já lá em 1947, um conceito operacional para Saúde no qual é consagrada uma tríplice perspectiva de abordagem. Nele também há uma formulação negativa que se compõe com os momentos positivos e torna o conceito mais coerente e mais forte.

É que a tríade destacada no conceito confere mais robustez tanto para as possibilidades de melhor diagnóstico quanto para o mais adequado encaminhamento de soluções e tratamentos dos desafios no campo da Saúde Pública ou Coletiva. Ao falar também em Saúde Social, a OMS está estimulando a preocupação séria e as correspondentes ações em favor do desenvolvimento melhor distribuído para a Sociedade!

Depois dessas considerações, lembro que, para a OMS, a definição da Saúde é: *“um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”*.⁸

Como se percebe, além das três dimensões, esse conceito revela uma íntima e significativa relação com a visão e concepção de maior e melhor qualidade de vida para todos/as!

6 Vide PASOLD, Cesar Luiz. Percepções dos Efeitos da Pandemia nas três dimensões da Saúde. In: SILVEIRA, Luiz Alberto (coautor e organizador). **Retratos Pandemia 2020**. Florianópolis: Vitelli Publisher, 2020. p.335-350.

7 A sua denominação oficial é *World Health Organization*, com a sigla WHO.

8 Disponível em: <https://www.google.com/search?q=OMS+e+seu+conceito+de+saude&oq=OMS+e+seu+conceito+de+saude&aqs=chrome..69i57j33i22i29i30i5.12121j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 29 maio 2021.

Em síntese, em minha opinião, o principal ensinamento da pandemia até agora, portanto, é que devemos atentar sempre e zelar para que haja a promoção, o tratamento e a recuperação/reabilitação da Saúde na sua dimensão tripla: a Física, a Mental e a Social!

Enfim, é preciso divulgar e praticar essa concepção!

Síntese biográfica

Advogado (OAB/SC 943) e professor universitário. Doutor em Direito do Estado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP).

Pós-doutor em Direito das Relações Sociais pela UFPr. Doutor *Honoris Causa* pela Univali. Mestre em Instituições Jurídicas e Políticas pela UFSC. Sanitarista e mestre em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública de São Paulo. Professor nos Cursos de Mestrado e Doutorado em Ciência Jurídica na Univali. Membro da Academia de Letras de Biguaçu - cadeira nº 4 - Patrono Altino Flores; Academia de Letras de Palhoça - cadeira nº 4 - Patrono Jorge Lacerda; Academia Catarinense Maçônica de Letras - cadeira nº 20 - Patrono Ari Kardec Bosco de Melo; Academia Catarinense de Letras Jurídicas (Acalej) - cadeira nº 01 - Patrono Henrique Stodieck. Autor, entre outros, de: PASOLD, Cesar Luiz. Percepções dos Efeitos da Pandemia nas três dimensões da Saúde. In: SILVEIRA, Luiz Alberto (coautor e organizador). *Retratos Pandemia 2020*. Florianópolis: Vitelli Publisher, 2020. p.335-350. PASOLD, Cesar Luiz. Elogio a(os) Garis, sempre! In: SILVEIRA, José Braz da. *Antologia 2020* - Academia de Letras de Biguaçu/Academia de Letras Mirim. Biguaçu: AMOLER Editora, 2020. p. 42-51 (coautor); *Metodologia da Pesquisa Jurídica: Teoria e Prática*. 14. ed. rev. atual. amp. Florianópolis: E-mais, 2018); *O Pensamento de Henrique Stodieck* (org. Joaçaba: Unoesc, 2016); *Função Social do Estado Contemporâneo* (4. ed. Itajai: Univali, 2013. E-book, disponível gratuitamente em: <http://siaiapp28.univali.br/LstFree.aspx>); *Ensaio sobre a Ética de Norberto Bobbio* (Florianópolis: Conceito Editorial, 2008); *Lições Preliminares de Direito Portuário* (Florianópolis: Conceito Editorial, 2007); *Duas Teses de Telmo Vieira Ribeiro* (co-org. Joaçaba: UNOSC, 2015); *Ensaio sobre Meio Ambiente e Direito Ambiental* (Florianópolis: Insular, 2012).

Cadeira nº 4 - Patrono: Altino Corsino da Silva Flores⁹

Altino Flores nasceu no "arraial" das Capoeiras, no município de São José, em 4 de fevereiro de 1892. Filho de Maria Martinho da Silva Flores e Manoel da Silva Flores. Casado com Zilda Callado e com cinco filhos: Marili, Noemi, Percival, Enio e Zita. Sua descendência se completava com 18 netos e 23 bisnetos, números computados quando faleceu em 19 de outubro de 1983, aos 91 anos. Foi um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras, a qual frequentou por 63 anos.

⁹ Síntese Histórica elaborada com base em: JUNKES, Lauro (org.). **Altino Flores** - Textos Críticos. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2006 (Coleção ACL nº 27).

Lauro Junkes afirmou que desde “cedo, Altino foi um apaixonado por livros” e se caracterizou em toda a vida como “um homem de observação, de estudo e de leitura durante toda a vida”.¹⁰

O inesquecível escritor e desembargador Norberto Ungaretti resumiu muito bem aquele que denominava como “Mestre Altino Flores”, assim: “*Jornalista desde praticamente a adolescência frequentou as páginas de numerosos periódicos aqui editados, sempre naquele estilo inconfundível e brilhante que rivalizava com Barreiros Filho (seu cunhado), Tito Carvalho, Gustav Neves, Othon D’Eça, os Irmãos Callado (também seus cunhados) e tantos outros que ilustravam a imprensa catarinense*”.¹¹

A extraordinária escritora e jornalista Maura de Senna Pereira, que ele tanto estimulou, justificou a admiração dela e de tantos por Altino Flores: “Não só pela imensa cultura era ele querido e admirado, mas também como caráter íntegro e pela bondade e gentileza de seu trato”.¹²

Altino Flores foi secretário do governo na administração do governador Jorge Lacerda (1958-1958), cujo mandato foi ceifado por acidente aéreo no qual faleceram também o senador Nereu Ramos e o deputado federal Leoberto Leal. Lacerda, quando assumiu, manteve Altino, que já era secretário na administração anterior (no governo de Irineu Bornhausen) pelas suas qualidades, em especial “intelectual respeitado (um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras) e operoso servidor público”, com um reconhecido “espírito de organização” e pelo seu “especial senso de zelo pela coisa pública, o que era um valor especialmente importante para Jorge Lacerda”.¹³

Resalto, de sua veia literária, o texto denominado *Goethe - os novos e os velhos*, em minha opinião um dos seus mais interessantes (e fundamentalmente mais críticos) ensaios, no qual revela, entre outras qualidades literárias, um conhecimento profundo dos autores clássicos europeus.

Encerro essa apertada notícia histórica sobre Altino Flores, com a sua frase inicial do primoroso texto acima referido, assim redigida: “Uma das maiores levandades da crítica é considerar os grandes homens - os gênios - criaturas fenomenais, cujo aparecimento e floração independem de fatores propícios de fatores vários. [...] O próprio Goethe, cujo bicentenário de nascimento há pouco se comemorou, disse numa das suas conversações com Eckermann: ‘Fala-se sempre de originalidade; mas o que quer dizer isso? Logo que nascemos, começa o mundo a atuar sobre nós e assim prossegue até a nossa morte. E, além disso, que poderemos chamar nosso, verdadeiramente, a não ser a energia, a força, o querer?’”.¹⁴

10 In: JUNKES, Lauro (org.). **Altino Flores** - Textos Críticos, p. 15.

11 In: O Estado (20/10/1983). *Apud* JUNKES, Lauro (org.). **Altino Flores** - Textos Críticos, p. 17 (itálico no original).

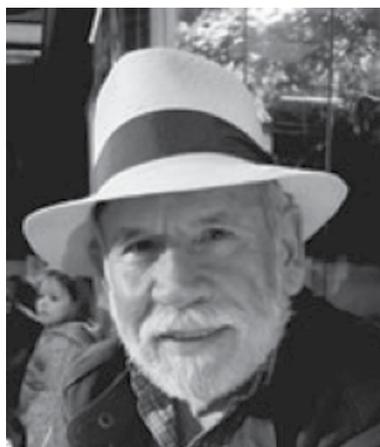
12 In: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1983. *Apud* JUNKES, Lauro (org.). **Altino Flores** - Textos Críticos, p. 21.

13 In: PASOLD, Cesar Luiz. **Jorge Lacerda**: Uma Vida Muito especial. 2. ed. Florianópolis: OAB/SC Editora, 2004. p. 138.

14 In: FLORES, Altino. *GOETHE* - Os “novos” e os “velhos”. In: JUNKES, Lauro (org.). **Altino Flores** - Textos Críticos, p. 25.

Afonso Rocha

Cadeira nº 6



O que a pandemia nos ensinou?

O que a pandemia nos ensinou? Sim, repito o tema escolhido em boa hora para a Antologia de 2021 pela Academia de Letras de Banguçu, por ajuizar que ele concentra os cuidados que devem preocupar todo cidadão brasileiro nos dias de hoje.

Seria fácil responder que aprendi a ser mais cuidadoso com minha higiene, com minha saúde mental e física e a ser mais seletivo nas relações sociais, humanas, respeitando e protegendo os direitos de cada indivíduo na sociedade como se fosse a mim mesmo.

Mas as questões pertinentes, ligadas a vivenciar a pandemia, não são assim tão simples.

A pandemia mexeu, e muito, com o conceito de cidadania e o posicionamento que cada um de nós ocupa na sociedade. Assistimos, entristecidos, ao divisor de águas entre o responsável e o irresponsável; entre o conhecimento técnico-científico e o conhecimento empírico; entre o saber geral e o desconhecimento e até, entre a burrice, a tirania, a arrogância e o respeito pelo bom senso comum.

Logo que a Covid-19 mostrou para o que vinha, dois blocos se formaram na sociedade, tendo por base opções políticas e ideológicas que levaram ao estremar de posições antagônicas. Se de um lado se colocaram os que acreditam no conhecimento técnico-científico, do outro, se alojaram os que correm atrás de credices, egos pessoais, negando o inegável, não só a ciência forjada pelos humanos ao longo dos séculos, mas também o conhecimento acumulado pelo conjunto da humanidade.

E o pior, é que esta divisão da sociedade levou a que um grande número de indivíduos ridicularizasse e desvalorizasse a própria doença, de nível pandemônico – tratando-a com o desprezo de que não passava de uma “gripinha”, de um “resfriadinho”, que se estavam a “superdimensionar” os pe-

rigos, afirmando-se de que não passava de uma “coisa de medricas própria do povo brasileiro”, de que “todos vamos morrer”, etc. – levou a que o país não se acautelasse, se preparasse e adequasse para enfrentar e minimizar os efeitos mortais da pandemia e o sofrimento da população.

Os cuidados e as regras já testadas e apontadas por organismos credíveis de nível internacional – como a Organização Mundial da Saúde (OMS) – viriam a ser ridicularizados e desvalorizadas – quiçá atacados – pelos maiores responsáveis pela gestão pública nacional – incluindo o presidente e o ministro, o que conduziu ao alargar ainda mais do fosso entre os que queriam enfrentar a doença em bases técnico-científicas, o vírus ou verme letal, e os que se colocaram no lado da irresponsabilidade, da arrogância e da tirania.

Foi – tem sido – uma luta entre David e Golias, encontrando-se dum lado os que querem enfrentar a pandemia e do outro os que desviam os olhos para outros interesses estranhos ao país e ao grosso da população. Este divisor de águas colocou, frente a frente, os poderes centrais da União e do outro, os que de mais perto convivem com a realidade deste país: os Estados e os Municípios.

Quando a pandemia, perigosamente, mais apertou, quando o número de mortos aumentou assustadoramente no país e ao nível mundial, o país não estava preparado para dar uma resposta adequada e enfrentar o flagelo, faltando pessoal especializado, hospitais, leitos de UTI, máscaras, oxigênio, gás, luvas e outros instrumentos de proteção, bem como insumos e remédios para tratar de quem adoecia e aumentava drasticamente as filas de espera nos hospitais e nos postos de saúde.

E mais grave, o negacionismo desses incautos, imaturos e irresponsáveis isolou o país do concerto das nações civilizadas, tornando-se ainda mais difícil equipar o país com vacinas, matérias-primas e equipamentos indispensáveis, não para tratar de uma gripezinha qualquer – como então afirmavam –, de uma maleita do momento, mas para combater uma pandemia que, só no Brasil, já infetou – tendo presente os números na data em que escrevo (20 de maio) – um número igual a toda a população conjunta das cidades de São Paulo (a maior do país) e a de Salvador, capital de Minas Gerais (16 milhões), e se concentrarmos em duas cidades, toda a população conjunta de São José e de Chapecó, no estado de Santa Catarina (440 mil pessoas), terá vindo a óbito.

Este meu posicionamento não é um manifesto acusatório a uma só pessoa, mas o estrebuchar de alguém que quer aprender e, porque também foi pego pelas garras do vírus mortal, fala com a autoridade de quem sofreu e chegou a perder o sentido e a noção da própria vida, e que, ainda hoje, sofre com as sequelas que marcam seus dias.

Quando, em termos mundiais, se atinge os 165 milhões de cidadãos infectados, tantos quanto os cidadãos dos treze maiores estados brasileiros

(SP, MG, RJ, BA, PR, RS, PE, CE, PA, SC, MA, GO, AM e ES), o número de óbitos, por sua vez, iguala todos os habitantes de Mato Grosso. Em Santa Catarina, nosso estado de eleição, o número de infectados bate o recorde dos 937 mil, igualando o somatório da população de Joinville e de Blumenau, enquanto o número de mortos (15 mil) iguala a totalidade da população de Dionísio Cerqueira, que ocupa a 89ª posição, num total de 295 municípios. E vimos, entristecidos, que alguns dos mais altos funcionários e gestores do país continuam a ridicularizar o sofrimento das pessoas, a minimizar os seus efeitos mortais, a contrariar as leis e a regulamentação prescrita pelos técnicos do próprio Ministério da Saúde e outras autoridades, leva-nos a perder a esperança, e o respeito, por tal ou tais cidadãos levianos e irresponsáveis.

Perante estas realidades – e na sequência do título da nossa Antologia – é triste, mas não nos podemos alhear, meter a cabeça na areia. Temos de tirar lições para o futuro.

E a primeira grande lição não pode ser outra senão a de constatar que o Brasil tem estado mal, muito mal e despreparado, para resistir aos efeitos nefastos da pandemia. Veja-se a dificuldade que enfrentamos para obter insumos e as tão necessárias e desejadas vacinas.

Logo a seguir vem outra grande lição, que é a de que só a ciência e a experimentação científica são valores que ultrapassam fronteiras, universais, virando um importante patrimônio da própria humanidade. Não é porque vieram dos países da América; dos países da Europa; dos países da Ásia ou dos países da África, que os saberes são ou não seguros e confiáveis, mas porque, e no caso vertente, organismos supranacionais os superintendem e os avaliam. Não pode, pois, nenhum homem ou conjunto de homens, por muita arrogância e libertinagem que ostentem, agir contra esse saber acumulado e já largamente testado.

A terceira lição que retiraria, entre este confronto de comportamentos, é a de que qualquer dirigente, eleito ou nomeado, não pode gerir as questões públicas como se fosse sua “república” sua quinta, fazenda ou chácara, fechando os olhos à sociedade, arrogando-se no direito de ir contra o saber – neste caso a medicina. Um bom gestor, independentemente dos seus credos religiosos, políticos ou clubísticos, tem de ter sempre em conta os interesses globais, e neste caso nacionais, respeitando as opiniões diversificadas da população, independentemente da aparente força que ostenta ter e de ser ocasionalmente maioria ou minoria. Um bom gestor é aquele que respeita os contrários, as oposições, e não aquele que só sabe governar a favor do “seu grupo” de apoio. Em gestores destes não se pode confiar, nem hoje, nem amanhã.

Foi (é) triste ver diariamente aparecer, nas antenas das tevês e nas páginas dos jornais, líderes políticos, religiosos, empresários e gestores públicos

não cumprindo, e mesmo até denegrindo e recusando as medidas de vigilância sanitária aprovadas por quem de direito, para prevenir a pandemia e a propagação da doença viral.

A quarta lição que retiro deste estado de calamidade pública é que devemos respeitar o nosso espaço sem invadir o espaço do outro. Minha saúde depende da saúde do outro, daquele com quem me relaciono em casa, no trabalho, na comunidade. Se eu não cumpro os cuidados de segurança, ele fica em perigo; se é ele que não cumpre, sou eu que fico em perigo. E neste dilema não há terceira via.

Há quem defenda a liberdade de cada um fazer o que quiser. A coberto desta pretensa democracia, desta pretensa liberdade, os negacionistas, para quem o mundo ainda é quadrado ou plano, incorrem num erro ainda maior, esquecendo que a nossa liberdade só existe porque respeitamos a liberdade do próximo. Não se pode somente conceder liberdade, direitos e regalias “à nossa maioria” ou à “nossa família”, quando o que está em causa é a saúde e a segurança pública de toda a população.

Por esse motivo, e no caso vertente da pandemia, deve prevalecer, mais uma vez, o saber científico. E o que nos diz o saber científico? Que não existe tratamento nem cura precoce. Que o tratamento, por enquanto, só pode ser assegurado pelo uso de máscara, pela higienização das mãos, pelo distanciamento social e pela toma da vacina, seja ela qual for, desde que aprovada por quem tem oficialmente esse dever. Não existe segunda ou terceira via. Ninguém se pode furtar, sem justificação médica, à toma da vacina. Quem o fizer deve ser responsabilizado e punido por cometer crime público. Com a saúde pública dos cidadãos, não se pode ser liberal e muito menos brincar.

Por fim, mais um ensinamento que recolhi desta nossa experiência coletiva: valorizar mais, e melhor, o ser humano.

O ser humano é senhor das transformações. O homem descobriu e viajou pelo mundo, pelos ares, foi à Lua, mergulha nas profundidades da terra e dos mares. A sua força e capacidade de realização é imensurável. Mas sua vida é curta e frágil. Num dia somos tudo e no outro somos nada. Quantos de nós perdemos familiares e amigos, conhecidos, que até ontem nos acompanhavam e eram saudáveis e hoje se encontram sete palmos abaixo do chão. Ainda ontem escrevíamos, sonhávamos, festejávamos, criávamos, idealizávamos... e hoje, perdemos o confrade, o primo, o tio, a irmã, o pai, o avô, o neto.

Por isso passei a dar mais valor às relações humanas, às amizades, ao convívio e à partilha social; por isso procuro me aproximar mais do meu semelhante, lhe dedicando respeito e apoio; por isso aprecio mais, e melhor, a vida, a nossa vida.

Síntese biográfica

Escritor, editor, jornalista e palestrante, é formado em Ciências Contábeis e especialista em Gestão Empresarial, membro da Academia de Letras de Biguaçu/SC, ocupando a cadeira nº 6 e tendo como patronesse a professora Antonieta de Barros; e da Academia de Artes, Letras e Ciências de Cruz Alta/RS, ocupando a cadeira nº 21, tendo como patrono o poeta português António Aleixo.

Fundou e é diretor da revista literária *Corrente d'escrita - Plantando cultura* (www.afonsorochaescritor.com).

Cadeira nº 6 - Patrona: Antonieta de Barros

Antonieta de Barros - Nascida em 11 de julho de 1901, filha de uma lavadeira e órfã de pai, Antonieta de Barros foi a primeira mulher a integrar a Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Educadora, escritora e jornalista atuante, teve de romper muitas barreiras para conquistar espaços que, em seu tempo, eram inusitados para as mulheres - e mais ainda para uma mulher negra.

Deu início às atividades como jornalista na década de 1920, criando e dirigindo em Florianópolis, onde nasceu, o jornal *A Semana*, mantido até 1927. Na mesma década, dirigiu a revista quinzenal *Vida Ilhoa*, na mesma cidade. Assinava seus trabalhos com o pseudônimo Maria da Ilha. Em 1937 escreveu o livro *Farrapos de Ideias*, base de sua atuação política. Como educadora, fundou o Curso Antonieta de Barros, que dirigiu até a sua morte, em 1952, além de ter lecionado em outros três colégios.

Manteve intercâmbio com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e, na primeira eleição em que as mulheres brasileiras puderam votar e receberem votos, filiou-se ao Partido Liberal Catarinense, que a elegeu deputada estadual. Tornou-se, desse modo, a primeira mulher negra a assumir um mandato popular no Brasil, trabalhando em defesa dos direitos da mulher catarinense. A Assembleia Legislativa de Santa Catarina concede anualmente a Medalha Antonieta de Barros a mulheres que se distingam em relevantes serviços em prol dos direitos das mulheres. O Município de Florianópolis/SC atribuiu seu nome ao túnel da Via Expressa Sul.

FRESCA



José Braz da Silveira

Cadeira nº 9

Vidas perdidas ou vidas roubadas?

O que vimos no Brasil, em pouco mais de um ano e meio de pandemia, foi um verdadeiro exemplo de superação dos homens e mulheres de branco e ao mesmo tempo, um festival de desmandos, bravatas, arroubos, ações e omissões de muitos governantes, atitudes reprováveis que só contribuíram para o agravamento da crise e favorecimento da prática da corrupção. Não há dúvidas de que o Mundo não será mais o mesmo após essa devastadora pandemia. Já se vislumbram, com clareza, significativas alterações no mapa político e econômico mundial. Um novo tecido social também vai tomando forma, por certo, bem mais resistente. Esperam-se, ainda, expressivas alterações conceituais no jeito de viver da humanidade e significativos avanços da ciência e das consciências.

A vida segue por sobre um fio delgado, às vezes feito de aço, firme e forte e, outras vezes, frágil como um barbante, que parece se romper com um leve sopro. A travessia será diferente para cada um, principalmente para aqueles que perderam seus entes queridos, este, sim, danos imensuráveis. O pós-pandemia certamente vai mexer com as mentes daqueles que debocham da desgraça alheia e se negam a contribuir para amenizar a gravidade da doença. A estes o destino deverá conferir o troféu da insensibilidade, além de um espaço de honra no palanque da insensatez.

Há mais de um século, outra grande tragédia atingiu a humanidade. A chamada gripe espanhola, assim batizada por ter iniciado naquele país da Europa, foi responsável pela morte de milhões de seres humanos. Naqueles tempos, o mundo caminhava mais lento. Os sertões ainda tráfegavam a cavalo, por meio de carruagens com tração animal ou ferrovias rudimentares.

A navegação cruzava os mares com velas ao sabor do vento ou movidas a vapor. Ainda assim, a propagação da pandemia atingiu todos os continentes, alcançando os mais recôncavos rincões do planeta.

Em tempos modernos como os atuais, evidentemente que a propagação do vírus seria muito mais veloz. Multidões cruzando os céus em modernos aviões lotados e aglomerações gigantes em aeroportos mundo afora contribuíram para espalhar o vírus em poucos dias para todos os continentes. O altíssimo nível de contaminação e a falta de compreensão das pessoas do perigo também contribuíram. A letalidade da doença tomou todos de surpresa. Não seria apenas mais uma doença viral como as conhecidas gripes. Estávamos diante de um inimigo invisível, poderoso e extremamente agressivo.

Claro que tudo isso vai passar. Mas não há dúvidas de que o Mundo nunca mais será o mesmo. Esperam-se grandes avanços da ciência, pois no tocante às vacinas já se constata grandes conquistas. Vacinas eficazes foram produzidas em tempo recorde. É certo também que, em consequência desse novo vírus, surgirão outras doenças ainda não conhecidas, o que exigirá novos estudos, novos remédios e outros métodos para alcançar a cura. Esperam-se também grandes transformações na logística médica e hospitalar, assim como o aprimoramento constante das ciências da saúde. Contamos com a nossa Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz – e o nosso Instituto Butantan, que têm demonstrado a grandeza que ambos representam para o nosso país.

Por certo haverá grandes progressos em todas as áreas das atividades humanas e em todos os setores econômicos. As indústrias dos bens de consumo precisarão se adaptar aos novos hábitos dos consumidores, muito mais racionais e também mais exigentes. Estamos constatando, a cada instante, as mudanças de hábitos alimentares e de higiene pessoal. Reduziram-se os beijos e abraços, infelizmente. O contato físico foi praticamente proibido nos últimos tempos, exceto para os negacionistas, que, por pura teimosia, insistem em brincar com o perigo.

Até o futebol, esporte que sempre cativou a paixão dos brasileiros, parece se render aos novos tempos. Parece que já não sentimos falta dos estádios cheios. Os próprios atletas, ao comemorar o gol, ápice da arte do futebol, já não correm para festejar com a torcida, mas se voltam para as câmeras, instaladas nas mais variadas posições em torno do campo de jogo. Precisarão muitos atrativos extracampo para que os estádios voltem a lotar.

A indústria do entretenimento, tão castigada no transcurso da pandemia, precisará se reinventar. A indústria do turismo, da mesma forma, precisará de muita criatividade para retomar o seu curso normal. É possível que se constate um grande aumento das migrações provocadas pelo rearranjo econômico e social e a redução do turismo de lazer. As pessoas empobreceram significativamente. Só o tempo vai nos mostrar com exatidão as transformações que o Mundo vai sofrer em decorrência da pandemia.

A guerra dos meios de comunicações, incluindo-se as redes sociais, sem dúvida, será o maior retrocesso. Nunca se usou tão mal os meios de comunicação como no período da pandemia, principalmente no Brasil. Para muitos, o compromisso com a verdade deu lugar ao impulso das mensagens que impactam, mas não informam. Lamentável que em tempos tão modernos lança-se mão de um veículo tão poderoso, como são os diversos meios de comunicação, para extravasar o ódio, o revanchismo e a ira de pessoas, das quais deveríamos esperar apenas o bem.

No momento em que se está concluindo este texto, chega a notícia mais triste do ano. O Brasil atingiu a vexatória marca de 500 mil mortes. Não sabemos quantas vidas ainda vamos perder para essa terrível pandemia. São mais de 2 mil vidas tragadas por dia e sem perspectivas seguras de redução em curto prazo. Deus salve o Brasil.

Síntese biográfica

Professor e advogado, mas também se diverte escrevendo. Tem 25 livros publicados, sendo algumas obras jurídicas, alguns romances, contos e crônicas e também a participação na condição de coautor em diversas coletâneas. Foi presidente da Academia de Letras de Biguaçu, Gestão 2017/2020. Ocupou diversas funções públicas, inclusive o exercício do mandato de vereador de Biguaçu por quatro legislaturas. É um entusiasta do voluntariado, registrando-se o seu empenho e atuação em diversas instituições ou movimentos populares e/ou sociais.

Cadeira nº 9 - Patrono: Elpídio Barbosa

Advogado e professor, Elpídio Barbosa foi orgulho para o magistério e a advocacia catarinense. Nasceu no dia 2 de setembro de 1909, na cidade de Florianópolis. Iniciou seus estudos no Colégio Coração de Jesus, no ano de 1916.

Optou inicialmente pelo ramo do Direito, atividade que mais lhe atraía e não seria incompatível com o exercício do magistério, sua grande paixão. Atuou como professor no Colégio Coração de Jesus e na Escola Técnica de Comércio de Santa Catarina. Eleito deputado estadual, exerceu o mandato de 1951 a 1955, tendo sido secretário da Mesa da Assembleia Legislativa. No governo de Celso Ramos, Elpídio Barbosa foi nomeado secretário de Estado da Educação e Cultura, o mais alto cargo na área da Educação em Santa Catarina. Fundador do Conselho Estadual de Educação Elpídio Barbosa, foi escolhido o seu primeiro presidente, liderança que exerceu até a sua morte.

Janice Marés Volpato

Cadeira nº 10

Paciência e agradecimento



O mundo inteiro está passando por grandes mudanças desde que estamos vivenciando a pandemia que pode ocasionar grave infecção pulmonar, tendo como principal agente o inimigo mortal chamado coronavírus - Sars-COV-2. Ele chegou sem aviso prévio e de forma sutil e misterioso se inserindo e se alastrando por todos os lugares. Causando o pânico, a morte, além de comprometedoras sequelas físicas e mentais, também nenhum, pouco ou vários efeitos colaterais no organismo de quem sobreviveu e também de quem ainda sobreviverá à contaminação que não tem previsão de término.

Tivemos que nos adaptar a essa nova forma de vida, justamente para sobreviver ao ataque do vírus invisível. Percebemos que existe a fragilidade nas pessoas do planeta como um todo, onde um vírus tão minúsculo é capaz de fazer um estrago e pôr em risco a vida de toda população. Seja por qual motivo for que precisamos passar por tudo isso, mas com certeza existe uma transformação, tanto negativa como positiva, até porque o resultado depende de como cada pessoa reage diante das situações.

Quanto mais a pessoa mantém o sistema emocional em equilíbrio e harmonia melhor ela fica, caso contrário, o organismo fica mais debilitado e suscetível a uma baixa da imunidade. Assim acontece até com uma população, a qual pode desenvolver um risco maior de contaminação e gerar uma situação de vulnerabilidade social. É bem mais comprometedor do que se possa imaginar. Ao vivenciarmos uma situação drástica e de abrangência mundial como é o caso da pandemia nesse momento, que causa insegurança generalizada na maioria das pessoas, é preciso fortalecer o organismo também com alimentação saudável, água potável, vitaminas e principalmente, na medida do possível, manter o sistema emocional em equilíbrio e harmonia para que

não se manifestem o desespero, o medo e a tristeza que pode levar à depressão. Cair é fácil, a subida pode ser muito íngreme e com obstáculos que possam atrapalhar ainda mais.

Independentemente da idade e classe social, a rotina para sobreviver em meio ao caos é o uso de máscaras, água, sabão, álcool e principalmente o distanciamento social, como se todos estivessem contaminados. Todo esse procedimento se tornou obrigatório e necessário para as pessoas, até mesmo para as que já tomaram a vacina, pois o risco continua eminente. A esperança da maioria das pessoas é que realmente exista uma vacina que imunize toda a espécie humana. Enquanto isso não é possível, a estratégia é buscar outras formas para se evitar a contaminação.

A incerteza sobre o que pode acontecer daqui a um ano, um mês, ou mesmo um segundo tem feito com que muitas pessoas mudem sua forma de viver, pois sem uma garantia de que a pandemia termine, é necessário esperar com paciência, sem grandes expectativas, para não desenvolver uma ansiedade que já pode estar se manifestando.

A procura por recursos que promovam a vida, o bem-estar, a saúde, a segurança e a tranquilidade tem crescido muito, justamente para se libertar da ansiedade que é gerada por causa dessa situação que causa muita dúvida e receio.

Ao observar tanta mudança em tão pouco tempo e em função dessa nova realidade, iniciei uma nova programação, ou seja, um desafio para mim mesma.

Eu tinha um hábito de querer resolver tudo para ontem, com muita cobrança em relação a várias coisas e situações. A cobrança sobre minha atuação e não em relação a atitudes ou ações das outras pessoas, até porque cada pessoa tem seu tempo e limite para suas realizações. A frase de Grisa repetida várias vezes comprova a teoria, e na prática é o resultado que se vê ou sente: “Sou capaz de me compreender e sou capaz de compreender as pessoas”. Esse comando, por repetição constante, de que é capaz, faz com que a função subconsciente da mente padronize e registre como verdadeira a ordem. É uma forma gratificante para se manter longe do estresse em determinadas situações.

E nesse contexto de pandemia, a paciência, a calma e o agradecimento tem sido a meta principal. Agradecer constantemente a Deus pela vida, pela saúde, pela família, amigos e por tudo que o que vivencio faz com que perceba o quanto isso fortalece o sistema imunológico.

Sobre ter mais paciência, não significa que parei no tempo, muito pelo contrário, até porque me concedo o direito de escolher e selecionar o que considero importante priorizar e valorizar. Por exemplo: quando estou com minha neta ela é a prioridade absoluta. É assim com as pessoas, pois estão em primeiro lugar porque elas que realmente importam. “A vida é um sopro”,

nunca tive tanta certeza como agora, pois em quatro meses os pais da minha nora deixaram tudo e mudaram a forma de viver, como Grisa sempre falava e costume repetir quando se trata da morte: “Ninguém morre, apenas muda a forma de viver”. Essa mudança, seja precoce ou não, dói na alma. É uma tristeza que não deve ser alimentada. É um desafio diário e necessário para superar a falta quando as pessoas amadas mudam a forma de viver, deixando tudo como estava, simples assim, como se uma tecla delete fosse acionada e a vida se acaba.

O que talvez nos impulse para amenizar a dor é a frase que muito se ouve: “A vida continua”, faz parte da evolução dos seres vivos: nascer, crescer e morrer.

O tema da antologia é: “O que a pandemia nos ensinou”, creio que a maioria das pessoas nunca recebeu tanta informação e também aprendeu tanto em tão pouco tempo. Até em função do distanciamento social foi necessário recorrer à tecnologia para acompanhar os acontecimentos do mundo inteiro e não se tornar uma pessoa alienada.

A partir da área da saúde, em que se observa que cientistas também diferem sobre o que pode ser a solução para acabar com o vírus e como desenvolver a vacina eficaz, como na religião na procura da cura pela fé, até na política, que por meio da internet acabamos por conhecer a verdade e a mentira escancarada e que acontecia por trás dos bastidores. Hoje acontece 24 horas por dia como num Big Brother que você até pode ficar assistindo ao vivo. Também as lives a que pode assistir e interagir. Interessante esses recursos tecnológicos, até porque nos permitem escolher o que mais interessa diante de tantas informações.

Antes da pandemia havia uma discussão entre limitar uso de internet, deixar ou não as crianças e jovens tanto tempo na internet e celular, justamente porque elas precisavam ter mais contato com a natureza, com as outras pessoas e até com a própria família. Esse hábito de estar sempre com o celular já vinha causando sérios problemas emocionais e físicos.

E como num passe de mágica as escolas fecharam e as crianças e os jovens passaram a usar muito mais tempo esse recurso para poder aprender. Parece irônico, mas foi o que aconteceu. Antes da pandemia: “Desliga o celular”, assim que iniciou a pandemia o discurso mudou para: “Fica estudando no celular, ou no notebook”. Faz parte, novos tempos e a tecnologia que é tão atrativa, muitas vezes se torna exaustiva, tanto para estudar, pesquisar como para trabalhar.

Considerando as atitudes e comentários nas redes sociais em relação ao que a pandemia tem revelado, fica bem claro, principalmente sobre a atuação de políticos que almejam destaque, sucesso e poder. A luta entre o bem e o mal o tempo todo mostra a realidade e o descontentamento da população

brasileira. Infelizmente nesse jogo o que menos importa é realmente o ser humano.

Sabemos que a ganância pelo poder tem um preço alto e negativo porque pode transformar as pessoas em egoístas, orgulhosas e mesquinhas. Essa mentalidade doentia atrasa a evolução da alma. Já a pessoa que se dedica ao bem comum por amor pode chegar ao poder de uma forma completamente em paz e harmonia.

Nessa disputa entre os poderosos e o mundo assistindo de camarote sem direito a opinar, quem perde é o povo se não for tomada uma providência para beneficiar toda a sociedade, pode ocorrer um grande risco entre todos, até porque, se a informação ou opinião não condisser com os objetivos traçados por aqueles que determinam as regras, as consequências podem ser complicadas para quem questiona ou se manifesta.

O tema da antologia é a pandemia, mas o leque de informações sobre tudo o que tem surgido após a pandemia, desde fatos reais a fakes news é de 360 graus. A tecnologia favorece aos contatos por meio da internet, seja com as pessoas conhecidas e as desconhecias no mundo todo, também aos estudos, pesquisas e descobertas a um alcance impressionante na Terra, dentro dela e no universo.

Estamos realmente vivendo uma nova era, uma grande mudança está ocorrendo e assustando muito as pessoas porque tudo está acontecendo muito rápido. Essa sacudida se faz necessária também para um novo despertar. “Nada acontece por acaso e tudo na vida tem uma razão de ser”, conforme o Dr. Pedro Antônio Grisa sempre falava em suas palestras. Mas qual será a razão da pandemia? Por que tantos países estão sofrendo destruições? Em cinco dias do mês de julho ocorreram catástrofes da natureza em vários países. As profecias estão se realizando? Muito se ouviu sobre a chegada do final dos tempos, o apocalipse que se aproxima ou que já está agindo em vários lugares. Enfim, a verdade é um desafio para cientistas, religiosos e videntes que procuram desvendar os mistérios das transformações que estão ocorrendo na natureza e afetando diretamente as pessoas.

Os planetas estão em evolução constante e a energia vibra na frequência que lhes é enviada telepaticamente por meio dos pensamentos. E nesse processo de renovação da Terra, em alguns lugares a impressão é de que um gigantesco arado passou revolvendo e misturando tudo, deixando um rastro de destruição. Não dá nem para comparar com uma faxina, porque a maioria dos objetos volta para o lugar, o que não é caso dos lugares onde a água ou a terra levam tudo o que tem pela frente e a única maneira é refazer por completo quando é possível.

O que vimos e continuaremos a ver, muitas vezes, parece cena de filme de terror. Infelizmente é a realidade jamais vista anteriormente pela maioria das pessoas e não se sabe até quando.

A curiosidade sobre tudo o que está ocorrendo no mundo também gera ansiedade, bem como a dúvida e o medo. A saúde das pessoas está em primeiro lugar, ou deveria estar, conforme a Constituição. Mas há controvérsias em torno dessa realidade. Infelizmente vemos as diversas formas de relacionamento, tratamento e atendimento das pessoas, principalmente na área da saúde, em que os mais necessitados são as pessoas que muitas vezes sofrem e ficam à mercê, só aguardando por soluções que podem chegar tarde demais, como aconteceu em vários lugares durante a fase mais crítica da pandemia.

Em meio a tantas informações reais ou não, construtivas ou destrutivas, precisamos manter os pensamentos positivos e imaginar a força da energia da luz divina em torno da atual situação em que um vírus é o dominador. Manter a FÉ é um esforço que precisa ser transformado em hábito diário, ter bons pensamentos, fazer as orações, procurar compreender mais as pessoas, amar e colaborar, enfim, cultivar a paz, a harmonia espiritual, até para se libertar da ansiedade e esperar que tudo passe.

A união entre os povos, a colaboração com os necessitados, a orientação, o amor incondicional que é emanado pela energia positiva, tudo o que é para o seu próprio bem e de todos é importante procurar aplicar, desenvolver e praticar para obter os bons resultados. Nós fazemos parte da natureza, por isso evoluímos sempre. Nesse evoluir o resultado também vai depender das nossas escolhas, por isso é importante pensar antes de tomar uma decisão, antes de agir sem querer, pois se “O que se planta é o que se colhe”, nada melhor do que plantar boas sementes para colher bons frutos. Por isso o pensamento positivo, o agradecer, sentir alegria, a leveza da alma, a presença de Deus, tudo o que for feito para o bem melhora o sistema emocional e ajuda a transformar a vida de forma construtiva e gratificante.

Quem faz atendimento sabe como é o desafio diário para a maioria das pessoas, pois não é fácil sobreviver em meio a tantas situações de dificuldades. É preciso ter muito cuidado com o que pensa e fala, porque é emanada uma energia e pode se tornar realidade, dessa forma é que a vida vai sendo construída ou destruída.

Na busca pela paz interior ou na melhora do relacionamento entre as pessoas, o que importa é que todos consigam desenvolver a compreensão e realizar os seus objetivos.

Felizmente muitas pessoas estão vendo e sentindo a necessidade de buscar equilíbrio emocional e não ficar cultivando sofrimento. A harmonia, a paz interior e espiritual se consegue com mais facilidade por meio da compreensão de sua história de vida, de suas atitudes e também das atitudes das outras pessoas.

A pessoa que almeja boas mudanças em sua vida pessoal, social e profissional e não tem no momento a possibilidade para fazer um curso para obter

mais conhecimentos pode iniciar criando um novo hábito de vida, que pode ser por meio da repetição de palavras e pensamentos positivos. Mas, no caso de um trauma que atrapalha a vida, precisa de orientação de um profissional para poder se libertar e viver feliz.

A busca pela saúde do corpo e da alma tem aumentado significativamente durante essa pandemia. Tantas são as mensagens por meio de vídeos e lives sobre apocalipse e o fim do mundo, o vírus que não acaba e outros piores que estão surgindo, o Brasil virado numa panela de pressão por uma política fora da realidade, e as pessoas que ou estão no caminho de entrar em pânico ou em sintonia com o amor divino e o novo despertar.

Independentemente da religião, da seita ou filosofia de vida que a pessoa crê e mantém a FÉ em Deus, é na oração que encontra forças para prosseguir e superar essa fase de maior dificuldade.

A esperança é que quando toda essa transição em todos os setores estiver superada, desde a pandemia que continua atrasando a evolução do mundo, o caos na saúde, na política que interfere em tudo, nas religiões que não conseguem atuar com segurança, enfim, que as pessoas realmente possam melhorar o mundo, que tenham seus direitos reconhecidos e sejam capazes de compreender o que é importante fazer para viver melhor, com mais paciência, saúde e principalmente agradecer a Deus pela vida.

Síntese biográfica

Nasceu em Mafra/SC. É filha de Jayme Marés e Marianna Wisowata Marés. Casada com Pacelli Volpato e mãe dos gêmeos Laércio Marés Volpato e Leonardo Marés Volpato, casado com Marina dos Santos Souza e pai de Júlia Souza Volpato. Janice é membro da Academia de Letras de Governador Celso Ramos, Academia de Letras de Biguaçu, Associação dos Escritores da Região da Grande Florianópolis e membro fundadora da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina, com participação nas antologias. É bibliotecária, artista plástica, escritora e parapsicóloga clínica do Sistema Grisa.

Cadeira nº 10 - Patrona: Alaíde Sardá de Amorim

Alaíde nasceu em Biguaçu/SC, dia 14 de março de 1909. Em 1927 formou-se no Curso Normal no Colégio Coração de Jesus e também em Contabilidade. Exerceu o magistério por mais de 30 anos, educando várias gerações. Publicou o livro *Turismo a dois*, um relato de viagens pelo Brasil. Edição particular.

Foi presidente da Associação Catarinense de Professores e presidente da Casa da Amizade, das Esposas dos Rotarianos do Estreito - Florianópolis/SC. Foi classificada em 2º lugar no concurso "Saúde de Ouro na Idade de Ouro", com o soneto "Envelhecer". Colaborou na Antologia *Vozes Catarinenses*. Colaborou na 1ª Antologia Poética da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas

Catarinenses (ACPCC). Colaborou em torno de 40 antologias. Foi sócia atuante da ACPCC e membro da Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu, onde ocupou a cadeira nº 31.

No ano de 2013 foi homenageada pelas amigas Dalvina de Jesus Siqueira (Estrela) e Osmarina Maria de Souza (Luzmarina) com o livro intitulado *Alaíde a Imortal*, do qual tive a honra de participar com elas na organização do mesmo e nas considerações finais, justamente por ela ser minha Patrona na cadeira nº 10 da Academia de Letras de Biguaçu. As informações sobre Alaíde foram obtidas por meio de colaboração das fundadoras da Academia: Dalvina de Jesus Siqueira e Osmarina Maria de Souza.





William Wollinger Brenuvida

Cadeira nº 11

O que a pandemia nos ensinou: a vergonha que resta¹⁵

Neste momento, estamos sendo desafiados por uma espécie de erosão da vida. Os seres que são atravessados pela modernidade, a ciência, atualização constante de novas tecnologias, também são consumidos por elas.¹⁶

O físico britânico Stephen Hawking escreveu certa vez que **“O paraíso é um conto de fadas para pessoas com medo do escuro”**. Interessante-me, nessa fala de Hawking, o não dito, que é como os sentidos circulam, se movimentam, o “vir a ser” do discurso.¹⁷ Narrar/descrever, (des)obedecer aquilo que se entende por texto, compreender/reconhecer a realidade que afeta, e aprender/apreender maior variedade de significados, a multiplicidade dos sentidos. Talvez este seja mesmo nosso maior desafio diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) que agora se instala, ir além do ver e julgar, além do interpretar. Aliás, a pandemia concedeu à humanidade um cenário obtuso e perigoso. Enquanto o risco de uma contaminação em massa (e seus desdobramentos) flerta com governos autoritários e sem escrúpulos, o manto da contemporaneidade neoliberal nos propõe um simulacro e um paralelo com os horrores das duas grandes guerras, especialmente a II Grande Guerra, que expôs ao mundo a máquina de morte do nazifascismo, um imenso campo anômico que continua a prometer o paraíso como conto de fa(r)das, sub-repticiamente, relativizando a humanidade que ainda resta, mergulhada no vazio de nosso mais intenso medo do escuro.

Quem espera um paraíso para depois da pandemia da Covid-19, no limiar entre a capacidade de proliferação e potência destrutiva do vírus, e a

15 Dedico esse escrito ao meu primo-irmão José Carlos Brenuvida e a Elizane Moreira, moradora indígena da Aldeia Yynn Moroti Wherá, em Biguaçu vítimas da Covid-19.

16 KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 95.

17 ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

nossa (in)capacidade (humana) diante da superação de obstáculos para o enfrentamento da doença, engana-se. Não haverá normalidade. O mundo semanticamente normal,¹⁸ como é proposto pela contemporaneidade, padece diante da pandemia da Covid-19. Esse mundo semanticamente normal não sucumbiu diante das duas grandes guerras porque delas se retroalimentou para continuar operando/produzindo no bojo da forma histórica com dominante.¹⁹ É assim que buscar um novo possível, (r)existindo pelas bordas, “ousando se revoltar, ousando pensar por si mesmo.”²⁰, é o desafio que nos move.

A pandemia da Covid 19 vai deixar um legado da (des)ordem do absurdo. Um impacto na psique humana difícil de contornar. No dizer de Giorgio Agambem: “O mundo moderno conseguiu envilecer aquilo que talvez seja mais difícil envilecer no mundo, pois é algo que traz em si, como na sua textura, um tipo especial de dignidade, como se fosse uma incapacidade singular para ser envilecido: ele envilece a morte.”²¹ Assim como Auschwitz, o “triunfo incondicional da técnica” produziu homens como cadáveres, a pandemia está produzindo também cadáveres. Quem não morre da Covid-19 vai morrendo com aqueles que pereceram.

Quando o presidente da República enuncia que **“O agro realmente não parou. Tem uns idiotas aí, o ‘fique em casa’. Tem alguns idiotas que até hoje ficam em casa. Se o campo tivesse ficado em casa, esse cara tinha morrido de fome, esse idiota tinha morrido de fome. Daí, ficam reclamando de tudo”**,²² ele retoma dizeres que circulam e se reproduzem na contemporaneidade neoliberal. É esse imenso campo (de concentração/extermínio), antagônico, contraditório, anômico, que ao falar da morte, a classifica, a numera, vai expondo os mortos, em série, como códigos em/de barra, relativizando a morte. Este mundo dá números, mas é incapaz de narrar. Este mundo idiotiza a vida.²³ É o mundo dos agrotóxicos que relativiza a morte pela obviedade do lucro: **“Agro é Pop. Agro é Tudo”**. Totalizamos a vida. A perdemos. E nós que somos da Arte, de um círculo literário, é já presumida uma conversa, um diálogo com algo que não é normal. Nós, os escritores, poetas, ensaístas, cronistas, bem como contistas e romancistas, precisamos realizar um esforço para não apenas entender, sim compreender/reconhe-

18 PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Unicamp, [1975], 2014.

19 PÊCHEUX, Michel. Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal? In: ORLANDI, Eni P. (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, [1982], 2014.

20 PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. p. 281.

21 AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 79.

22 CARVALHO, Daniel. Tem alguns idiotas que até hoje ficam em casa, diz Bolsonaro sobre isolamento na pandemia. **Folha de S.Paulo/UOL**. Brasília. 17 de maio de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/tem-alguns-idiotas-que-ate-hoje-ficam-em-casa-diz-bolsonaro-sobre-isolamento-na-pandemia.shtml>.

23 **Idiota** deriva da expressão grega **idiótes**, e significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política. CORTELLA, Mario Sergio; RIBEIRO, Renato Janine. **Política para não ser idiota**. 9. ed. Campinas: Papirus 7 Mares, 2012.

cer o papel da pandemia no *modus operandi* dos governos autoritários. Nós que somos (da) arte jamais poderemos olvidar o que diz Walter Benjamin a respeito do fascismo, quando essa ideologia²⁴ prega o ultranacionalismo e o autoritarismo, berrando que a arte se realize, mesmo que o mundo deva perecer (*Fiat ars – pereat mundus*).²⁵

Esse envilecimento, ou seja, essa desonra é para quem fica. É a aporia incontornável, o apotegma de Wiesel²⁶ quando menciona: “**Vivo, portanto sou culpado**”. O sobrevivente da pandemia, assim como foi em Auschwitz, é aquele que não esteve além do medo da morte, que tocou o fundo, que transpassou a porta ilusória da morte. A quem fica resta essa enorme e imensurável vergonha, um opróbio, esse constrangimento por se estar/continuar vivo. Nós que recebemos (ou estamos na iminência da vacina), os assintomáticos, os “curados”, somos a imensa lacuna desta aporia.

No pouco tempo que visitei a Europa, e nas diversas obras que li ao longo dos anos, principalmente aquelas que orbitam na filosofia que me precede, eu aprendi, da forma mais dura, que as duas grandes guerras operaram uma cisão profunda, difícil de conciliar/suturar/contornar no espírito do povo europeu. Entre o que li, e o que aprendi, na/das narrativas dos meus ancestrais, e aquilo que presenciei, e que continuo lendo e observando, eu diria que as duas grandes guerras removeram, para sempre, no íntimo do povo europeu, os “contos de fadas” da narrativa cotidiana. Assim vai ser a pandemia, nesta nova edição dos “contos de fa(r)das”.

Desde março de 2020 eu não visito meus amigos da Aldeia Yynn Moroti Wherá (águas belas que brilham), doravante denominada Aldeia M’Biguaçu, na antiga Vila de São Miguel da Terra Firme, hoje um bairro periférico de Biguaçu, mas que foi a sede do município de 1747 a 1833. A pandemia interrompeu um proffico aprendizado presencial, uma troca de saberes bonita, nas diversas práticas que eles ali, na terra indígena, realizam. A pandemia interrompeu minha análise das práticas da escola da aldeia, mas inaugurou outro gesto interessante: as conversas constantes com moradores, lideranças e alunos da aldeia pelas redes sociais. Contraditoriamente, a tal visibili-

24 Compreendo a ideologia não como uma percepção sensorial do mundo externo, como um conjunto de ideias para formação de uma convicção. Para se compreender a Ideologia, discursivamente, é preciso estudar as formações imaginárias, as formações ideológicas e as formações discursivas. A Ideologia é a condição de existência e não escolha do sujeito. O que se pode ter é uma formação discursiva (FD) com dominante. Assim, eu compreendo, com base na Análise de Discurso Francesa, conforme proposta por Michel Pêcheux, que “[...] a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa.”. ORLANDI, Eni. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015. p. 94.

25 BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019.

26 WIESEL, Elie. For some measure of humility. Sh’ma. **A Journal of Jewish Responsibility**, n. 5, 31 oct. 1975.

dade, nas redes sociais, também os tirou de um isolamento que a contemporaneidade neoliberal impõe, restritos às atividades diárias da aldeia. Quando a crítica é justamente garantir que o mesmo acesso às novas tecnologias, aos saberes, aos medicamentos e recursos médicos que a sociedade *djurá*, do homem branco, recebe, nossos amigos da Aldeia também tenham acesso. Aos não indígenas, que possuam coração e mente aberta, que adentrem a Aldeia, à cosmovisão indígena, recebendo os ensinamentos ancestrais dos povos originários. É esta a troca.

A pandemia da Covid-19 afetou, em grande parte, os mais vulneráveis. Notadamente, os mais atingidos são aqueles em situação de vulnerabilidade social, e aqui se somam, num esforço imenso, as consideradas minorias, entre as quais, indígenas, quilombolas, moradores de rua, pacientes com comorbidades e/ou em situação de risco de morte, os profissionais da Saúde e Educação, os porteiros e entregadores de comida. Desde dezembro de 2019, inúmeras vezes, fingi não querer contabilizar nossos mortos, amigos, conhecidos, referências, parentes, para fugir do duro crivo dos números, perversos, oblíquos, obtusos, e também frios. Neste nosso inverno, lamacento, estendido, presenciei o tecer do fio de Ariadne, que nos leva a possibilidades de fuga, deste imenso labirinto que não parece ter fim. Os povos indígenas foram muito afetados nessa pandemia por estarem na periferia do mundo dos brancos.

No ano de 2020, durante a pandemia, enfrentamos também um ciclone extratropical que colocou em risco 300 municípios catarinenses. Talvez, essa seja uma das fases mais duras a (sobre)viver. Ailton Krenak, liderança indígena, alude que precisamos ser radicalmente corajosos para viver e não barganhar por sobrevivência. Eis nosso legado. Ousar se revoltar. Ousar pensar por si mesmo. Insistir. Tomar pontos de deriva. Somar e compartilhar. (R) existir.

Síntese biográfica *1979

Jornalista. Doutorando e mestre em Ciência da Linguagem. É especialista em Direito Processual Penal, graduado em Comunicação Social - Jornalismo - e bacharel em Direito. Contribuiu com jornais regionais. Premiado em concursos de prosa e poesia, escreveu diversos trabalhos literários e científico, entre os quais 7 *contos da resistência*. É pesquisador com assento no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), no Instituto de Genealogia de Santa Catarina (INGESC) e na Casa dos Açores de Santa Catarina. Compôs a delegação catarinense na Conferência Nacional da Cultura em Brasília-DF (2005), e os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, com a fundação do Coletivo Catarinense: Memória, Verdade e Justiça. acangatu@gmail.com - ganhos.mar@gmail.com

Cadeira nº 11 - Patrono: Juvêncio Araújo Figueredo

Poeta, jornalista e promotor público catarinense (N. S. do Desterro, 27.9.1865-Florianópolis, 6.4.1927). Tipógrafo, passando posteriormente a colaborar em vários jornais do país, viveu alguns anos no Rio de Janeiro. Importante poeta foi contemporâneo (e amigo) de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada e Horácio de Carvalho, grupo de beletristas. Da volumosa obra, se destacam: *Madrigais* (1888), *Ascetério* (1904) e *Praias de Minha Terra* (1927) e *Novenas de maio*. Fez parte da Academia Catarinense de Letras (cadeira nº 17). Militante do Partido Liberal, foi promotor público, secretário da Municipalidade em São José e secretário da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Médiun, conselheiro e divulgador da doutrina e da literatura espírita. Há uma rua em São Paulo com seu nome, e em Florianópolis.



Ângela Regina Heinzen Amin Helou

Cadeira nº 12

O que a pandemia me ensinou



Pandemia é uma palavra de origem grega e refere-se a qualquer acontecimento capaz de alcançar toda a população. Desse modo, estamos diante de um fenômeno que atingiu a todos.

Talvez um ou outro mais inteligente e mais informado já soubesse, e escutamos que a ciência já anunciava e previa um fenômeno dessa natureza, entretanto, a pandemia do coronavírus pegou a todos de surpresa e com ela tivemos que refletir, aprender e vivenciar novos hábitos, práticas e emoções.

Por conta do mandato que exerço, muito do que faço, delibero ou decido também alcança a muitos e, nesse sentido, o primeiro sentimento que me tocou foi a **empatia**: essa incrível capacidade que nos faz perceber o outro e tê-lo como referência.

Percebendo-me mais empática, descobri que cada gesto realmente importa e que cada escolha individual tem um impacto enorme no bem-estar coletivo. Essa constatação fez-me mais vigilante de minhas escolhas, das decisões que tomo no meu espaço profissional.

Diante disso, percebo que temos a responsabilidade de expandir as nossas fronteiras de cuidado para além de familiares e amigos e ajudar até mesmo quem a gente nem conhece.

A empatia trouxe junto outro sentimento muito especial: a **solidariedade**.

Solidariedade pela dor, pela fome e pela sobrevivência do outro. Solidariedade, sobretudo, pelos profissionais diretamente ligados no combate à pandemia e também pelas famílias que sofreram perdas com a doença.

Com isso, vimos o fortalecimento do movimento “compre do pequeno”. Nas redes sociais, vimos uma mobilização de pessoas solidárias ao comércio

local, o que reforça esse sentimento de solidariedade que nos leva a refletir sobre outro assunto: o **consumo consciente**.

O consumo também entrou em quarentena. Não só porque nosso espaço e tempo de compras foi limitado, mas também porque a pandemia causada pelo novo coronavírus trouxe a oportunidade de refletirmos sobre o impacto do nosso poder de compra no planeta, na economia e na sociedade. Agora cada compra vem acompanhada de uma pergunta simples, mas muito poderosa: eu preciso mesmo disso? Passamos a refletir sobre o que de fato é essencial para nós.

Tudo isso para que possamos pensar em um **meio ambiente saudável**. A natureza vem nos mostrando que do jeito que vivemos não dá pra continuar. É hora de cuidar do nosso planeta e, assim, cuidar de nós mesmos. Mesmo que ambiente seja meio, para a finalidade última que é a existência humana, temos que pensar no equilíbrio homem x ambiente para pensar em nossa sobrevivência no médio e longo prazo. Nosso planeta precisa de atitudes práticas, colaborativas, inteligentes e em harmonia com o meio ambiente.

Novas relações de trabalho e formas de gerir contribuem para a humanização de marcas, tecnologias e inovações para o cotidiano, um futuro em constante transformação. Não, nós não estamos falando do “futuro pós-pandemia”, mas sim da realidade causada pela **transformação digital** provocada pela Covid-19, o novo normal que acontece hoje.

Como será o mundo depois que tudo isso passar? Certamente não seremos mais os mesmos. E isso pode ser ótimo, sabia? Não precisamos voltar àquilo que era considerado “normal”. Até mesmo porque o planeta já nos mostrou que do jeito que estava não dá mais pra continuar.

Neste cenário, as mudanças por que estamos passando podem trazer **inspiração** para estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis. Afinal, já estamos vivendo os benefícios de escolhas mais conscientes durante a quarentena.

A gente sabe que mudar velhos hábitos é uma tarefa árdua e que exige perseverança, dedicação e tempo. No entanto, **situações de crise**, como esta que estamos vivendo, podem funcionar como um **acelerador para uma mudança** de paradigma nos comportamentos, na economia e nos governos.

Estamos em um **momento único e histórico** capaz de mobilizar a sociedade, empresas e governos em prol de um propósito comum. E, pela primeira vez, estamos vendo em proporções globais que nossos comportamentos individuais podem transformar o sistema no qual vivemos. **A sociedade do futuro está em aberto**. Por que não usarmos esse momento para criarmos um novo “normal”? O mundo nunca mais voltará a ser o mesmo e isso pode ser muito bom, mas para que essa profecia aconteça, precisamos lutar juntos por ela. E o momento é este!

Síntese biográfica

Ângela Regina Heinzen Amin Helou nasceu em Indaial em 20/12/1953. É formada em Matemática e mestre em Engenharia de Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Começou a vida profissional em 1973 como secretária da Esag/Udesc.

Desde 1976 integra os quadros da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (Codesc).

Iniciou suas atividades na pública em 1983 como presidente da Fundação de Assistência Social do Estado.

À época desenvolveu um projeto de assistência às crianças denominado PROCRIANÇA, que repercutiu no Estado de Santa Catarina até hoje.

Foi candidata à vereadora em 1988 e obteve a maior votação da história da Câmara de Vereadores de Florianópolis (7.771 votos).

Em 1990 foi eleita deputada federal, a mais votada, com 129.011 votos, e nessa oportunidade foi relatora da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Eleita prefeita de Florianópolis em 1996, foi reeleita em 2000 no primeiro turno com 57% dos votos válidos.

Nesse período, foi considerada a melhor prefeita das capitais do Brasil, pelo Instituto Datafolha, por 5 períodos consecutivos.

Desenvolveu uma série de projetos estruturantes para a cidade de Florianópolis e com eles ganhou prêmios de reconhecimento nacionais e internacionais. Destaca-se o Prêmio 100 melhores práticas do mundo conferido pela ONU ao Programa Capital Criança, voltado à redução da mortalidade infantil.

Foi eleita deputada federal por Santa Catarina em 2006 tendo novamente obtido a maior votação da história de Santa Catarina - 175.087 votos.

Na Câmara Federal foi vice-presidente da Comissão de Educação em 2007, presidente da Comissão de Desenvolvimento Urbano em 2008.

Em 2009, atuou nas Comissões de Desenvolvimento Urbano e de Ciência e Tecnologia onde também atuou em 2010. Também em 2010 foi coordenadora do Fórum Parlamentar Catarinense na Câmara Federal.

Atualmente Ângela Amin cursa Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento na Universidade do Estado de Santa Catarina.

FRESCA



Dalvina de Jesus Siqueira

Cadeira nº 14

O que a pandemia nos ensinou

Diante de tantos atropelos, deixados pelos desencontros na vida, da história, das amizades, das horas de felicidades e dos momentos difíceis desta vida, vivida cheia de altos e baixos, a pandemia nos ensinou, entre outras coisas, que não adianta chorar nem blasfemar contra Deus e o mundo, pelas perdas que temos e que tivemos. Não adianta porque nada traz de volta um filho amado que foi abatido e levado, quando tudo o que temos a fazer é aceitar o acontecimento.

Até porque não fui e nem serei a única mulher deste mundo de meu Deus que perdeu um filho por causa da pandemia. Então ficamos o que nos resta da vida, a chorar baixinho, à noite, quando se perde o sono, nosso único remédio para esquecer um pouco. E rezar todos os dias uma oração por aqueles que foram levados pela doença que mata sem dó nem piedade.

Nestas noitadas de pensamentos sobre aquele que partiu sem me dizer adeus pensei muito, em algo que voltasse no tempo, que regredisse, para me fazer um pouco mais feliz, ou menos triste. Quem sabe se o meu filho voltaria para me dizer tantas coisas que ele não me disse, talvez quando criança, com educação e respeito e depois de moço, com os seus novos amores, com a vida agitada cheia encantos e festas, bailes, trabalhos. Depois a primeira família que não deu certo, mas que lhe restaram dois filhos, netos, noras alegres e festivas e verdadeiras donas de casa, sendo que um dos filhos perdeu-se no mundo das desilusões e hoje não se sabe por onde ele andar. Mas a vida tem estas pequenas grandes diferenças. Meu filho com certeza levou consigo esta grande mágoa que a vida lhe preservou...

Do segundo casamento teve mais um filho, que é um exemplo. Meu filho. Minha vida, tanta esperança e tão cedo se foi. Esta pandemia deixou um grande vazio na minha vida, que não se apagará tão facilmente. Procurei retratos antigos guardados com muito carinho, por muitos e muitos anos, de

quando ele era pequeno, moço na flor da idade, para recordar, porque dizem que Recordar é Viver.

A pandemia também nos ensinou e eu especialmente descobri entre tantos pensamentos que me afloraram o cérebro, já cansado e triste, que este Planeta não é nosso, nós somos inquilinos que nos aproveitamos de tudo o que ele nos oferece, estragamos, não reaproveitamos nada, somos agentes de todo o mal que o Planeta está sofrendo e pedindo misericórdia, mas não temos olhos, nem consciência do mal feito.

Somos uns heróis falidos em busca não sabemos do que, nem pensamos no que pode acontecer de um momento para o outro, e nós não temos saídas, porque nós mesmos criamos tantas novidades, tantos cadafalsos que somos capazes de nos afundar neles, sem nem pensar, até porque não teremos nem tempo para tal.

Não esperávamos esta pandemia que chegou sem nos avisar e derrubou um bom terço da população do mundo. E o pior é que diante de tantas descobertas e tantos desafios descobertos pelos heróis anônimos, os Cientistas, não tínhamos uma Vacina pronta para acabar com qualquer peste que viesse assolar o mundo. E aqui soma-se às Escrituras Sagradas, as Profecias que ficaram escritas e que em Séculos anteriores, também assolaram populações inteiras. Então pensando nestas tragédias acontecidas até agora pelo tal COVID-19, a Peste, a pandemia, a morte de famílias inteiras, a fome o desemprego total, a desgraça das pessoas que moram em barracos e que estão sujeitos a intempéries, nós que por enquanto agradecendo a Deus pelo fato de ainda estarmos vivendo por aqui, mas que estamos insatisfeitos com a desgraça humana que abateu o mundo, porque nós, os seres humanos, somos por natureza uns eternos insatisfeitos.

Por todas estas razões que acabamos de falar, perguntamos.

O que a pandemia nos ensinou?

Ensinou a saber esperar, porque antes de tudo isto, nós não sabíamos esperar por nada. Nada nos faltava e tudo funcionava a nosso favor.

Esperamos pela Vacina, que pelo jeito àquela que chegou em primeiro lugar, segundo informações, e que todas as pessoas maiores de 90 anos receberam, não é nada, não vale nada, não é eficaz.

Outra razão para se falar é a questão das trocas de conversas dos governantes sobre a compra de Vacinas, ou não. Brigaram quase se digladiaram e até hoje ainda continuam a soltar alfinetadas.

Também a pandemia nos ensinou que sem Respeito não se pode viver.

Que o trabalho em casa (Home Office), foi uma das boas coisas da pandemia, pois as pessoas puderam ficar em casa para verificar como andava o cuidado com a casa e muito especialmente com os filhos.

Que a Escola Remota foi e é uma quase reforma na Educação. No meu ponto de vista, veio para ficar.

Eu vi de perto, e isso me interessou muito, pessoas da minha família, Professoras, trabalhando todos os dias com afinco e dedicação para repassar para os seus alunos o importante para que eles aprendessem, e dou aqui um testemunho. As crianças aprenderam e muito. Tiveram interesse em aprender para que seus pais vissem na hora o que estavam trabalhando. Isto foi muito importante.

Reaprendemos que todo trabalho tem o seu valor, que remendar uma roupa que rasgou ou abriu uma costura, não é nada feio, é muito pelo contrário muito.

Que colocar todas as roupas do armário para apanhar sol, de vez em quando, é muito bom. Afugenta o mofo.

Que costurar, bordar, fazer tricô, crochê é uma boa distração e nos ajuda a dispersar pensamentos ruins.

E para terminar:

Dá-me tua mão.

Dá-me tua mão que eu te darei a minha. Abraça-me com o coração, que eu te abraçarei também em forma de oração.

Biguaçu, 2 de junho do ano de 2021.

Síntese biográfica

Data de nascimento: 23 de agosto de 1929.

Filiação: Octávio Clemente Martins e Maria Marins.

Naturalidade: Biguaçu. Grande Florianópolis/SC.

Nacionalidade: Brasileira

Administradora Escolar aposentada por tempo de serviço no Magistério Catarinense.

E A E. Especialista em Assuntos Educacionais.

Obras e participações na Literatura Catarinense e brasileira.

1995 - *O Décimo Segundo* - Poesias.

1997 - *Constelação* - Poesias.

1998 - *Grandes Momentos*: contos, crônicas, orações, simpatias e poesias.

1999 - *Lalinha*; poesias e crônicas

2000 - *Biguaçu eu te amo*, breve relato sobre Biguaçu.

2003 - *Biguaçu eu te amo II*.

Participações em Antologias.

Memorial Gedo: no prelo

Biguaçu o Cidadão do Momento: no Prelo

Reminiscências: no Prelo.

O Terceiro Sonho - livro para os grupos de idosos de Biguaçu.
 Menção Honrosa na Fundação Viva Vida.
Antologia Marco Marcovick - São Paulo - p. 43.
 1997 - Primeiro Lugar no Concurso Fundação Viva Vida (poesia, p. 39)
 Terceiro Lugar no C. F. Viva Vida (crônica) - p. 217
 Segundo Lugar no C.F. Viva Vida (*O Cordão de Ouro*) pág.
 A.C. de Professores - Fragmentos da memória - p. 15
 FUCAPRO - Contos de Professor - p. 26
 FUCAPRO - Poemas de Professor - p. 27

Participações em Jornais.

NETI UFSC - Organização do Concurso de Crônicas e a apresentação do Livro.
 AJASOL 1998 - Antologia - p. 39
 "2001" - p. 60
 "2002" - p. 59

ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

1996 - Fundadora da Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu.

Antologias da Academia de Letras, de Biguaçu:

- *Um Passeio pela Grande Florianópolis*
- *Devaneios de Verão*
- *Sonhos de Outono*
- *Renascer da Primavera*
- *Veredas*
- *Aconchego*
- *Jornada*
- *Os 15 anos*

Organização e participação

Participação no livro do Ducentésimo Quinquagésimo Aniversário de São Miguel da Terra Firme

Livro São Miguel da Terra Firme - p. 121

Livro sobre Maria Olímpia dos Reis - A benzedeira.

Cursos:

Curso Superior de Pedagogia com licenciatura plena em Psicologia da Sociologia da Educação, Didática e Prática de Ensino. Conforme Registro no MEC: Número 135987. Pós-Graduação em Administração Escolar, conforme Registro Número 312722, ambos na Udesc.

Monitora da Ação Gerontológica UFSC.

Palestrante, ministrante do Curso Normal de Férias, Blumenau.

Disciplina: Didática da Leitura e da Matemática.

Ministrante do Curso para Diretores do Segundo Grau.

Treinamento Cenafor São Paulo.

Presidente da Academia de Letras de Biguaçu.

Acadêmica na Academia de Letras de Biguaçu.

Cadeira nº 14. Patrono Geraldino Atto do Azevedo.

Acadêmica da Academia de Letras de São José (Ajasol. Cadeira nº 23).

Patrono Dr. Jorge Lacerda.

Presidente da Apae de Biguaçu.
 Presidente do Conselho do Idoso de Biguaçu.
 Diretora da Primeira Ucre, sede Florianópolis/SC.
 Inspetora Escolar Substituta em Palhoça/SC.
 Radialista, costureira, bordadeira, criveira, cantora.
 Placa pela Academia de Letras de Governador Celso Ramos.
 Medalha pelo C.M. E. Dr. Lauro Locks.
 Medalha Professor Lauro Junks.
 Diploma da Academia de Letras do Brasil.
 A Academia de Letras do Brasil, outorga à Esc. Dalvina de Jesus Siqueira
 Membro Imortal da Academia de Letras do Brasil, o Título Doutora em Filosofia
 Universal. PH.1. Filósofo Imortal Honoris Causa - em reconhecimento
 A sua produção Univérsica/Literária de Repercussões Internacionais.
 Ass. Professor Dr. Mário Carabajal PHD/ PH1.
 Presidente da Academia de Letras do Brasil.
 Ass. Professor Miguel João Simão PH 1.
 Presidente da A. L. do Brasil para Santa Catarina.
 Embaixadora da Cultura de Biguaçu.
 Resolução nº 11/20011 concede o título de Embaixadora da Cultura, no
 Município de Biguaçu, à Professora Dalvina de Jesus Siqueira.
 Autor: Luiz Roberto Feubak
 Presidente da Câmara de Vereadores de Biguaçu.
 Sala das sessões, 17 de outubro de 2011.
 Assinado Vereador Luiz Roberto Feubak - presidente.

Cadeira nº 14 - Patrono: Geraldino Atto de Azevedo

Geraldino Atto de Azevedo nasceu no dia 22 de maio de 1885, Ribeirão do Meio, Camboriú, onde também haviam nascido os seus pais, e faleceu no dia 30 de janeiro de 1947 na cidade de Biguaçu.

Deixou os seguintes filhos: João Brasil de Azevedo, Pedro José de Azevedo (falecido), José Esperidião Azevedo, Maria Madalena e Maria de Lourdes Azevedo, esta última falecida.

Casou-se com dona Isaura Silva (chamada carinhosamente de dona Bicota) e estabeleceu-se aqui em Biguaçu, como comerciante.

Ao poeta, cabe sempre o direito sagrado de sonhar, e o nosso herói foi um grande poeta e sonhador. Em tudo ele via poesia, de tudo ele fazia os seus versos, era um amante apaixonado das coisas belas da vida.

Nunca publicou um livro, apesar de que os seus sonetos, poemas, respingos e crônicas foram sempre publicadas nos principais jornais do sul do país.

Seu Geraldino, pseudo-denominava-se "GÊDO". E ali, atrás daquele balcão, seu Geraldino dava vazão ao seu sentimentalismo poético, ao seu romantismo, e sua invejável veia poética trabalhava incansavelmente para provavelmente deixar para a posteridade estes belos sonetos que estão tomando corpo no Memorial Gêdo.

Carlos Antônio de Souza Caldas

Cadeira nº 16



O que a pandemia nos ensinou?

Continuamos vivendo neste período pandêmico em que predomina uma única vontade coletiva: salvar vidas diante da Covid-19. Já foram mais de 430 mil pessoas que morreram, e continuam morrendo, por uma doença para a qual já existe vacina.

O sistema de saúde afrouxou a regra para diversos procedimentos, mas ainda proíbe cirurgias eletivas de baixa complexidade com objetivo principal de poupar vagas em leitos de UTI e medicamentos, como os do chamado “kit Intubação”, para utilização em pacientes graves com Covid-19.

Isso tudo nos ensinou que, em decorrência da pandemia, os serviços hospitalares foram contingenciados. Junto a isso, o enfrentamento da situação levou uma reorganização da capacidade dos ambientes, onde o impacto no aumento de casos de óbitos gerou novas restrições. Os fechamentos do comércio, restaurantes e bares fez a confiança do comerciante catarinense cair.

A baixa política nivelou sentimentos da fome e da justiça com puro ódio contra “o outro” – o que dividiu o país entre “os que são como nós” e os que “pensam como eles”. Entretanto, não pode haver uma nação onde prevaleça apenas ódio ou somente a injustiça, sem o sentimento da genuína democracia.

Este é um momento de reflexão que a vida nos ensinou a busca pela fé. Neste momento, em que o ser humano segue em frente mediante essa doença terrível são tempos difíceis. O tema vai levar o leitor a imaginar por que tantas vidas foram a óbitos?

São milhares de famílias enlutadas, sendo que boa parte destes óbitos poderia ter sido evitada com distanciamento social e vacinas. A vida não pode ser só de trabalho e pagamento de conta, a pandemia está nos ensinando a ser mais generosos com a família, com os necessitados, com os colegas de trabalho.

Em março deste ano sofri com o vírus, não precisei de internação, mas estive seis vezes no Hospital Baía Sul com febre elevada. Aos poucos senti o enfraquecimento dos pulmões e de todo o corpo. Foram 30 dias de tratamento e tentando uma recuperação, com medicação e conversando todos os dias e noites com Jesus.

A sua preocupação não pode ser somente com as finanças, a academia e seu próximo apartamento. Como está o seu planejamento? Nesse ano já vimos pessoas dizerem “chego em 10 minutos para o almoço” e não chegarem mais. Vamos ter um modelo tão entusiasmado para dizer que o coração não aguentou. E agora? Alguém que foi descansar no mar... não volta mais para casa.

Será que podemos organizar nossas vidas colocando como prioridades o que realmente importa no nosso dia a dia? O então, pedir perdão, liberar o perdão e ser leve de espírito, beijar mais, abraçar com emoção a quem se ama?

Todavia, não gaste sua energia em vão com quem não quer o seu bem, não perca tempo com coisas fúteis que não edificam a sua existência. A vida é muito curta para viver se aborrecendo, por isso, reclame menos, brinque mais com os filhos ou converse e dê um largo sorriso para seus netos.

Busque ganhar dinheiro o suficiente para a sua segurança e seu conforto, sem se tornar escravo disso, ore mais, vá ao encontro da espiritualidade todos os dias e reconforte sua alma com boas leituras. Sinta-se feliz em família, pois o resto é pura vaidade.

Podemos ter um estilo de vida simples e feliz! Isso acontece quando compreendemos o que a vida nesse período nos ensinou que tudo na nossa vida é reflexo da nossa mente, segundo a Seicho-No-Ie. Então, essa pandemia nos ensinou que tudo aquilo que pensamos, falamos, sentimos ou a forma que agimos, concretiza-se infalivelmente.

Para vivermos, precisamos aprender a mudar nossos pensamentos, palavras, sentimentos e atitudes, tornando e mantendo nossa mente repleta de gratidão e alegria, Jesus Cristo nos ensinou isso: “Seja-te feito conforme a tua fé”. Assim, nós acreditamos que a vida nos ensinou um modo de vida simples pode nos conduzir ao caminho da felicidade e da prosperidade.

Para isso, talvez seja necessário mudarmos alguns hábitos, mas antes, vamos refletir um pouco sobre os conceitos de simplicidade, prosperidade e felicidade. A vida nos ensinou que a partir destas reflexões é possível partir para pequenas mudanças de hábito no dia a dia, desta forma o sucesso é fruto do que a vida nos ensinou ou está ensinando. E a vida segue, queridos leitores, com sorriso ou tristeza.

Síntese biográfica

67 anos de idade. Nascido em Florianópolis/SC, em 25 de dezembro de 1953.

GRADUADO

Pedagogia - Udesc/SC em 1981.

DIREITO - Univali/SC em 1996.

Pós-Graduação Udesc/SC em 1983.

Treinamento de Recursos Humanos

CURSOS DE ATUALIZAÇÃO

Seminários, Simpósios, Palestras e Cursos:

Nas áreas: Direito Criminal, Direito Consumidor; Licitações; Cível e Contratos

PROFISSIONAL

Professor - 1986 a 1995, Secretaria do estado de Educação/SC;

Funcionário Público efetivo, desde Prefeitura Municipal de São José/SC, de 1996 a 2020.

Advogado Militante desde 1996, área Criminal e Tribunal de Júri.

Membro da 1ª Turma do Tribunal de Ética da OAB/SC.

Membro da Associação dos Advogados Criminais (Aacrimesc).

Confrade da Academia de Letras do Brasil - Florianópolis/SC, cadeira nº 6.

Conselheiro do Conselho de Entorpecente do Estado de SC - Conen, representado a OAB catarinense.

Colunista: Jornais da grande Biguaçu/SC.

Livros: Políticas e Administração da educação - Aesc/Anais - 2009.

Um Novo Olhar - 2013 - Editora somar e *DUAS RODAS*, pela América do Norte - 2015 - Editora Núcleo.

Cadeira nº 16 - Patrono: Holdemar Menezes

Hoje ocupada pelo acadêmico Carlos Antonio de Souza Caldas

Vida

Filho de Ezequiel Silva de Menezes e Otília Oliveira de Menezes. Formado em Medicina pela Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 1949.

Carreira

Foi deputado estadual em Santa Catarina na 5ª legislatura (1963-1967), como suplente convocado.

Referências

De acordo com a grafia antiga, Holdemar Oliveira de Menezes.

Meirinho, Jali: Datas Históricas de Santa Catarina - 1500/2000. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2000.

Bibliografia

O patrono, Holdemar Oliveira de Menezes, nesse período, surpreendeu Santa Catarina com suas obras literárias, contos, romances, crônicas e novelas:

1- Frans Kafka, em seu livro, faz uma crítica da primeira novela, em 1970;

- 2- *A coleira de Paggy*, conto, em 1972;
- 3- *O barco naufragado*, crônica, em 1975;
- 4- *A sonda uretral*, conto, em 1978;
- 5- *A maçã triangular*, romance, em 1981;
- 6- *Os residentes*, romance, em 1982 e
- 7- *A vida vivida*, crônica, em 1983.

Era um escritor à frente de seu tempo, assumiu a direção da maternidade Carmela Dutra, médico ginecologista, nas horas vagas, dedicava-se à literatura, motivado pela luta de um mundo melhor e mais igualitário.



José Ricardo Petry

Cadeira nº 17



Pandemia

Uma desgraça, pegando a população mundial desprevenida. Foi um susto muito grande, de consequência incalculável número de mortes. Entrou em ação a guerra das vacinas, qual era a melhor e mais barata. O Brasil com a saúde falida há muitos anos viu a desgraça.

Sem remédio, por ser uma doença nova, sem experiência dos médicos, por se tratar de uma infecção diferente. No primeiro momento se usou o isolamento, uso da máscara e a higiene. Lavar bem as mãos com água e sabão, o uso do álcool em gel e distanciamento social. Os filhos não visitavam mais os pais, os avós não abraçavam os netos, foi uma depressão enorme.

Vamos tirar proveito desta calamidade, as pessoas já não estavam preocupadas com a higiene, ficou visível que o banho diário e a troca de roupa é uma necessidade primária. Nos restaurantes a higiene é fundamental, a mesa e os utensílios usados por frequentadores devem ser bem limpos.

Fez ter uma recordação da minha querida avó, que não gostava de comer fora, eu perguntava por que, vó? Ela me respondeu com toda sinceridade: “Meu neto, eu não sei de onde veio e nem como foi preparado”. Agora vejo que essa pandemia tem muito a ver com a opinião da saudosa vó.

Portanto, não é apenas o isolamento que vai resolver esse grave problema, e sim a higiene. Vamos nos cuidar, principalmente o que colocamos na boca, seja na rua ou em casa, vamos nos alimentar melhor, com frutas, verduras e legumes. Não adianta encher o pão com linguiça, vamos ser simples e sinceros com tudo que nos cerca na vida.

Síntese biográfica

José Ricardo Petry, filho de Luiz Felipe R. Petry (em memória) e Marina Petry, casado com Catia Regina Petry e três filhos, Ricardo Luiz, Julia e João Vitor. Formado na UFSC em Filosofia.

História

Em 1978 a predominância da fotografia era em preto e branco. Já tinha um conhecimento básico desde 1976, resolvi investir na fotografia, abrindo uma loja na Rua João Born, 209, centro de Biguaçu.

Fiz vários cursos de aprendizagem em revelação e como fotografar. No comércio o mais forte da loja era fotos para documento. Carteira de identidade usava fotos 5x7, carteira do Ministério do Trabalho usava fotos 3x4 com data e carteira de motorista usava fotos 2x2, esses eram os documentos mais usados.

Segundo passo foi ir atrás de serviço, como nas manhãs de domingo fotografar batizados, uma vez por ano as primeiras eucaristias, tanto no centro como nas capelas.

Assim ficou conhecido, sendo convidado para fotografar eventos sociais, aniversários e casamentos.

Meu primeiro casamento fotografado por mim foi o casal Irma e Paulo, da comunidade de Santa Catarina, curiosidade, fotografei também as bodas de prata. Nos anos 80 comprei o MINILAB San Marco, fazia fotos a cores em revelação em uma hora, isso foi uma evolução para mim e para Biguaçu, sendo a primeira loja com revelação a cores. Contratei um técnico de São Paulo para manusear a máquina.

A partir do ano 2.000 veio a vez do digital, um avanço maior nas filmagens, mas a fotografia ficou mais bonita com introdução da escrita, ficou fácil em uma fotografia escrever um texto. Com esta mudança toda passei o bastão para meus filhos, hoje os três estão tocando a loja com muita eficiência.

Eu tive a consciência que era hora de parar, depois de 39 anos de contribuição na Previdência Social. Aposentei-me, larguei qualquer atividade fotográfica. Agora me dedico mais aos meus queridos netos.

Nunca gostei de gargantear, ser prosa. Ser sublime sem fantasia, assim é o Ricardo.

Cadeira nº 17 - Patrono: Cônego Rodolfo Pereira Machado

Nasceu dia 13 de novembro de 1908, na freguesia de São Francisco de Paula de Canavieiras, Florianópolis/SC. Veio a falecer dia 21 de março de 2001, sendo sepultado em Biguaçu/SC.

Cônego Rodolfo foi um batalhador incansável pelas nobres causas, um grande orador, músico e sacerdote exemplar, que foi muito querido pelos biguaçuenses e que agora faz parte importante como personalidade histórica de Biguaçu.

Sérgio Silva Schulenburg

Cadeira nº 18

O que a pandemia nos ensinou? Covid x Humano



A história da humanidade sempre foi marcada por profundas doenças, apesar da sua crueldade, pois acaba por ceifar inúmeras vidas, o seu surgimento foi catalisador para transformações que incentivaram o desenvolvimento científico, entre as doenças podemos citar a varíola, sarampo, tifo, febre tifoide, febre amarela, cólera, aids, ebola, peste bubônica e as diferentes mutações do vírus da gripe. Um breve histórico de pandemias, cito o caso do império romano que no século II d.C. Acredita-se que a varíola tenha surgido da Índia, e tenha se espalhado pelo mundo, segundo fontes de pesquisas a doença chegava a causar duas mil mortes por dia, causando até 5 milhões de mortos por todo o período que se estendeu, a mesma doença também atingiu o Japão entre os anos de 735 e 737, causando a morte de 1/3 da população do país.

A peste negra foi a pandemia mais devastadora da história humana, causando a morte de 75 a 200 milhões de pessoas na Eurásia, atingindo o pico na Europa entre os anos de 1347 e 1351.

Na atualidade, com o avanço significativo da ciência e dos meios de comunicação e informação, conseguimos através destes mecanismos conter ou minimizar os efeitos de várias doenças que continuam surgindo, a novidade talvez neste contexto é sabermos lidar com a doença e os interesses econômicos e políticos que agora permeiam a vida humana.

Neste processo de adaptações, aprendemos que o trabalho remoto pode ser tão eficiente quanto o presencial, reduzindo esforços de locomoção, trânsito e estresses da vida moderna, também aprendemos regras sobre distan-

ciamento social, evitando aglomerações e o contato como abraço e aperto de mão, este cenário mudou nosso cotidiano, deixando de frequentar festas, cinemas, shows, eventos esportivos e até viajar.

As mudanças trouxeram outro convívio familiar, as datas comemorativas muito comuns em qualquer família foram restringidas, páscoa, dia das mães, dia dos pais, natal e festa do final do ano foram coibidos para evitar o contágio da doença.

Outro hábito que se tornou recorrente foi o uso de máscaras em locais públicos, limpeza das mãos e o estudo on-line que se tornou uma alternativa efetiva, obrigando uma adaptação das escolas e professores neste novo modelo de ensino.

Nunca foi tão importante o uso ou acesso à internet, sua conectividade e velocidade, assim como suas plataformas, aplicativos e dispositivos para o melhor acesso, como celulares, tabletes e computadores. Outra mudança significativa que trouxe a pandemia foi o fechamento dos comércios, construímos regras do que é essencial e não essencial, trazendo uma redução drástica em vários setores econômicos, provocando sua falência ou adaptação, os pequenos negócios foram duramente atingidos, um levantamento da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo divulgou que no início de março de 2020 apontou um fechamento de 75 mil lojas em todo o Brasil.

Outro ponto que a pandemia afetou em cheio foi na saúde mental das pessoas, estudos comprovam o aumento da ansiedade e depressão, principalmente para as pessoas que perderam o emprego ou fecharam seus negócios ou perderam bens para saldar dívidas, sem falar no próprio isolamento social, ficar em casa gera tédio e uma rotina enfadonha que inevitavelmente afeta nosso emocional.

O título da antologia **“O que a pandemia nos ensinou”** trago a reflexão **“Covid x Humano”**.

Gostaria de provocar sua reflexão para um contexto muito mais amplo e profundo, as pandemias tanto do passado como da atualidade trazem um drama humano angustiante, elas surgem por determinado período, levam vidas, são controladas e passado algum tempo surgem outras e o ciclo se repete de tempos em tempos, como as mortes são em quantidades a vida na sua concretude se tornou números estáticos noticiados diariamente nos meios de comunicação, mas lá onde mora o número, morava um sentimento, morava um humano com esperanças, com propósitos, morava um humano com trabalho, família e sonhos.

A pandemia deveria, acima de tudo, despertar a compaixão pelo próximo, tanto naquele que perdeu seu negócio, perdeu seu emprego, perdeu um ente querido, a pandemia deveria provocar o espírito solidário de se compadecer

com o sofrimento do outro, que a pandemia nos humanize, que em tempos onde o “**ter**” tem mais importância do que o “**ser**” possamos ser menos frios, egoístas e interesseiros, vamos acreditar e torcer por dias melhores, tempos de cura, tempos de esperança que os números dos noticiários nos façam refletir pensando no outro, que as discussões de ordem política não despertem em nós o interesse pela disputa, pois todos nós estamos no mesmo barco!

Outro hábito matou seres humanos ao longo da história, causando epidemias e pandemias em diferentes locais.

Síntese biográfica

Empresário no ramo educacional do nosso município há 10 anos, atualmente faz parte do Conselho Municipal de Educação de Biguaçu (COPMED), também é diretor do núcleo empresarial da ACIBIG/CDL.

Sérgio é graduado em Administração pela Univali, pós-graduado em Docência do Ensino Superior, possui MBA em Gestão de Pessoas, MBA em marketing empresarial.

Consultor empresarial desde 2008 pelo Conselho Regional de Administração, possui conhecimento em filosofia educacional, escritor autor de 3 obras publicadas em todo Brasil na área de Filosofia, atualmente é empresário e professor.

RESUMO DAS SUAS OBRAS:

Sérgio procura intitular suas obras através de metáforas, descomplicando a filosofia, tornando a leitura leve, agradável, sem perder a sua essência, que é provocar o leitor a uma profunda reflexão.

O DEGUSTADOR DE PAMONHAS: Reflexões sobre a essência da vida - prefácio do filósofo Clóvis de Barros Filho.

A obra discorre como pano de fundo com o filósofo holandês Baruch Spinoza, século 17; apesar de citar na obra grandes nomes da filosofia, a obra provoca o leitor a descobrir a razão das coisas, os encontros com o mundo nos afetam de forma imperceptível, sem que nos demos conta!

O TEMPO DEIXOU MARCAS EM MEU ROSTO: Reflexões sobre o tempo e o vazio.

Prefácio - Christian Barbosa e Katia Roussenq Bichels

A obra tem como pano de fundo o existencialismo, grandes filósofos que trataram sobre o tema são citados na obra, a obra nos faz ver o tempo de maneira singular, de forma direta e pontual vamos refletindo sobre o que é o tempo e qual o sentido dele em nossas vidas.

O PESEGUIDOR DE CENOURAS - Desejos como fonte da vida - Prefácio de Clóvis de Barros Filho e posfácio de Katia Roussenq Bichels, Scheila Martins, Bernadette Beber, Marcus Gomes, Júlio Domingos.

Assim como na primeira obra, SÉRGIO usa novamente da metáfora no título com o propósito de provocar a curiosidade do leitor, a pesquisa sobre DESEJO trouxe grandes filósofos como Platão, Sêneca, Kant, Schopenhauer, Nietzsche, entre outros.

A obra é instigante, reveladora e foi lançada em abril deste ano.



Osmarina Maria de Souza

Cadeira nº 20

O que a pandemia me ensinou

Este o assunto que nos foi recomendado, ou como queiram solicitado, para Coletânea 2021 da Academia de Letras de Biguaçu, porém fiquei na dúvida: seria uma pergunta ou uma afirmativa. Talvez é necessário dizer o que aprendi neste espaço de confinamento que ainda não terminou.

Pensei e fiz a pergunta a mim mesma e aqui a conclusão a que cheguei. Meu subconsciente falou por mim.

Vejam o disparate: Achei-me poderosa e como tal num ímpeto respondi com uma pergunta: Ensinou-me o que, se eu já sei tudo? Aos noventa e um anos aprender mais o que, tudo já me foi ensinado e tudo já aprendi, e me basta, não preciso aprender mais nada. Ah! Poderosa criatura. Se a cada dia estamos aprendendo mais e mais, se a cada dia mais e mais novidades e informações nos chegam, se a cada dia a tecnologia nos joga mais e mais novidades, então saiba que você ainda desconhece muito e tem muito a aprender.

E foi então que fiz um retrospecto de minha vida, e cheguei à conclusão de que: Realmente aprendi muito, mas muito mais tenho que aprender, e novamente a pergunta: Mas aprendi o que neste quase um século de vida?

Vamos lá, criatura, você aprendeu, em primeiro lugar, a enfrentar a pobreza. Lembra sua infância? Casa sem assoalho, lembra Mandico, o cachorro de seu pai que tanto você mimava? Era uma de suas alegrias ver o Mandico correr pelo quintal atrás de um gato. Era realmente uma de suas brincadeiras. Você aprendeu a enfrentar problemas. A vida nos apresenta um novelo e espera que com sabedoria possamos desatar tantos nós e assim vivermos com dignidade e com quem sabe feliz.

Você aprendeu com muita sabedoria a enfrentar a discriminação racial, pois é neta de uma ex-escrava retinta, situação que ainda hoje é visível na sociedade de nosso país.

Você aprendeu a muitas vezes driblar o “chega pra lá” sutil em certas situações de sua vida, mas que aconteceram.

Você aprendeu a ir para escola a pé, de tamanco, e a fazer suas lições em cadernos de folhas de papel de pacotes que sua mãe costurava, mas você aprendeu também a ler.

Lembra que você muitas vezes subiu as escadas da hoje Casa José Boiteux para pedir a Elpidio Barbosa pano para seu uniforme, cadernos, livro de francês e gramática expositiva para poder estudar?

Foi com humildade. Ganhou o solicitado, tantas vezes quantas pediu, mas estudou e aprendeu a lição.

Agora passados tantos anos soube amar e educar suas filhas, enfrentar as lutas diárias e com sabedoria, uma quarentena que a peste que assola a humanidade nos obrigou a uma obediência quase sem limites.

Confinada em seu lar também aprendeu que é necessário ser vacinada para se livrar deste mal, e tem que manter certa distância de seus amigos para se proteger e protegê-los do contágio, e que o álcool é importante e necessário em sua casa e em todos os ambientes para a devida desinfecção.

Você aprendeu a descobrir novos meios de vida nesta sociedade que também está reclusa, e até em muitos casos confinada e aprendeu também a obedecer às novas leis e regulamentos,

Você aprendeu tantas coisas. Pela sua dedicação, tolerância e seu aprendizado poderá em breve ir feliz e sorridente aos encontros com amigos, você lê bons livros, você também escreve no computador e não mais em folhas de papel de pacotes. Feliz vê que suas filhas estão felizes com os seus netos e bisnetos.

E muito importante, minha querida, você aprendeu que não precisa mais subir as escadas da Casa Boiteux para pedir cadernos, porque você estudou e chegou lá no alto da escada; e é justamente no alto daquela escada que estão as salas que você bem conhece onde está sediado o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e agora você sobe e chega não para solicitar cadernos, mas para participar das reuniões porque hoje você faz parte como membro desta Instituição.

Parabéns, você chegou, porém é preciso neste momento aprender mais e mais todas as recomendações das autoridades de saúde. Tem que esconder seu sorriso atrás de uma máscara, para sua proteção e a proteção de todos que a cercam e também vacinar-se.

Tudo que a pandemia podia ensinar creio que você já aprendeu, que é respeitar as recomendações que irão proporcionar sua segurança e a segurança do próximo, e não esqueça:

Use máscara e evite aglomeração e continue aprendendo, e diga sempre eu aprendi a SER FELIZ.

Síntese biográfica

Nascida em 17/11/1929, natural de Florianópolis/SC.

Cofundadora da ALBIG.

Cofundadora da Academia de Letras de São José, cadeira nº 20, Patrono João Nicolau Born.

Cofundadora da Academia de Letras de São Pedro de Alcântara.

Cofundadora da Academia Desterrense de Literatura.

Cofundadora da Academia Brasileira dos Contadores de História.

Cofundadora da Associação dos Cronistas Poetas e Contistas Catarinenses.

Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Pertence ao Grupo de Poetas Livres.

Pertence ao Instituto Literalite da Suíça.

Pertence a Febacla - Rio de Janeiro.

Defensora dos Direitos Humanos com aval da ONU.

Embaixadora da Paz com aval da ONU.

Certificado como destaque do Ano pela Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

Medalha Rui Barbosa - Rio de Janeiro.

Certificado *Honoris Causa* - Rio de Janeiro.

Medalha Dias Velho - Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Medalha Antonieta de Barros - Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Representando a ALBIG na Escola de Ensino Superior de Setúbal, Portugal, na Universidade Federal dos Açores, no Forte Santa Cruz, no Palácio Santa Catarina falando sobre Cultura Açoriana em Santa Catarina e participação nos Festejos do Divino Espírito Santo em Ponta Delgada, Ilha de São Miguel nos Açores, apresentando a Bandeira do Divino gentilmente cedida pela Igreja da vila de São Miguel.

*Aceitei contradições, lutas e perdas
Como lições de vida e delas me servi.
Aprendi a viver.
(Cora Coralina)*

Cadeira nº 20 - Patrono: João Nicolau Born

João Nicolau Born Filho, do prussiano Johan Gehardt e Maria Gertrudes Lenhardt, que migrou para o Brasil se estabelecendo na região de São Pedro de Alcântara, onde nasceu João Nicolau Born, em 20 de junho de 1845. Ajudou seu pai na agricultura e assim continuou sua vida plantando e descendo a calha do rio com suas mercadorias para vendê-las na foz do rio ou atravessando a baía para levá-las à vila de Florianópolis.

Mais tarde mudou-se para Biguaçu e em 1874 construiu sua casa comercial. Mais tarde construiu ao lado o casarão, para sua residência e que hoje abriga a Casa da Cultura da cidade e a Academia de Letras.

Tornou-se político e foi o primeiro superintendente da Vila, eleito em 1895 o que corresponde ao hoje cargo de prefeito. Foi ele quem articulou com o governador Antônio Moreira Cesar a transferência da sede da vila de São Miguel para a Foz do Rio Biguaçu. O documento de transferência foi assinado no dia 22 de abril de 1894, e recebeu o número 183.

João Nicolau faleceu em 30 de janeiro de 1911, deixando seu nome na história da cidade de Biguaçu.





Fernando Henrique da Silveira

Cadeira nº 21

O que a pandemia nos ensinou

A pandemia mudou o mundo...

Famílias foram destruídas, pelo falecimento de um ente querido.

As escolas, professores, alunos, precisaram se adaptar a uma nova forma de ensino.

As praias ficaram desertas.

A solidão e a insônia, decorrentes do isolamento, afetaram uma parcela significativa da população mundial.

Muitas empresas fecharam as portas, demissões em massa, sonhos foram destruídos.

A corrupção não deu trégua nem mesmo durante a pandemia. A saúde pública teve a sua ferida aberta, mostrando ainda mais a falta de estrutura, baseada na histórica falta de gestão do dinheiro público, que refletiu diretamente na falta de vagas, falta de especialistas, falta de exames, falta de atenção com o contribuinte.

O setor de eventos foi seriamente afetado, apresentações foram canceladas, teatros e cinemas fecharam as portas, músicos sem poderem divulgar seus trabalhos. Bares, restaurantes, hotéis, tiveram seus estabelecimentos arrasados.

Desempregados, pais se viram na obrigatoriedade de cortarem todo tipo de despesas, o que provocou a rescisão de contratos com escolas particulares, cursos de idiomas, venda de veículos e imóveis. A falta de emprego afetou a dignidade de muitas pessoas.

A fome assombrou ainda mais o mundo.

Funcionários da saúde ficarão expostos demasiadamente ao risco de contrair a doença, pela exposição nos locais de trabalho, motivada não só pela necessidade de manutenção dos empregos, na verdade, por vocação, buscaram salvar vidas.

A falta de conhecimento médico de como tratar com precisão a doença escancarou a necessidade de maior investimento em pesquisa científica, com a valorização de pesquisadores, possibilitando a descoberta de vacinas e demais meios de evitarmos a morte, bem como amenizarmos as mazelas que surgem no mundo.

...De outro modo, a pandemia possibilitou gestos e ações positivas que nunca haviam sido vivenciadas pela maioria das pessoas...

A solidariedade aflorou ainda mais nas instituições, clubes de serviço se mobilizaram para matar a fome, auxiliar na vacinação, arrecadar recursos para compra de máscaras, álcool, dentre tantas necessidades que surgiram com o Covid-19.

Amigos, familiares, vizinhos se juntaram para ajudar aqueles que estavam doentes, precisavam de alimento, carinho e atenção.

A busca de conhecimento pelos professores foi permanente, viabilizando o ensino remoto, que careceu do mesmo empenho dos pais, que precisaram se adaptar à nova forma de levar conhecimento aos filhos.

As empresas públicas e privadas, evitando o contágio, possibilitaram que seus funcionários pudessem de forma digital, nas suas casas, realizar o trabalho de forma satisfatória, sendo que na maioria dos casos, com maior eficiência e produtividade.

O diálogo foi retomado na maioria das famílias. A necessidade de isolamento social acarretou o maior encontro da família.

As famílias passaram a repensar os seus investimentos, percebendo que o conforto do lar tem mais valor do que outros bens materiais.

A leitura foi um excelente meio de lazer. Através da leitura as pessoas perceberam a importância dos estudos, da capacitação permanente, dentre tantos benefícios.

A descoberta da vacina foi uma vitória. A intensificação da sua produção, início da aplicação proporcionaram novamente a esperança.

O início da retomada da atividade produtiva, novas contratações, abertura de novas empresas, diminuição do número de mortes diárias demonstraram a maior das riquezas, que é a saúde.

As riquezas não salvaram vidas, serviram apenas para demonstrar a fragilidade do ser humano, diante de um vírus invisível, que não fez escolhas quanto à condição social dos contaminados.

A pandemia serviu para mostrar que precisamos cultivar o amor, carinho, amizade, valorizando a saúde e a família. Viver a vida plenamente como se fosse o último dia, pois poderá não ter o tão esperado amanhã. Como diz a música: "...viver e não ter a vergonha de ser feliz..."

A hora é AGORA!

Síntese biográfica

- Advogado (OAB/SC nº 25.652).
- Funcionário público estadual há mais de 25 anos, atualmente atua na Secretaria de Estado da Administração (Perícia Médica).
- Pós-graduado em nível de especialização em Direito Penal e Processual Penal, com formação para o ensino superior.
- Formado na Escola de Preparação e Aperfeiçoamento do Ministério Público de Santa Catarina.
- Pós-graduado em nível de especialização em Licitações e Contratos.
- Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais.
- Graduando em Administração (UFSC) e graduando em Jornalismo (Faculdade Estácio de Sá).
- Foi professor de Direito em cursos de graduação e sequenciais.
- Sócio emérito e Membro da Academia de Letras de Biguaçu (cadeira nº 21).
- Conselheiro titular, vice-presidente da Comissão de Moralidade Pública, representante no Conselho da Comunidade da Comarca, indicado no Conselho Municipal Antidrogas da OAB - Biguaçu (Gestão 2019/2021).
- Colunista diário no jornal Biguaçu em Foco.
- Radialista. Tem um programa semanal de entrevistas (Biguaçu em Revista) na Rádio Biguaçu FM 98,3.
- Participa de entidades filantrópicas e sem fins lucrativos.
- Recebeu o certificado Amigo do Cadeirante (Rotary Club de Biguaçu) e o Certificado Homem Brilhante 2019 (Instituto Articulli e Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina).

Cadeira nº 21 - Patrono: Jorge Lacerda

Nasceu na cidade de Paranaguá (20 de outubro de 1914), filho de imigrantes gregos. Ele iniciou seus estudos primários na Escola Paroquial de Paranaguá, em 1922, cinco anos mais tarde, em 1927, ele fez o ginásio no Colégio Catarinense, em Florianópolis.

Jorge Lacerda formou-se em Medicina em 1937.

Foi jornalista da área de cultura e oficial de gabinete do ministro da Justiça Adroaldo Mesquita da Costa. Em 1940, na Capital da República, ele trabalhou no jornal *A Manhã*.

Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Niterói (RJ) em 1949. Elegeu-se deputado federal pelo PRP em 1950, para a 39ª legislatura (1951-1955), reeleito em 1954 para a 40ª legislatura (1955-1959).

Em 1945, é candidato a deputado federal por Santa Catarina. Tem boa votação, mas não se elege por não ter a legenda partidária necessária.

No jornal *A Manhã*, funda e assume a direção do Suplemento "Letras e Artes", em 1946. Com uma nova edição jornalística e abrangendo todas as classes de artistas, o Suplemento "Letras e Artes" representa um marco importante na literatura brasileira.

Assessor do ministro da Justiça Adroaldo Mesquita da Costa - 1948.

Cola grau na Faculdade de Direito de Niterói - 1949.

Deputado federal em 1950. Consegue a reeleição em 1954.

Jorge Lacerda se candidata ao governo de Santa Catarina, pelo PRP, novamente em coligação com a UDN, em 31 de janeiro de 1956.

Jorge Lacerda morre aos 43 anos em acidente de avião em Curitiba, juntamente com o ex-presidente e senador Nereu Ramos e o deputado federal Leoberto Leal, em 16 de junho de 1958.





Valéria Maria Kravchychyn

Cadeira nº 24

A modelo

Sou modelo.

Foi assim que ela se apresentou para ele. Muito embora o seu “book” fosse composto apenas do desfile do evento onde estavam se conhecendo, e de mais algumas fotos, um tanto quanto sensuais, produzidas por um amigo “fotógrafo” amador. A profissão que exercia realmente era a de balconista de uma lojinha de tecidos, localizada no subúrbio, perto da pensão em que morava (era só o que podia pagar). No entanto, isto não a impedia, prestes a completar 19 anos, de sonhar com grandes voos no mundo da moda. Já se via, dentro em breve, nada mais nada menos do que uma “Gisele”.

Ele, por sua vez, com sessenta e poucos anos, ficou impressionado com a alegria, o lindo rosto e o corpo escultural da garota.

Ela estava visivelmente deslumbrada, pois além dos aplausos que recebera durante o desfile, também acabara de vivenciar o seu primeiro evento chique. Deslumbrada estava também, pois de quebra chamara a atenção daquele homem charmoso, extremamente rico, considerado pela “ala feminina” presente um dos “solteirões” mais cobiçados do Estado. Sua companhia estava sendo disputada por todas, inclusive pela proprietária da Boutique que estava sendo inaugurada, que já estava se arrependendo de ter contratado (praticamente de graça) a menina que fora indicada por uma conhecida de uma conhecida, que trabalhava (coincidência?) em uma lojinha de tecidos do subúrbio.

Foi assim que tudo começou. E após poucos encontros ele, que já havia participado como um dos protagonistas da tradicional cerimônia do “Até que a morte nos separe” em quatro outras ocasiões, com um estonteante anel de diamantes de cinco quilates, pediu a “marinheira de primeira viagem em uniões formais” em casamento.

No começo tudo foram flores. Ela mudou-se para uma mansão cheia de empregados, do tipo que conhecia só das novelas a que assistia. Nada mais

de brechós e produtos de liquidações, estes pagos em dez vezes no carnê. Agora, cada vez que ela abria o closet, “apareciam” lindas roupas, sapatos e até lingerie, tudo com etiquetas de lojas das melhores grifes europeias. Bijuterias então, nem de grife. Agora ela só usava joias.

No entanto, após menos de um ano de uma lua de mel de rainha, as coisas começaram a mudar. Ele, antes sempre presente, gentil e atencioso, além de dar início a uma “pulação de cerca generalizada”, também começou a mostrar uma faceta diferente de seu caráter. Passou a se comportar de maneira cada vez mais grosseira. No início foram apenas agressões verbais, mas após algum tempo também físicas, cada vez mais intensas. Quando completaram 10 anos de casamento, neste setor o relacionamento estava muito pior. Mas algumas coisas não mudaram. Tal qual no início, no seu imenso closet continuavam a “aparecer” roupas e acessórios lindos, mas, como os que ela ganhara anteriormente, vinham acompanhados de perfumes diferentes. Pareciam até mesmo terem sido usados. E, a título de “comemorar as suas Bodas de Estanho”, ela finalmente criou coragem de esclarecer este assunto. Achou que tinha o direito de conhecer a origem de todas aquelas coisas. Aproveitou também para perguntar qual a razão dela nunca poder escolher, e muito menos poder comprar algo pessoalmente, nem mesmo suas próprias roupas íntimas. Ele terminou a conversa como sempre fazia quando se sentia contrariado. Para resumir, as respostas que ela obteve foram um belo olho roxo, uns cortes no queixo e um braço torcido.

Apesar de, após uma década de convivência, já estar acostumada com os dissabores do casamento, tais como os “enfeites de cabeça” e os maus tratos, e mesmo ainda gostando dele, concluiu que as coisas só iriam piorar. Era hora de terminar a relação. Estava cansada. Procurou um advogado. Queria o divórcio. Afinal, como ele era imensamente rico, ela ficaria maravilhosamente bem com a parte dos bens que lhe eram devidos.

Mas, antes de dar a entrada no processo, o seu representante legal fez o dever de casa. Pensando na cliente, e é lógico, também nos seus honorários, ele procurou saber ao que, legalmente, ela teria direito. E o que descobriu foi impensável. Empolgada por achar que tinha tirado a sorte grande encontrando um rico príncipe encantado, ela não percebeu que no acordo pré-nupcial que havia assinado, constava o regime de separação total de bens, segundo o qual, no caso do término da união, ela não teria direito a nada do que pertencia a ele. Nada mesmo. “Necas de pitibiribas”. Sairia do relacionamento com o que entrou nele. No caso dela, só a roupa do corpo. Era o mesmo tipo de contrato, que pressionado pela mãe, ele fez aos 22 anos em seu primeiro enlace. A mãe tinha provado estar certa na época ao afirmar que a linda modelo inglesa afeita a gastos infundáveis em joias, roupas e sapatos caros, sempre pagos com o dinheiro dele, não o amava. Com esta sugestão providencial, salvou seu amado filho único de um verdadeiro desfalque na separa-

ção, ocorrida menos de um ano depois. Por esta razão ele tornou este tipo de contrato um item inegociável em seus futuros casamentos. Já para possíveis pedidos de pensão, toda a fortuna que ele herdou da família estava oculta em paraísos fiscais. Ele não possuía também, ao menos que se pudesse provar oficialmente, nenhuma fonte de renda. Isto sem falar que ele contava com os melhores advogados. Com certeza ela, tal qual aconteceu com as quatro esposas anteriores, não veria nenhum centavo.

Em resumo, seria mais ou menos assim: sem carro, casa, roupas, joias ou pensão. Tudo completamente legal.

Agora ela entendia tudo. Até o fato de o advogado ter “pulado fora” da situação. Restava pensar no que fazer. Analisar os prós e os contras.

Entre os prós estavam morar em uma mansão, comer do bom e do melhor, ter empregados para tudo, carro com motorista (muito embora só fosse autorizada a sair na companhia dele), sem contar um closet enorme lotado de roupas, sapatos e joias maravilhosas, mesmo que, agora entendia o porquê, tudo de segunda, ou melhor, de quarta mão.

Entre os contras estavam ter de se conformar em ser “chifrada” e não ter amigos; ele a proibia. Uma vez até comentou que um dos motivos para ele pedi-la em casamento foi o fato dela não ter nenhum parente. Precisaria ainda aceitar, sem reclamar, que ser xingada e levar muita “porrada” seriam duas constantes em sua vida. Ela também sabia que não teria filhos, o que queria muito. Desde o início ele contou ser estéril. Mas a verdade era que, com apenas 24 anos ele havia feito vasectomia. Para os poucos que sabiam sobre a cirurgia radical, usava como justificativa o fato de sem querer ter ouvido uma conversa telefônica que sua primeira mulher teve com o amante. Nela a bela modelo dizia que mesmo com a separação de bens o plano deles ainda “estava de pé”. Ela logo engravidaria, e a criança garantiria o futuro abastado que há muito os dois haviam planejado. Mas a verdade era que ele não tinha a mínima vocação para a paternidade. Filhos não se encaixavam em seu estilo egoísta de vida.

É lógico, ela precisou colocar também na balança a sua realidade passada.

Quanto às coisas usadas, durante toda a sua vida pré-casamento, ela raramente teve algo novo, sendo que, nestas poucas vezes, foram artigos de liquidação de alguma loja popular.

Já quanto a ser corneada, ela voltou ao tempo em que isto já havia acontecido com a maioria dos pés-rapados que tinha namorado, e que estes, em diversas ocasiões, também a tinham presenteado com alguns sopapos.

Na balança, pesou também o fato de não ter concluído o segundo grau nem possuir algum tipo de especialização profissional. Com a separação, para se sustentar, ela teria que voltar a trabalhar em algum subemprego, em troca de um “subsídio”, pois o sonho de se tornar top model, aos quase trin-

ta anos, era por certo irrealizável. E, para fechar com chave de ouro, como opção de moradia, seria “óia nós aqui outra vez”, de volta para a pensão chulé.

Enquanto ela decidia o que fazer, uma coisa inesperada aconteceu.

O mundo estava sendo assolado por uma pandemia. Mortes, isolamento social, pânico geral. A peste não escolhia raça nem classe social. Não havia uma vacina nem tratamentos eficientes. Todas as soluções eram apenas especulações. Todos estavam em perigo. Não era hora de separação e sim de união.

Mas o prolongamento do prazo previsto para o final das contaminações, inicialmente divulgado para em torno de uns seis meses, causou também o prolongamento do “lockdown”, medida imposta pelas autoridades para evitar a proliferação da doença. Tudo isto começou a ter efeitos negativos sobre ele, que sempre foi socialmente muito ativo. Nada mais de festas, viagens e jovens “namoradas”. E o que para ela pareceu ser a chance de um recomeço do relacionamento, para ele tornou-se uma inaceitável prisão.

Inconformado com a nova situação, ele descontou a raiva nela. Passou a agredi-la verbal e fisicamente cada vez mais. Os costumeiros gritos e empurrões, rapidamente se transformaram em xingamentos de baixíssimo nível, e as agressões ficaram cada vez mais assustadoras. Em duas ocasiões foram quase letais. Ela ficou desacordada durante horas, acabando por ter de ser levada para o hospital por “ter caído da escada”.

Na segunda vez que isto aconteceu, enquanto estava internada, sem perceber, ela começou a se lembrar de algo que o advogado que havia procurado para falar sobre separação havia comentado. Na ocasião a informação não pareceu relevante. Ela nem prestou muita atenção. O assunto “passou batido”. O jurista a havia informado que somente se tornaria herdeira de algo no caso da morte dele. E não de apenas uma parte. Como ele não tinha herdeiros necessários (descendentes e ascendentes – filhos e pais) nem havia feito um testamento, ela ficaria com tudo.

Com estes pensamentos o tempo todo martelando na mente, o seu dia a dia foi se tornando cada vez mais insuportável. Ela nem dormia mais direito. Perdia horas de sono pensando. Precisava decidir o que fazer. Mas como tomar esta decisão? Se por um lado, ao ficar estaria correndo diariamente risco de vida, pelo outro, ao deixá-lo, inevitavelmente teria que encarar sozinha o caos do atual mundo. Afinal, nesta nova realidade do planeta, o que poderia acontecer com alguém que em seu currículo trazia apenas um trabalho como balconista, e isto há dez anos? Ela acompanhava diariamente as notícias. Centenas, senão milhares de pessoas estavam perdendo os seus empregos, e muitas, mesmo as com as melhores qualificações não conseguiam nada, nem para colocar comida na mesa.

A verdade é que, apesar de no caso de continuar casada ela correria o risco

de acabar sendo assassinada, em caso de separação com certeza se tornaria uma desempregada faminta e sem teto. Não tinha ninguém a quem recorrer.

Sendo assim, não é de se admirar que na probabilidade, nos dois casos, de um futuro nefasto, ela passasse cada vez mais a se lembrar das palavras do advogado. Elas pareciam apontar para a possibilidade de que afinal poderia existir uma saída. Ela precisava “bolar um plano”, e um meio seguro para executar este plano.

A resposta “surgiu” enquanto ela assistia a alguns noticiários. Neles não faltavam relatos de como a nova peste estava ceifando milhares de vidas, principalmente a de idosos. Eles alardeavam também o fato de os jovens, quando contraíam a doença, raramente tinham complicações, sendo que grande parte deles até ficava assintomática. Largamente divulgado pela mídia, era também o fato de estes jovens, cansados da “política” de escolas fechadas, nada de esportes, praia ou baladas, achando que não corriam perigo, estavam, de maneira irresponsável, sem nenhum dos cuidados recomendados, participando de festas e aglomerações clandestinas. Como resultado, muitos deles, embora contaminados com uma forma mais leve do vírus, terminavam por levar a doença até seus pais e avós, que acabavam morrendo.

E foi assim, acompanhando as informações amplamente veiculadas pela imprensa, que uma ideia irresistível como que “acendeu” em sua cabeça. Ela visualizou não apenas uma possibilidade, mas sim uma chance real de poder ser livre e viver feliz na sua mansão cercada de belos jardins que tanto adorava.

Estava decidida. Tudo ficou claro. O plano estava formado. Era a solução para todos os seus problemas. Não tinha mais volta.

Ela sairia escondida e participaria de uma das festas noticiadas. Depois seria só seguir todas as recomendações ao contrário, tipo sem máscara, sem álcool gel e principalmente muito contato físico com o maior número de pessoas. Em seguida voltaria para casa levando o vírus, praticamente inócuo para ela que era jovem, até ele, um idoso agora com setenta e muitos, pertencente ao grupo que na época somava quase 100% das fatalidades. Depois seria só esperar as probabilidades seguirem o seu curso. Em pouco tempo ela seria uma jovem e bela viúva, rica, livre e feliz.

E ela assim o fez. Após servir para ele o seu vinho preferido “batizado” com alguns comprimidos (receitados pelo médico para diminuir a dor do braço quebrado que resultou do seu último “acidente”), caprichou na produção, chamou um Uber e seguiu para a periferia, onde, segundo o motorista, estaria acontecendo uma das festas ilegais. A maior da noite. Uma aglomeração de pelo menos 900 pessoas.

Lá ela dançou com muitos se esfregou em muitos e beijou muito. Enfim, teve o maior contato físico possível.

De madrugada voltou para casa e terminou a noite abraçadinha com ele.

Nos dias que se seguiram, ela o deixou encantado com tantos abraços, beijos e mimos. Ele nunca a tinha sentido tão apaixonada.

Pena que tenha durado pouco...

Menos de um mês depois, apesar de “algumas mudanças”, os tópicos principais do roteiro que ela “escreveu” haviam se concretizado. Ela estava livre, e ficaria para sempre naquela mansão paradisíaca que tanto adorava. Ninguém jamais iria, ou mesmo poderia afastá-la de lá. Suas cinzas foram jogadas no jardim da frente, no roseiral que ela tanto amava.

E ele? Dizem que anda por aí todo serelepe e esbanjando saúde, ao lado de uma jovem e linda ex-enfermeira, agora sua sexta esposa. Dizem também que a paixão surgiu enquanto esta trazia as informações sobre o estado de saúde da mulher dele, de apenas 29 anos, que, acometida de Covid-19, infelizmente veio a falecer menos de 20 dias após contrair a doença.

De vez em quando ele se lembra dela. Ainda não entende. De que maneira, afinal, se ele sempre a mantinha “segura” em casa, ela pudera contrair o nefasto vírus?

Isto continua sendo um grande mistério...

Síntese biográfica

Valéria Maria Kravchychyn nasceu em 15 de dezembro de 1956, na cidade de Ponta Grossa/PR. Filha de Waldomiro Kravchychyn (*in memorian*) e Pierina Possamai Kravchychyn (*in memorian*).

Graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba (PR), turma de 1982.

Atuou profissionalmente em diversos segmentos, como os da moda, de eventos, do comércio (lojista), do mercado imobiliário e do Direito.

Assinou matérias em diversas publicações, entre elas nas extintas revistas *Tribo da Ilha* e *Renome* (sobre o mercado imobiliário) e, desde o ano de 2009, colunas sociais nos jornais *Notícias do Dia* (4 colunas semanais), *Biguaçu em Foco* (4 colunas semanais), *São José em Foco*, *Palhoça em Foco* e *Jornal Notícias* (nestes últimos, uma coluna semanal). Conta também com textos publicados nas antologias anuais da Academia de Letras de Biguaçu.

Atualmente assina duas colunas semanais (uma social e outra de assuntos variados) no *Jornais em Foco*, jornal diário voltado a cidades de toda a Grande Florianópolis, e tem participação ativa na criação, organização e execução de eventos beneficentes e de arte.

Cadeira n° 24 - Patrono: Paschoal Apóstolo Pítsica

Paschoal Apóstolo Pítsica nasceu em 26 de novembro de 1938, em Florianópolis, e foi também na capital que ele veio a falecer em 2003.

Dentre as muitas atividades que exerceu, profissionalmente, estão as de advogado, jornalista, professor de Português, Legislação, Sociologia e Economia; vereador e presidente da Câmara de Vereadores do município de Maravilha, cidade onde também atuou como magistrado, entre 1970 e 1973.

Escritor de destaque, em 1957, liderou o Movimento Litoral, um marco na história literária de Santa Catarina, época em que dirigiu a *Revista Litoral*. Além de ter inúmeros artigos publicados em jornais e revistas do Estado e do País, e de ter figurado como autor de apresentações e prefácios de diversas obras, publicou, também, nove livros de sua autoria. Foi membro de diversas instituições literárias, entre elas a Academia Catarinense de Letras (cadeira nº 25), entidade que ele presidiu por 15 anos (1988-2003), a Academia São José de Letras, onde foi presidente de Honra, e a Academia de Letras de Biguaçu, bem como atuou como sócio correspondente de diversas academias de letras de vários estados. Foi, também, membro do Conselho Estadual de Cultura e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, no qual, por mais de 25 anos, exerceu o cargo de Orador. Em 1989, recebeu o título de sócio emérito do referido Instituto, e dirigiu, por mais de dez anos, a Associação Helênica de Florianópolis (Colônia Grega), em Santa Catarina.

Recebeu inúmeras honrarias, entre elas a “Medalha Cruz e Sousa”, a “Medalha do Mérito Anita Garibaldi”, e a Medalha “Giuseppe Garibaldi” da Associazione Nazionale Veterani e Reduci Garibaldini. Hoje, ele dá nome para o prêmio literário “Prêmio Paschoal Apóstolo Pítsica”, criado em 2007, pela Academia Catarinense de Letras, a ser concedido, anualmente, para uma personalidade.



Miguel João Simão

Cadeira nº 25



No olhar dos gancheiros... O que eu aprendi com a pandemia?

Como escreveu Mario Quintana (1906-1994), “A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa”. Nesse sentido, pensamos na brevidade da vida e naquilo que nunca devemos adiar, ou que nada deve ser adiado.

Quantos abraços deixados para o amanhã, quantos “muito obrigado” não foram ditos na hora certa, ou quem sabe “eu te amo” para os filhos, cônjuge, pais. Quantas pessoas deixamos para ver no dia seguinte ou na semana seguinte. Quantos doentes, quantos familiares e amigos não visitamos achando que podíamos fazer isso depois?

O “deixa pra depois” não permitiu que déssemos o último abraço por “achar” que amanhã daria tempo. E tudo isso ficou sendo desculpas que todos nós usávamos para determinar um tempo que não nos pertence, e que agora lutamos contra esse tempo que perdemos.

Desde março do ano passado (2020) estamos confinados, tomados por um vírus que nos fez e ainda nos faz reféns de nossas próprias vontades, nos tirando o direito de ir e vir. O coronavírus surgiu no mundo de forma repentina e dessa maneira vem fazendo vítimas todos os dias, sendo que no Brasil, até o momento, já faleceram mais de 400 mil pessoas, um número bastante considerável de mortes em nosso país.

Na pacata cidade de Governador Celso Ramos, com pouco mais de 14 mil habitantes, até o dia 4 de maio já foram confirmadas 2.328 pessoas com a doença, sendo que 23 delas vieram a óbito.

O mesmo vírus que tem ceifado vidas e levado todos os dias pessoas aos hospitais, provoca uma grande revolução no mundo, como a escassez de trabalho e renda, atraindo problemas econômicos como a necessidade de uma política pública mais planejada que atenda à população. A falta de planeja-

mento nas políticas públicas cria más condições na qualidade de vida das pessoas e vem defasar ainda mais os problemas sociais, principalmente os ligados à saúde e à educação.

Diante de todos esses dilemas vividos no mundo, trazidos pela pandemia da doença Covid-19, provocada pelo coronavírus, percebemos o quanto as pessoas andavam agitadas na corrida do dia a dia. De repente o mundo parou e todos se viram acuados dentro de suas casas, o que era quase impossível antes do surgimento do vírus. Talvez seja um momento para refletirmos sobre o que foi feito ou o que ficou por fazer.

Além de dar minha opinião, aproveitei o momento dessa antologia para buscar, entre os nativos de Ganchos, um pouco daquilo que sentem nesse momento em que vivemos no “mesmo mar, embora em barcos diferentes”.

Penso que a vontade de sair às portas numa tarde para visitar velhos amigos nos faz tanta falta, assim como os passeios e outros tantos compromissos de forma presencial, com abraços, olhar nos olhos, partilhar sentimentos e curtir o que temos de melhor: a vida.

Então aprendemos que no ato da partilha o pouco se torna muito para os irmãos que nada têm, e que há um jeito simples de fazer alguém feliz, dando um pouco daquilo que temos. Que podemos conjugar menos o verbo “ser” na primeira pessoa, porque ser mais ou ser menos na hora de disputar um respirador de nada serve, o vírus não te escolheu, foi você quem buscou em algum lugar. E é nesse momento que ficamos impotentes diante de algo que não conhecemos, nem vemos, apenas sentimos.

O mundo ficou todo amedrontado, as pessoas começaram a perceber que a qualquer momento, qualquer um de nós pode estar nessa indesejável situação de coma por conta de um vírus. O sentimento de perda, de insegurança, de busca pela fé, momentos de ansiedades, de aprendizagem e de adaptação são vividos por todos, e isso é visto nas pessoas que conversamos (remoto), oportunizando que deixassem registrados seus depoimentos.

A pedagoga Caroline Nau Loffi, atualmente residindo em Porto Velho, e a bacharel em direito e funcionária pública federal, Iolanda de Azevedo Simão, que reside em São José, pontuam a questão da adaptação. Caroline diz:

“Aprendi que adaptar-se é necessário. Todos precisavam se readaptar. Quem já tinha uma rotina caseira precisou se adaptar aos familiares em casa, quem saía, precisou se adaptar a ficar em casa. O comércio precisou se adaptar às novas formas de venda. As aulas precisaram se adaptar à nova forma de ensino. Os shows, as reuniões, os encontros entre amigos e familiares”.

Já, Iolanda de Azevedo Simão, que atualmente desenvolve suas funções de forma remota, diz que precisou ser mais resiliente e adaptar-se aos novos métodos de trabalho.

Marilene dos Santos da Silva, residente em São José, e Merícia Maria Santos Simão, moradora em Palmas, ambas donas de casa, registraram uma observação quanto à necessidade da valorização de estar perto dos entes queridos. Que as pessoas têm que tocar mais no coração, ter mais amor ao próximo, a importância do ir e vir e o valor de um abraço.

Merícia foi uma das gancheiras que foi infectada pelo vírus e, mesmo estando numa casa com o esposo e o filho de sete anos, ficou em um quarto confinada, se vendo entre quatro paredes com medo que a doença evoluísse.

Rildo Valmor Baldaça, empresário aposentado, pensa que as pessoas têm que buscar mais a Deus, e que este momento está servindo para sua busca interior.

Jane Mary Wollinger Martins, moradora no bairro Fazenda da Armação (GCR), diz que sempre percebe a necessidade do respeito e amor ao próximo, e cita que toda essa contaminação exagerada se deu em função do desrespeito, pelas pessoas que não cumprem o seu papel na sociedade, não respeitam e não cumprem normas exigidas pela saúde.

Salma Silva, uma gancheira residente em Florianópolis, é enfática em falar que aprendeu a se aproximar mais dos amigos, e a dar mais valor à vida e olhar mais o lado espiritual.

Tiago Nilson da Silva, gancheiro, residente em Tijucas, afirma que a pandemia ensinou que o medo precisa ser superado e que a morte é algo natural. O problema do sofrimento continua atual.

João Abelardo Simão, funcionário numa empresa privada, morador de Canto dos Ganchos, Alex Ocker, comunicador, morador de Fazenda da Armação, e Noene Ondina da Silva Fernandes, poetisa e conselheira tutelar, moradora em Areias de Baixo, dizem que aprenderam a amar mais e cuidar mais de si e dos seus, a ter mais empatia, “me colocando no lugar do outro”, a enxergarem as coisas por ângulos diferentes. Mas, a maior lição, sem dúvida alguma, está no reconhecimento do quanto ainda precisamos evoluir. “Ter valores iguais, sem preconceitos, saber viver e valorizar cada momento de nossa vida”.

Outros como os professores Alex Sandro Sagas e Almir Alves Filho, sentem a necessidade do viver bem. Alex Sagas, que reside em Calheiros, observa que:

“A pandemia nos ensinou que somos pequenos como seres neste mundo, e só nos tornamos grandes quando nos unimos”.

Almir Alves Filho, de Canto dos Ganchos e morador em Florianópolis, aprendeu a valorizar o tempo.

“No momento em que estamos cheio de restrições quanto ao lazer, viajar, a gente acaba valorizando bem as coisas e pessoas que fazem parte da nossa

vida. Há uma necessidade de reflexão. Na educação, a valorização do professor por parte dos pais e dos alunos”.

Já, Edir Simão Nazário, professora, nativa e moradora de Canto dos Ganchos, contraiu o vírus junto com o esposo Zuri Nazário Filho, popular Puca, também de Canto dos Ganchos. Ela conseguiu sair sem sequelas físicas, mas com o psicológico abalado, após a perda do esposo, que acabou perdendo a luta para o vírus. Mesmo diante da tragédia que vitimou o esposo, ela diz ter aprendido que tem que se apegar cada vez mais a Deus, porque se não fosse o AMOR DE DEUS, não conseguiria vencer o dia a dia. Amar e ajudar o próximo constantemente.

A funcionária pública municipal, Vanessa Lopes dos Santos, moradora de Ganchos do Meio, e Vera Baldança Soares, funcionária pública aposentada, registraram que:

“As pessoas têm que agradecer mais a Deus, pelos familiares, amigos, trabalho..., e orar e buscar mais a Deus”.

Esses depoimentos são vozes que gritam todos os dias pelos aprendizados, pelos ensinamentos que recebem a cada momento diante do quadro atual em que vivemos, que para uns são apenas uma desventura, para outros, uma praga que tomou a Terra.

Sentimos por todos que de qualquer maneira tiveram que encarar o desconhecido e serem motivados pelo amor à vida e ao próximo, muitas vezes não valorizados.

Síntese biográfica

Miguel João Simão é natural de Canto dos Ganchos, Município de Governador Celso Ramos, local onde reside.

Professor aposentado desde 2016, ocupou por 4 vezes a função de diretor de escola, foi secretário de Educação em seu município, foi professor universitário e tutor de curso a distância.

No ano de 1992 foi eleito vereador em sua cidade, tornando-se presidente da Câmara Municipal no primeiro biênio (1993/94), eleito por unanimidade dos votos de seus pares.

Assumindo a Secretaria de Educação e Cultura em 1997, organiza o primeiro material histórico e cultural de Governador Celso Ramos, baseado em recortes de jornais, entrevistas com a comunidade e alguns dados bibliográficos que existiam sobre a fundação da cidade. Posteriormente o material foi levado a uma gráfica e transformado em Livro com o título de *Ganchos: Um pedacinho de Portugal no Brasil*.

Em 2001 lança o livro *De Ganchos a Governador Celso Ramos*, resgatando a história política de Governador Celso Ramos. Em 2003 lança *Maria de Ganchos* e, em 2006, *Mulheres de Ganchos*. Em 2008 lança *A Saga de Zé Gancheiro e outros contos!* e, em 2012, o autor lança *Ganchos: Pesca, Maricultura e Turismo*.

Além dessas obras, Miguel João Simão organizou diversas obras e participou em mais de 30 antologias.

Suas últimas participações foram: *Entre Portas e Janelas* (2017) pela Academia de Letras de Biguaçu, *Pérolas da ALBSC* (2017), o livro infantil *As Aventuras de Zé Gancheiro - A pesca* em coautoria com a escritora Caroline Nau Lofi (2018), e *Mulher Destaque* (organizador), 2018.

Reconhecido por Dalvina de Jesus Siqueira, é convidado a ingressar na Academia de Letras de Biguaçu no ano de 2002, nessa época Miguel era professor no Curso de Pedagogia na Univali - Biguaçu.

Envolvido com as questões literárias, encoraja-se e cria a Academia de Letras de Governador Celso Ramos no ano de 2004, empossando os primeiros 13 Acadêmicos no dia 5 de junho do mesmo ano.

Em 2008 cria a Associação dos Escritores dos Municípios da região da Grande Florianópolis, tornando-se presidente de Honra.

Nesse mesmo ano de 2008, foi convidado por Mário Carabajal a criar em Santa Catarina a Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina (ALBSC).

Em 2013 toma posse na Academia de Letras de Nova Trento.

Atualmente, junto com amigos das letras já ajudou a criar mais de 100 Academias de Letras em Santa Catarina, todas Seccionais da ALBSC.





Esperidião Amim Helou Filho

Cadeira nº 28

AMIN, O que a pandemia nos ensinou, “Uma pandemia não te ensina a amar quem está presente, mas, pela dor da perda, quem se foi”.

Descrever as aflições e a dor que esta pandemia tem lançado contra nós **todos** tem sido uma “via crucis” que aumenta o desalento e a desesperança. Longe de ser uma terapia, aproxima-nos do masoquismo e da autoflagelação.

O título-tema adotado para esta Antologia pode permitir que façamos um exercício próximo do sentido construtivo e criativo que as crises propiciam.

Os ideogramas do mandarim aproximam o sentido de crise a oportunidade. A História revela o quanto as angústias, as guerras e as privações têm apressado soluções que, “em condições normais de temperatura e pressão”, demandariam muito mais tempo, ensaios e treinos.

Pois este é o foco! Antes de falar das pessoas e coisas que perdemos, vamos fazer uma visita rápida a prioridades, hábitos e práticas que adotamos (ou fomos por eles adotados), procurando adivinhar qual o grau de aderência que foi estabelecido.

Vamos começar pelo trabalho remoto, o conhecido “home office”. Pessoalmente, adotei e promovi a adoção do Ensino a Distância como ferramenta de política pública em 1999, especialmente no caso dos programas de graduação de docentes. Também como professor, ministrei disciplinas de cursos de graduação e de pós-graduação utilizando essa ferramenta. Ao concluir o doutorado no Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da nossa UFSC, em 2010, creio ter me atualizado no conhecimento de mídias e suas aplicações. Mas a pandemia nos arrastou para uma utilização massiva e diversificada. De sessões parlamentares a deliberações legislativas relevantes, como aprovar leis e emendas à Constituição do País, fomos aprendendo a debater e deliberar remotamente. Pode parecer trivial, mas se formos analisar

a etimologia das palavras voto, ou melhor, sufrágio, e escrutínio, temos que reconhecer que avançamos muito. Reuniões e debates sob circunstâncias remotas foram vivenciados por todos nós, com múltiplas finalidades, variados ritos e aplicativos. Não deixa de ser curioso o fato de que antagonismos e divergências assumiram dimensões menos radicais do que na modalidade presencial, revelando que a mídia e o transcurso do tempo contribuem para amenizar reações.

Complementando o mencionado acima, no campo da Educação, ainda estamos vivendo o debate em torno da “essencialidade” da educação presencial. É certo que ao voltar à escola, todos os envolvidos na atividade passam a figurar como incursos em atividade de risco. O transporte público e o escolar, seus agentes, os professores e os alunos, os funcionários da escola (auxiliares, merendeiras, seguranças) são chamados à reflexão sobre riscos, em que a incerteza é elevada a dramática potência. Sabemos que especialmente no caso de crianças, as perdas por falta de socialização dificilmente serão resgatadas. A socialização é fundamental para o ser humano, sendo, porém, crucial para a mais tenra idade, quando o conhecer e coexistir com estranhos à “tribo” da criança é basicamente iluminador de seu desenvolvimento social e cognitivo. De qualquer forma, modalidades de transmissão e avaliação do conhecimento são desenvolvidas como resposta a práticas absolutamente necessárias. Essa evolução não vai ser interrompida e será sempre nossa companheira como ferramenta complementar aos outros recursos didáticos e demais práticas pedagógicas.

No campo da Medicina, creio, aquilo que se anunciava como possível avançou de forma espantosa. A Telemedicina tem sofrido um processo de desenvolvimento extraordinário.

As consultas médicas remotas foram adotadas de maneira tão intensa que fariam corar os médicos da minha infância... O que pensaria o Doutor Miguel Salles Cavalcanti (exemplo de médico humanitário – os da minha geração devem lembrar) de atender um paciente sem o ter na mira de seus olhos e ao alcance suas mãos e do estetoscópio? A obtenção de exames laboratoriais, igualmente, teve reduzidas as intervenções humanas. Estamos caminhando no sentido de que os exames sejam cada vez mais respostas eficazes para constituir um diagnóstico do paciente em todas as suas funções e necessidades. De outra parte, os hospitais têm contado com a dedicação estressante de profissionais, especialmente os da enfermagem e os chamados intensivistas, cuja participação é insubstituível. E as vacinas? Quantas mais teremos acrescentadas ao nosso elenco de aplicação anual, vinculado a faixas etárias? Abro parênteses para comentar sobre uma “candidata” (a “minha candidata”) ao prêmio Nobel da “Vida” e da Medicina. Trata-se de Katalin Karikó, húngara de nascimento, obstinada defensora da utilização do chamado “mensageiro” do RNA. Sem adentrar o campo da Biologia e da ciência em geral, quero abordar aspectos de sua personalidade. Ela enfrentou discriminação, perseguições e

rebaixamento na sua carreira. Foi diagnosticada com um câncer, em 1995.

“Normalmente, nesse ponto, as pessoas simplesmente dizem adeus e vão embora, porque é tão horrível! Pensei em ir para um outro lugar ou fazer outra coisa. Também pensei que talvez não fosse boa o suficiente, não fosse inteligente o suficiente!...”, declarou. O impressionante é que não desistiu! Hoje, é a responsável consagrada pela descoberta em que se baseiam as vacinas da Moderna e da BioNtech-Pfizer, tidas como de elevada eficácia nesta guerra pela imunização em que nos envolvemos.

O e-commerce e o delivery tiveram um desenvolvimento “brutal” ao longo dessa tragédia da pandemia. Os números revelam que o impacto beneficiou as grandes empresas e os “entregadores”, ensejando uma ocupação que atende as recomendações de natureza sanitária e aumenta, para o comprador, a comodidade. Há notícia de que o último “reality show” produzido na TV brasileira teve “fila de espera” para anunciantes.

A produção artística, o turismo e os eventos sofreram um dramático choque, com prejuízos incalculáveis e com um empobrecimento cultural difícil de mensurar e de recuperar.

As formas de comunicação foram multiplicadas para compensar a perda de possibilidades de encontros e reuniões presenciais.

Essas formas alternativas e complementares de trabalho, de transação e relação entre pessoas, creio, vieram para ficar. Estavam sendo usadas de forma pontual e alternativa.

Passaram, agora, a ser forma de uso geral. Como regra, podemos dizer que essas expansões verdadeiramente “aderiram” aos nossos usos e costumes.

O outro lado do aprendizado é o das perdas.

Quantos hábitos tivemos que mudar... O principal, no meu caso particular foi de cumprimento de agendas de viagens. Tenho saudades das viagens e das reuniões políticas presenciais. Sinto falta da vibração que estimula, critica, aplaude e corrige. As reuniões presenciais passaram a seguir um protocolo que obriga o distanciamento, circunstância que não guarda afinidade com a ascendência italiana e libanesa que considera parte da relação o contato físico, o aperto de mãos, os abraços e beijos. Uma síntese dessa dificuldade merece relato: No dia 11 de março de 2020, ao retornar de Miami, o senador Nelsinho Trad (mãe de ascendência italiana e pai de origem libanesa também) encontrou-se comigo e, como de hábito, trocamos um forte abraço e aquele “beijinho” na face que os “patrícios” costumam aplicar nos amigos mais chegados. Dois dias depois, estava saindo da Festa da Ovelha, em Campo Alegre, lá pelas 23 horas, quando ouvimos, Ângela e eu, que ele tinha testado positivo para COVID. Resultado: viagem abreviada e fazer o primeiro teste, o que aconteceu no dia 14/3. Reclusos, aguardamos o resultado, felizmente, negativo, que só veio em 17/3. De lá até hoje, foram 10 testes, muita aflição, em meio a muita tristeza e dolorosas perdas.

Sobreviver é uma graça divina, certamente! Ser útil à Sociedade pressupõe respeitar as regras e não produzir maus exemplos. Considero que a valorização do contato pessoal, a certeza de que ele é uma dádiva que deve ser fortalecida por verdadeira interação é uma convicção que incorporei. É preciso não perder, no contato pessoal, todos os seus componentes de energia e troca. Doar esse tempo integralmente é um exercício novo e inovador.

Cuidados com os riscos desse confinamento também decorrem desse aprendizado. O mais conhecido é o ganho de peso. Uma das coisas mais sérias a que devemos dedicar atenção decorre desse risco por representar um cômodo ingresso – sem garantias de volta – ao patamar da comorbidade.

Ninguém pode negar que o medo do contágio nos faz esquivos e recalci-trantes diante de situações prosaicas. Daí ter sido criada uma nova expressão diante de um espirro. Antes saudado com um generoso “Saúde!”, agora atrai um explícito ou dissimulado “Sai daqui!”. A fuga ao abraço, inclusive em família, é o mais cínico e comum dos novos costumes. Nesse ponto, temos que homenagear os ensinamentos da “etiqueta nipônica”, sempre mantendo distância entre as pessoas que se saúdam e o uso massivo de máscaras, anunciando pioneiramente o “adorno”. Enfim, esse “novo normal” provoca a inquietação da dúvida: o que assimilamos como novas práticas, novas regras e novos usos mudando nosso jeito de ser de nos relacionarmos vai ficar?

Esse exercício de nova “Sociologia” nos instiga e aflige. O comportamento retraído vai modificar a natureza das pessoas “para sempre”? O último debate de que participei antes de pôr termo a este texto foi sobre os “Órfãos da Covid”. Quantas crianças perderam seu suporte mais necessário? Considerando o elevado porcentual de famílias monoparentais e de crianças criadas por avós e outros pais adotivos, sabe-se que estamos presenciando o crescimento vertiginoso de órfãos, o que exige reformulação de políticas públicas. A pandemia não criou, mas está fazendo expandir a orfandade, num fenômeno social cruel de consequências complexas.

Estas linhas mal arrumadas são escritas sem a clareza que decorreria da ultrapassagem da tragédia. Ainda não temos certeza de quando teremos “virado a página”. O que nos conforta é que humildade e solidariedade foram irrigadas por nossas angústias, perdas e dores. Por isto, apesar dos pesares, vale a nós, Cristãos, o ensinamento contido nos Comentários do Frei João José de Castro ao Sermão da Montanha: “A realidade... é que o sofrimento não poupa ninguém. Todos sofrem, mas nem todos sofrem do mesmo modo.

A uns a dor leva ao desespero; outros sabem sofrer sem proferir palavra. Jesus fez do Evangelho uma escola do sofrimento”. Viver este doloroso momento sem crença religiosa, certamente é mais difícil e desmotivador do que ter fé, ponte para a Esperança de que tanto precisamos..



Felipe de Farias Ramos

Cadeira nº 30

Diário de uma pandemia

A estranheza do mundo se dissipa em você
Ferreira Gullar

Súbito, percebi que todo o absurdo do isolamento, da reclusão e das mortes inapeláveis foi o necessário.

Sim, o necessário para firmar a certeza de que te amo.

De fato, foi preciso que o mundo parasse abruptamente, que negócios rúissem aqui e além-mar, que a *lex mercatoria* sucumbisse... foi, então, que a certeza do amor, antes soterrada pelo cotidiano enlouquecido, impôs-se simples e evidente.

Foi imprescindível que a rotina mundana falecesse, que o despertador resultasse inútil, que os ponteiros do relógio – outrora bedéis inexoráveis – passassem a servir de mero adorno móvel; a partir desse momento, não pude mais claudicar frente este fado que apavora e conforta: amo-te.

Foi indispensável deparar com a dura solidão ensimesmada, com as horas tantas de silêncio e recolhimento sangrentos, com a vedação completa de qualquer gesto convidativo ao abraço, ou ao mais singelo aperto de mão – eis que, agora, percebo amar-te.

Diante da impossibilidade de enterrar os mortos – meus e distantes –, de poder contemplá-los e velá-los na definitiva hora derradeira; foi nesse instante, desgraçadamente preciso, que as dúvidas todas desfaleceram, amada minha.

E porque, perante tudo isso, eu aprendi o rigoroso sem sentido da vida – vazia, frágil, precária –, eu posso dizer-te sem pejos circunstanciais ou vaidades protocolares do meu amor epifânico... arrebatador, e claríssimo, amor meu.

Síntese biográfica

Juiz Federal - Tribunal Regional da Terceira Região (TRF3). Mestre em Direito pelo PPGD - UFSC (Capes 6).

+ Vencedor da 2ª Mostra de Talentos do Poder Judiciário - TJSC (2009) na Categoria Poesia (3º colocado). Título: *Bilhetinho*.

+ Vencedor da 4ª Mostra de Talentos do Poder Judiciário - TJSC (2011) na Categoria Poesia (1º colocado). Título: *Desistência*.

+ Vencedor do 2º Festival de Músicas de Carnaval de São José (2015) na Categoria Marchinha de Carnaval. Título: *Santo Carnaval*. Obra publicada em CD organizado pela Fundação Municipal de Cultura e Turismo de São José (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOj9ZYvfom8> e aplicativo *Spotify*);

+ Vencedor do 9º Concurso Literário - Conto e Poesia (Sinergia/CUT - 2017), na Categoria Conto. Título: *Desengano*. Obra publicada: *Conto e Poesia. 9º Concurso Literário*. Comissão organizadora: Dinovaldo Gilioli, Renato Bilbao Soares, Júlia Martins L. Souza. Comissão selecionadora: Amílcar Neves, Elaine Tavares, Paulino Júnior. Florianópolis: Sinergia, 2017, p. 37/42.





Hélio Cabral Filho

Cadeira nº 32

O que a pandemia nos ensinou

Soneto 1

Dezembro de dois mil e dezenove,
Fazia planos para o ano novo:
“Vai ser um ano bom, maravilhoso...”
“Vai ter mudança... uma metamorfose...”

“_Com toda essa energia que me move,
Vou ser bem mais ousado e corajoso...”
“Vou ter mais atitude e mais arrojo...”
“Quero que tudo mude e se renove...”

Previa um ano intenso e positivo;
Repleto de surpresas, de conquistas;
Bem mais humano, bem mais decisivo...

“Não vou ser tão vaidoso ou egoísta;
Darei muitos abraços, mais sorrisos;
Serei mais tolerante e altruísta...”

Soneto 2

Passaram-se as festas. Comilanças
E bebedeiras e exageros tantos.
Chegou dois mil e vinte e as esperanças
De um ideal mais nobre, forte e franco.

Sonhava com transformações, andanças,
Com menos tempestades, solavancos...
E dias de arco-íris, de bonanças,
Com menos sofrimentos, menos prantos.

Mais aproximação, menos distância;
Olhar nos olhos de quem quer que seja;
Ter menos ambição, menos ganância...

Na mão uma atitude benfazeja;
Na alma um pouco mais de tolerância
E sempre um pão a mais na minha mesa.

Soneto 3

E veio o carnaval, muita algazarra;
E muitos exageros, muito lixo...
Muita aglomeração e esbarra-esbarra;
Com muita insensatez, sem compromisso...

Depois de acontecer toda essa farra;
Havia um zum-zum-zum assustadiço,
Que um vírus, numa transmissão bizarra;
Causava muita dor e reboição.

“É só uma gripezinha!” Se dizia...
Muita especulação, poucas verdades.
Um surto mundial? Uma pandemia?

E nessas incertezas e maldades,
Essa doença se prevalecia,
Causando mortes e enfermidades.

Soneto 4

A desgraça do vírus se espalhava;
Tal qual um drama que se descortina.
O povo se afastava e se isolava,
Em cada continente e em cada esquina.

A pergunta no ar predominava:
“Mais um produto feito lá na China?”
A frase do momento: “Fique em casa!”
Embora, do país, seja a ruína.

Várias fronteiras foram se fechando,
O isolamento se proliferando,
Cada família no seu Alcatraz.

E vi meus ideais todos doentes;
Com muitos pesadelos pela frente
E os meus sonhos ficando para trás.

Soneto 5

Diante dessa dor tão arbitrária;
Vi desmazelos da politicagem

Querendo, como sempre, ter vantagem,
Da forma mais infame e ordinária.

No entanto, frente a tanta sacanagem,
Também vi muita gente solidária
Agindo, de maneira voluntária,
Com altruísmo, com camaradagem.

Embora toda a física distância,
Toda aquela isolada circunstância,
Uma corrente do bem era inserida,

Mostrando quanto o Tempo é valoroso,
O quanto o ser humano é ardiloso
E o quanto é delicada a nossa vida.

Soneto 6

O mundo, lares, vidas se fecharam...
Agora o que nos resta é muito tempo;
Muitos dias nos meses nos sobraram;
Muitas semanas de enclausuramento.

E o que fazer? Alguns se perguntaram!
Com tanto ócio e aborrecimento?
A rotina e a preguiça se escancaram,
Num tédio pesaroso e sonolento.

Que sirva, todo esse eremitério,
Pra refletir, pensar, absorver,
Por que se leva a vida tão a sério?!

Usar todo esse tempo pra aprender,
Que somos simples partes de um mistério,
De um divinal milagre de viver.

Soneto 7

Todo esse tempo vago disponível,
Pode trazer um grande benefício,
De forma contundente e imprescindível,
Representando um verdadeiro ofício:

Pra exercitar a Fé compreensível;
Rever algum defeito ou algum vício;
Algum valor mais nobre, mais sensível,
Que, dentro da alma, mostre algum indício...

...Rever, no coração, tantas pendências;
Nossos comportamentos e atitudes;
As nossas relações e convivências.

Saber que só a Paz nós traz virtude,
Que só na Caridade existe essência
E só no Amor que existe plenitude.

Soneto 8

...Assim, o tempo vai nos perpassando,
Levado por um vírus tão letal.
Um forte aprendizado nos mostrando
Que viver bem nos é fundamental.

Viver bem sempre, e não apenas quando
A vida nos aponta um grande mau.
Pois, se ficarmos só choramingando,
Não subiremos nem um só degrau.

Que sirva de lição aos demagogos,
Umas verdades, sem piedade ou dó:
Que ninguém está fora desses lodos;

Que tudo verterá ao mesmo pó;
Que o mundo é um só mundo para todos,
E a vida é só uma vida pra si só.

Soneto 9

Em frente a tanta dor, tanta desgraça,
Com vidas se perdendo velozmente,
Num cenário difícil e comovente,
Que o próprio coração se descompassa.

Precisamos saber que tudo passa,
Mas não passa a lembrança comovente,
A saudade de quem se foi pra sempre,
Numa tristeza que nos despedaça.

Quais lições levaremos disso tudo?
E quais, essencialmente e sobretudo,
Serão as principais transformações?

Se ficarmos nas mesmas quietudes,
Se não mudarmos nossas atitudes,
Seremos sempre os mesmos bobalhões!

Soneto 10

Lembre-se, que nem tudo foi suspenso;
Nem tudo cancelado ou proibido.
Ainda se tolera ter bom senso
E o amor ainda é forte e permitido,

A amizade existe e é consenso,
Pra quem ainda é verdadeiro amigo,
A gentileza é de um valor imenso,
E o Bem, ainda, não está perdido.

Leitura, poesia, o canto, a dança...
O aprender jamais se acabará,
Se houver um pingo de perseverança.

Saiba que o Amor jamais se afastará;
Não estará distante a Esperança
E a Fé também jamais se isolará.

Soneto 11

Não estamos sozinhos, nem perdidos...
Sairemos todos desses labirintos,
Com muito mais coragem, redimidos,
Mais conscientes e mais indistintos.

Seremos vencedores, não vencidos,
Se lutarmos com força e com afinco.
Teremos um futuro construído,
Mesmo isolados em nossos recintos.

Quem tem seu ideal não se corrompe;
Dando valor para o que não tem preço,
Se enxerga, com certeza, um horizonte.

Será nosso princípio esse desfecho,
Pra construirmos uma nova ponte,
A grande ponte para o recomeço.

Soneto 12

A vida mostra, às vezes, desventuras,
Umaz tristezas, outros dissabores,
Jamais para implicar com as nossas dores,
E sim para testar nossas bravuras.

Embora tanto mal, tantos rancores,
Se deve ainda ter fé e ter candura...
Nem todas as estradas são escuras.
Nem todos os caminhos são de flores.
Embora tanta lágrima sofrida,
Que venha a esperança, o amor, a calma...
Remediar, curar cada ferida.
Toda essa compulsão, todo esse trauma,
Não é pra enfraquecer a nossa vida,
E sim fortalecer a nossa alma.

Soneto 13

O sol da nova era vai surgindo,
Nos horizontes desse mundo bom;
As sombras da tristeza vão sumindo,
O céu vai desenhando um novo tom.

Uma luz de esperança vai se abrindo
E cada ser vai se mostrando com
Um lampejo de fé de um sonho lindo,
No Amor Divino, o verdadeiro dom.

Ficam lembranças, dores e saudades,
Dessas almas queridas que partiram,
E que embarcaram para a eternidade.

No entanto, há uma verdade nesse adeus:
Tantas fraquezas sempre nos inspiram,
Na força extrema que provém de Deus.

Soneto 14

Depois de tanta dor, tantos espinhos,
De tanto sofrimento e desventuras,
Uma interrogação ainda perdura:
Será que o ser humano, tão mesquinho,

Essa egoísta e pobre criatura,
Esse ser tão letal e tão daninho,
Aprendeu algo pelo seu caminho,
Ou continua a sua desventura?

Se o ser humano não seguir em frente,
Com mais amor, mais fé, mais gratidão...
Sendo mais justo e mais benevolente,

Nada valeu tamanha comoção,
Por toda a indiferença em sua mente,
Pela frieza do seu coração.

Síntese biográfica

Membro da Academia de Letras de Biguaçu desde 2011, onde ocupa a cadeira nº 32, cujo patrono é **José Brasilício de Sousa**.

Cronista, poeta, romancista e contista.

Livros publicados: *Sonetos de otimismo e outros Sonetos* (2009); *Meus sonetos prediletos* (2011); *Caderno de Sonetos* (2013); *Só* (2014); *Nós* (2016); *Não Leia* (2017); *Voa!* (2019).

Cadeira nº 32 - Patrono José Brasilício de Sousa

Nascido em Pernambuco no dia 9 de janeiro de 1854, Brasilício era filho do militar José Manuel de Sousa Sobrinho (1817-1895) e Rita Inácia de Sousa (1817-1899). Brasilício era filho único. Os pais, nascidos em Desterro (hoje Florianópolis), eram primos.

José Brasilício foi o autor do Hino de Santa Catarina. A música é sua e a letra foi escrita por seu grande amigo Eduardo Nunes Pires (1845-1902). A música foi executada pela primeira vez em 4 de fevereiro de 1890.

Brasilício morreu aos 56 anos, em 30 de março de 1910, cinco dias depois do falecimento de sua esposa.



Dulcinéia Francisca Beckhäuser

Cadeira nº 33

Pandemia Reflexos da pandemia na sociedade



A pandemia ocasionada pelo coronavírus nos trouxe um impacto total, em uma escala avassaladora e global. Todos nós fomos afetados, direta ou indiretamente, pelos reflexos oriundos deste vírus.

Foram necessárias diversas ações urgentes para contenção da mobilidade social, como: isolamento social, quarentena, testagem em massa, de medicamentos, vacinas que evidenciam complicações éticas de direitos humanos, merecedoras de análise crítica e prudência.

Além de todos os desafios a pandemia nos trouxe um aprendizado nunca vivido antes pela maioria das pessoas.

Também fez que nós fizéssemos uma reflexão do quanto necessitamos uns dos outros.

A valorização da vida em sociedade nos mostrou o quanto temos amor e necessidade de estar em contato direto com nossa família e amigos.

Analisando na perspectiva teórica de que as enfermidades são fenômenos biológicos e sociais, a pandemia criou desafios para a ciência, organizando pesquisadores em nível mundial, no campo das ciências sociais e humanas, visando à investigação com resposta e capitação como estratégias para o enfrentamento da Covid-19.

O efeito do coronavírus extrapolou o sistema de saúde, pois esse nunca foi prioridade, principalmente no Brasil, sendo agravado com o efeito da pandemia.

Assistimos com grande tristeza ao descaso de algumas autoridades com a vida do ser humano. São inúmeras famílias que perderam seus entes queridos. Além disso, presenciemos, com grande indignação, os desvios dos respiradores, hospitais de campanha que poderiam ter salvado muitas vidas.

A pandemia da Covid-19 produziu impacto em escala global, que afeta e segue afetando nossas vidas diariamente.

A pandemia nos trouxe um aprendizado nunca vivido antes pela maioria das pessoas, nos trouxe uma maior valorização da vida em família e na sociedade, pois tivemos que viver em um isolamento total. Paramos para refletir o quanto necessitamos uns dos outros.

Essa pandemia fez com que nós fizéssemos uma reflexão: o quanto necessitamos uns dos outros.

Síntese biográfica

Funções exercitadas:

Gerente de Tecnologia Educacional no período de 1995 a 1988.

Diretora de Tecnologia Educacional.

Gerente de Pesquisa e Inovação da Diretoria do Ensino Superior.

Gerente do Ensino Superior.

Diretora do Colégio Estadual (cargo eletivo) em 1985.

Reeleita diretora do Colégio acima citado em 1990 com 99% da votação.

Formação - Magistério:

Licenciada em Letras: Português e Literatura Portuguesa e Brasileira. Francês, Literatura Francesa.

Curso de Especializações:

Comunicação e Expressão Português e Francês (UFSC).

Mestrado em Metodologia do Ensino na Bélgica - 1983 a 1985.

Cours de Langue Française - Université Catholique de Belgique - Institut Des Langues Vivante.

Lecionou por 18 anos Francês-Português no primeiro e segundo graus.

Cursos de Formação Continuada:

Seminário Estadual sobre Segurança Pública - julho 2003.

Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina.

Tecnologias Educacionais.

Curso de Gestão Educacional e Gerencial.

Curso de Qualidade Total na Educação.

Artista Plástica. Com centenas de obras.

Vera Regina da Silva de Barcellos

Cadeira nº 34



Um olhar além das janelas da minha sala de estar

É ...

Infelizmente chegou ao Brasil, silenciosamente, a pandemia da Covid-19, entre as multidões que se deliciavam nas festas de fim de ano, preparação para as férias de verão, a confecção das fantasias para os bailes e desfiles da escola de samba e as alamedas e pistas exclusivas para os carros alegóricos.

E assim aconteceu, em março a primeira vítima foi detectada e assim por diante paulatinamente a Covid-19 se fez presença nas UTIs dos hospitais de todo o território brasileiro.

Assistindo ao noticiário, as notícias sempre me entristeciam, resolvi olhar além das janelas da minha sala de estar e deixar a criatividade literária despontar percebendo que lá fora nada havia mudado, o Sol nascia e se punha, a Lua nascia e se despedia, a cada novo dia o Sol despontava com toda a sua energia.

Nestas poucas linhas expressarei meu olhar de escritora, sentimento amoroso das minhas composições musicais e o colorido das minhas telas artísticas. Assim sendo, “Um olhar além das janelas da minha sala de estar”...

Um dia, observando o caminhar de um idoso, recebendo o calor do Sol e caminhando a saborear o vento ameno, daqui, na Beira Mar Norte. E assim segue...

Não sei ...

Não sei se deixo rolar as canções que partem
Da minha alma num tempo dos carrosséis da vida!
É o vaso na janela, flores ao redor

É o vento que canta em sussurro
Desfolhando as páginas do meu diário!
É o balanço das plantas ou o canto dos bem-te-vis
É a pluma que cai de mansinho na minha caixa de música
das saudades e respiro forte o néctar das flores no meu jardim...

Vejo nuvens que correm em desalinho
Pelos céus que sempre foram... azuis
Deixo meus dedos rolares pela grama verde
Dedilhando no teclado de piano surdinas musicais
É a lua que adormece... É o Sol que acorda...
Num recanto guardado da minha saudade!
Quando uma coleção de porcelanas antigas
Lembram-me os chás nas toalhas de linha branco
Acobertadas das iguarias, receitas europeias
Ah! Quanta saudade dos meus tempos de criança... crescida
Hoje só lembranças... lembranças...

Em um final de tarde, em que o Sol deitava-se dolentemente, uma jovem estava a entrar no prédio, quando, palpando sua mochila, procurava a chave, então observei:

Na neblina dos tempos!

Coração apertado! A chave estava fora o trinco enferrujado
O que eu faço?
Bato a porta ou busco outra chave para o repouso
do meu coração envelhecido
Pela pandemia que corre no mundo
Abalando corações, famílias, empresas, profissionais,
desestruturando consciências...
Ah! A chave estava fora, em outra mochila ou bolsa!
E teus sonhos perdidos menina, onde estarão?
Na neblina dos tempos... Nas voltas que o mundo dá...
Nos carrosséis da vida ou da lida do dia a dia...
Sim nas neblinas dos tempos... Eu sei!

Em uma manhã pelas 8hs, tomei o meu desjejum e fui à janela. Tão bela com um olhar tão triste, caminhava devagar uma mulher grávida e o coração da escritora põe-se a poetar...

Quem sabe!

Reli teu brilho no olhar... havia tristezas
Quem sabe? Incertezas, receios, Inseguranças

Ou talvez, quem sabe? Não sei!
 Mas olhei novamente... E busquei dentro de ti
 A esperança, a fé, a confiança, a harmonia
 A paz, a alegria e o amor neste Ser que dentro de ti
 Está vibrando na Luz que da Luz se faz!
 Não tenha pressa, a paz está contigo,
 Um anjo a ti foi dado, tenha certeza.
 Você irá cuidá-lo com todo o carinho, este, um presente de Deus em ti.
 Vá devagar e com Deus, um futuro brilhante te espera!
 Te espera e muito amor há de acontecer... Sim!
 Aquela noite fiquei a pensar e poetando me vi a escrever...

A Noite

... A noite passou tão rápida
 Que foi... Já é dia... o Sol brilha
 E nos sonhos da noite o Sol brilhou? Que luar!
 ...a Lua faceira brilhou! Sim brilhou!
 E assim um novo dia, um novo amanhecer surgiu e a escritora a poetar...

À tardinha o vento nordeste chegou com toda a sua bronca forte, assustando tudo pela frente e as folhas das árvores mais próximas dançavam soltas em várias direções e o poeta poetando...

Um olhar...

...folhas que caem... palavras que saem... passos que se esvaem... olhares que apalpm

...toques que inebriam... gestos que calam... corações que se abrem... almas que cantam

...o sentido de Ser... O sentido de existir... o sentido de estar sempre... sempre com amor para dar... E a multidão, Meu Deus como estão?

Serão folhas soltas pelos caminhos da vida, da lida

Quem conduzirá? Quem?

Em uma noite o noticiário colocou em pauta a situação real do nosso país.

Quantos acometidos pela Covid-19, quantos que sobreviveram os desafios da pandemia e quantos sucumbiram, meu Deus!

Segui com passos firmes à minha janela na sala de estar e fiquei olhando adiante. A natureza tão bela como se nada estivesse a mudar mundo afora. Meus pensamentos foram positivamente levados com bons ensejos a todos os profissionais nas alas principais nos hospitais. E, assim....

Fraternidade

Um aperto de mão, um silêncio que fala
Um conselho que segue, um amigo que chega!
Um sorriso tímido que escapa, não querendo atrapalhar os devaneios
Um sentimento de afeto que teima em chegar!
São laços de ternura da alma que caminha
Sempre ao encontro de outra alma amiga...
Um bem querer, um consolo às dores do mundo

As mãos!

As mãos que trabalham nas ruas, nos mares, nos ares, nos manguezais da vida

Que trazem alegrias, às vezes desilusão nas estradas da vida!

As mãos... que acenam em adeus, que não voltam nas idas

Das moradas eternas tão prometidas!

As mãos... que tocam saudade a face da criança adormecida

Do ancião que na morada da morte vai compadecido...

As mãos... que matam o sono consolado

Ou quem sabe os sonhos da criança nas comunidades brasileiras!

As mãos... são tantas pelo mundo afora

Que no grito da dor exalada, o gesto mortal da vida que escapa...

As mãos... assassinas que dirigem veículos metálicos nas cidades e metrópoles

Pensando ser pistas de corrida que matam os sonhos descortinados de muitos!

As mãos que oram pedintes a outras mãos

Que silenciosas nos caos da vida seguem resolutas as novas diretrizes da vida!

As mãos... Meu DEUS...

Que mãos são estas neste mundo infinitamente da Tua Criação!

As mãos que falam e distorcem notícias

Nesta tão grande mundial pandemia.

Estais a escutar, meu Deus!

Lágrimas correm do meu rosto límpidas e sinceras

Percebendo as dores das partidas, bruscas e desconsoladas

Sem parentes ou amigos a consolarem os últimos suspiros...

Do vazio na casa simples ou nas abastadas.

São tantas dores, meu Deus!

Acode este povo destemido, confiante em Ti

Nas brumas tempestivas do nosso dia a dia

Nestes meses de dor, angústias interrogativas.

Meu Deus, até quando? Até quando

E assim a escritora fecha seus olhos e tocando carinhosamente o rosário de Maria, ora embevecida, no silêncio que adentra a noite, as Ave Marias.

Uma delével paz toca de mansinho seu coração e um leve sorriso brota de seus lábios e o coração poeticamente agradece... Gratidão.

Síntese biográfica

Denomina-se **Vera De Barcellos**, nome profissional e cultural. Nasceu em Florianópolis, capital de Santa Catarina, em 17 de fevereiro de 1948, filha de Adi Catarinense da Silva e Valcivia Maciel da Silva (ambos *in memoriam*).

Atualmente é acadêmica de várias Casas Acadêmicas, Associações de escritores e grupos literários nacionais e internacionais. Dentre elas, Pensadora Humanista Imortal e Ph.I. Doctor Philosophos Immortalem da Academia de Letras do Brasil/ Humanitária, RJ/RJ; acadêmica e conselheira perpétua da Academia de Música do Brasil, RJ/RJ; acadêmica e conselheira perpétua da Academia de Musicologia da Brasil, RJ/RJ; embaixadora e acadêmica da Academia Di Letras Y Artes Valparaíso, Valparaíso, Chile; acadêmica do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal; d'ambassadeur da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, Paris, França, recebendo a medalha de ouro da Divine; acadêmica na Academia de Letras do Brasil/Suíça, Berne, Suíça; acadêmica patronímica da Academia dos Embaixadores da Paz da OMDDH, RJ/RJ; associada na Societé Civite Européen des Beaux-Arts, Paris, França; comendadora da Justiça de Paz da Wold Organization of Human Rigts Defenders, Belford/RJ.

Lançou as obras literárias: *Na Luz a dor da Saudade Tua*, em 1997; *Cores Poéticas em Seu Coração*, em 1998; as obras *500 Anos Brasil, 500 Poemas Haicais* e *500 Anos Brasil, 500 Poemas Breves*, em 2000; Coleção Infantil "tia Vera", com 9 obras em 2001 a 2007, hoje no Amazon como e-book; Coleção Poemas e Poesias: *Lembranças, Adolescência Poética, Diário de uma alma ainda menina, Na busca o encontro... Mulher* em 2006 a 2010; lançou o Kit cultural comemorando os 150 anos de João da Cruz e Sousa, constando de uma obra literária simbolista, um álbum CD com 10 músicas de sua execução e composição e um álbum de partituras, no plenário Ulisses Guimarães em Brasília/DF em 2011; *Minutos de Paz e Sabedoria* em 2012; *Portal da Luz* em 2014; *Arpejos dos Anjos* em 2015; *Colorindo a Vida* em 3 obras terapêuticas e um CD com minha autoria e composição em 2016; *Arco-Íris da Vida* em 2017; Septologia com 7 obras: *Nos caminhos da Meditação, Estrelas de Amor em meu caminho, Vivendo na Paz e na Alegria, Sementeira de Luz, Renascer para a Verdadeira Vida, Um novo Despertar e Sinfonia do amor* em 2017 a 2019; Coleção Infantil: *O jacaré Tristonho, A boneca Lilica e a gata Amarela, O Grilo Falante, O grilo Falante e seus amiguinhos, Sapo Jururu e a Orquestra da Floresta,*

O segredo do Anjo Gabriel, A formiguinha Gulosa, O tapete Voador, A banda dos macacos na Floresta Mágica e As estórias do Tio João em 2019 a 2020; em 2021, *Eliza a dançarina; Marcela e o Poney; O Tapete Voador*.

Em seu acervo literário mantém 121 coletâneas e antologias, sendo 6 Internacionais, colabora em diversos jornais, revistas e boletins literários e outras 11 entidades culturais on-line mantidas até os dias de hoje.

Participante de vários concursos literários, contando hoje com prêmios, troféus, diplomas, certificados, comendas e medalhas em nível nacional e internacional. Encontram-se na BNRJ dezenas de obras literárias e músicas registradas.

www.veradebarcellos.cojm.br; vera.de.barcellos@gmail.com

Cadeira nº 34 - Patrono: Othon da Gama Lobo D'Eça

Othon da Gama Lobo D'Eça nasceu em 3/8/1892 em Florianópolis/SC, e falecido 7/2/1965, também em Florianópolis/SC.

Foi, como jornalista, poeta e ficcionista, havendo sido o maior destaque inicial da Academia Catarinense de Letras, da qual foi o último presidente de sua fase inicial.

Com 20 anos de idade lançou a ideia de fundar uma Academia de Letras.

Em 1918 lançou seu primeiro livro, intitulado *Cinzas e Brumas*, e dois anos depois, em 1920, fundou e dirigiu a *Revista Terra*, com Altino Flores e Ivo D'Aquino, chegando somente até ao número 24.

Neste mesmo ano funda a Sociedade Catarinense de Letras juntamente com José Boiteux e outros simpatizantes da literatura e alguns políticos.

Quatro anos depois, em 1924, passaria a denominar-se Academia Catarinense de Letras.

Escreveu as obras: *Os espanhóis confinantes; Centenário de Cruz e Souza; Cinzas e brumas; Cinzas brumas e poemas dispersos, Homens e Algas, Nuestra Señora de L'Asunción; Terra; Vindita Braba*.

Celso João de Souza

Cadeira nº 36



O que a pandemia nos ensinou

Vou relatar em versos
 Pois alguém me designou
 Pra falar do grande mau
 Que o mundo assolou
 E no meio de tantas dores
 O que a pandemia nos ensinou
 Um grande ensinamento
 Isso ficou declarado
 Por mais que a medicina
 Evoluiu como era anunciado
 É cara por uma Elite estudada
 Mas se viu como era desorganizada
 Se viu as religiões
 Padres, pastores até lá nos terreiros
 Todas as denominações
 Se relevando curandeiros
 E os médicos para os remédios testar
 Mas eles não sabiam o que receitar
 Na vizinhança se via
 Foi aquele bafafá
 Era receita caseira
 Outra partiram pra simpatias
 Clamavam pra padroeira
 Com culto e rezadeira
 Na política foi um desastre
 Tudo queria fechar

EDITORA
 EUCA
 FRESCA

Era as igrejas e os bailes dos lugares
Não podia sair de casa
Era ordem do lugar
Se não vinha o cata-velho resgatar

O outro falava alto
Passa álcool e tomar banho
Mas nas reuniões era determinado
Vamos infectar o rebanho
Atitude desastrada
Bem cara, muitas vidas foram ceifadas

Foi mandado grandes quantias
Para os estados se prepara
Fizeram hospitais de campanha
Mas passaram a mão na grana
Para o povo medicar
Para os políticos se saciar

Lamentável minha gente
Isso ficou declarado
Pois ninguém aprendeu
Com o que já deu no passado
Essa pandemia mostrou
Que não estávamos preparados
Também ficam as evidências
Todos vamos acompanhar
Que tudo que aconteceu
Tanto lá, como cá
Esse bicho chamado homem
Não tem interesse de mudar

Síntese biográfica

Celso João de Souza nasceu em São José/SC, em 25 de março de 1952. Filho de João Celso de Souza e Mercedes Maria de Assunção. Estudou no Colégio Cecília Rosa Lopes e serviu ao exército brasileiro, onde fez o curso de Boia Verde. Foi Bombeiro Militar por 12 anos, fez o curso de sargento da Polícia Militar. Neste período fez parte do grupo de atletas da Polícia Militar de Santa Catarina, competindo pela CMS de SC. Sempre defendeu as artes e se dedica a espalhar a poesia nas escolas e comunidades. Participou de várias antologias, produziu um CD com músicas e poemas, participou de um projeto literário na Palhoça, no qual foi produzido um livro com poesia com os alunos e professores. Participou do encontro da Comitativa Portuguesa ao estado, onde fez um poema para data e foi muito elogiado. Foi o fundador do Conselho Comunitário e do Grupo Jovem

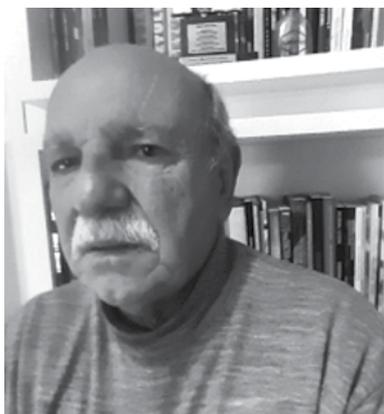
católico do bairro Picadas do Sul, em São José. Possui diversos trabalhos literários e apresentações em eventos e rádios na região sul do Brasil. É membro da Academia de Letras de São Pedro de Alcântara e Governador Celso Ramos.

Cadeira nº 36 - Patrono: Dom Jaime de Barros Câmara

Dom Jaime de Barros Câmara nasceu em São José/SC, no dia 3 de julho de 1894. Era filho legítimo do segundo matrimônio do escravidão de órfãos Joaquim Xavier de Oliveira Câmara, nascido em 1856 em São José/SC, com Anna de Carvalho Barros, nascida em 1864 em Salvador (Bahia). Era descendente direto por linha paterna de João Gonçalves Zarco, desbravador da Ilha da Madeira. Fez seus estudos eclesiásticos no Seminário de São Leopoldo/RS. Foi ordenado sacerdote no dia 1º de janeiro de 1920, em Florianópolis, pelas mãos de Dom Joaquim Domingues de Oliveira.

Atuou na Arquidiocese de Florianópolis/SC, no período de 1920 a 1930. Foi reitor do Seminário Nossa Senhora de Lourdes Azambuja-Brusque e do Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio de Azambuja de 1927 a 1936. No dia 18 de abril de 1935 foi nomeado camareiro secreto de Sua Santidade, pelo Papa Pio XI, passando a usar o título de Monsenhor. Foi Bispo de Mossoró, Arcebispo de Belém do Pará e Cardeal. Faleceu em Aparecida/SP, em 18 de fevereiro de 1971.





Pedro Paulo dos Santos

Cadeira nº 37

O que a pandemia nos ensinou

Neste atípico ano de 2021, a nossa Academia sugere um tema de alta relevância, e de suma importância, pois ficará para sempre marcado indelevelmente na memória de cada um, tudo o que vivemos, sofremos, perdemos e que também aprendemos no decorrer desta verdadeira praga do século XXI.

Quantos amigos se foram, alguns ainda com muitos anos de vida pela frente, enlutando famílias, deixando inúmeros órfãos, alguns até recém-nascidos, que só irão conhecer pais, mães e avós através de fotos, ou de relatos dos familiares.

Perdi inúmeros amigos e conhecidos, pessoas que aparentavam possuir uma saúde “de ferro”, como se costuma dizer, e anoiteciam saudáveis e acordavam já com o organismo tomado pela praga, que não distingue velho, moço, criança ou adolescente, contraiu, se complicou.

E daí corre a procura de UTI, todas superlotadas, com filas imensas de pessoas aguardando a vez, falta de respiradores, medicamento para intubação, profissionais da saúde em falta, e também se infectando, enfim o caos instalou-se de modo rápido e violento, não permitindo que houvesse uma preparação para enfrentamento de tão grande epidemia.

Dizem que surgiu na China, porém com incrível velocidade alastrou-se por todos os países, forçando a ciência a correr em busca de uma vacina, tendo que apresentar resultados positivos ou parcialmente positivos em tempo recorde.

A agência de saúde correndo a todo pano para analisar, avaliar e permitir a utilização das mais diversas vacinas, e o povo ora correndo para ser vacinado, ora fugindo para não tomar a 2ª dose, criando uma situação também imprevisível.

Quantos sonhos desfeitos, quantos planos precocemente abortados, e nessa Pátria Amada “onde quem pode mais chora menos”, ainda aparecem

proveitadores desviando o pouco e suado dinheiro das verbas destinadas a compra de medicamentos, aparelhos, preparação de hospitais de campanha, para benefício próprio.

Seria cômico se não fosse trágico, impedindo a instalação de equipamentos que poderiam amenizar o sofrimento de tantas pessoas, tantas famílias, apenas para locupletar-se com o dinheiro público, como se este não tivesse dono, no caso todos nós pobres mortais.

Depois da desgraça armada e acontecida, ainda aparecem alguns como salvadores da pátria, discorrendo sobre o número de mortes, de infectados, de estatísticas diversas, uns apontando o país como sendo o de maior número de óbitos, denunciando uns e outros, como se também não tivessem culpa no cartório, espalhando medo e terror.

O princípio cristão e também legal ensina que não se peca só por ação, mas também e às vezes muito mais por omissão.

Chamar a atenção para a utilização das medidas de proteção é dever de todos e de cada um, seja em casa, no trabalho, no convívio com outras pessoas, é dever proteger-se e também proteger o outro, ou seja, é uma pista de mão dupla.

O vírus é fatal, sua recuperação é cara e demorada, e as sequelas que deixa permanecem por um longo período de difícil recuperação.

Foi o ano em que diversas vidas foram ceifadas muito rapidamente, pessoas ricas e famosas, pobres e anônimos, a desgraça não respeita idade, raça ou religião, atinge a todos indistintamente.

Pessoas do nosso convívio, amigos, parentes, não poupou ninguém, por onde o macabro vírus passou, deixou um rastro de tristeza, depressão, sofrimento e melancolia indescritível.

Desde as cidades mais populosas até os rincões mais distantes, passou como um vendaval, abatendo vidas, destruindo planos e sonhos.

Medicamentos, só para atenuar os efeitos, pois a cura é demorada e lenta, é rápido no ataque, e difícil na defesa, apenas a vacina atenua um pouco os malefícios, e dependendo do imunizante é preciso mais de uma dose para a proteção completa.

E quando se imagina que está diminuindo a infecção uma nova cepa surge com outro nome, mais forte, agora mesmo quando Londres estava se preparando para a reabertura de casas de espetáculos, surge uma nova variante, mais agressiva, que impedirá tal situação. Esta, segundo as informações, surgiu na Índia, ou seja, também na Ásia, e se no século passado a epidemia demorava a chegar, pois vinha a bordo de navios, navegando lentamente, hoje surge a bordo dos modernos aviões, e mesmo nos continentes mais distantes, dentro de algumas horas já se alastra pelo mundo.

Assim, cada vez mais, constatamos que estamos vivendo na famosa aldeia global, a tecnologia, os meios de comunicação, as fronteiras, nada impede de uma pandemia alastrar-se e dominar o globo terrestre.

É necessário que aprendamos a lição, tão duramente ensinada, e prepararmos para enfrentar, cada vez com mais intensidade e velocidade, as pandemias que surgirem.

Fica o alerta, para que sejamos mais rápidos na resposta e tomada de posição.

Síntese biográfica

Nascido em 27 de outubro de 1946, em Canto dos Ganchos, município de Governador Celso Ramos, filho de Miguel Pedro dos Santos e de Célia Lisboa dos Santos, servidor público aposentado e advogado, iniciou seus estudos na Escola Reunida Leontina dos Santos Negreiros, em Canto dos Ganchos, até o 4º ano primário, mudou-se para Biguaçu, aos 11 anos de idade, onde concluiu o curso regional, estudou nas Academias de Comércio Santa Catarina e Senna Pereira, onde concluiu o curso Técnico em Contabilidade, posteriormente estudou e concluiu o curso Superior de Direito na UFSC, graduando-se em 1973. É membro da Academia de Letras de Biguaçu e de Governador Celso Ramos. Colaborador do jornal *Biguaçu em Foco*, onde publicou várias crônicas. É o primeiro dos seis filhos do casal Miguel e Célia, sendo os demais Antonio Carlos, Maria Natália, José Miguel, Márcia Maria e Maria Inez. Convive em união estável com Ivânia Silva Rita, é pai de três filhos, Guilherme, Gabriela e Geórgia, avô de dois netos, Francisco e Rafael, e padraсто de Israel e Tamara, avô dos netos de coração João Victor, Matheus Otávio, Pietra e, futuramente, da Zôe, que logo, logo chegará, para a nossa alegria.

Cadeira nº 37 - Patrono: Thomé da Rocha Linhares

Em 22 de agosto de 1775, em São Miguel, nasceu THOMÉ DA ROCHA LINHARES, filho do Capitão de Milícia Joaquim da Rocha Linhares e de dona Maria Águida de Jesus. Casou-se com dona Francisca das Chagas e tiveram cinco filhos. A partir de 1823 passou a exercer forte liderança na Vila de São Miguel, como eleitor da paróquia, juiz de paz e vereador. Em 17 de maio de 1833, São Miguel da terra firme é desmembrado da Vila de Desterro, e elevado de povoado à categoria de vila, sendo, conseqüentemente, instalado o município com a mesma denominação.

Com a instalação do novo município é iniciada a primeira legislatura para o período de 1833-1836, em que é dada posse aos primeiros vereadores. Thomé da Rocha Linhares foi o primeiro presidente da Câmara Municipal, cuja legislatura, como já vimos, iniciou-se em 1833 e terminou em 1836. Em 1834, foi candidato a deputado à Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina

na 1ª legislatura (1835-1837), ou seja, foi o primeiro candidato a deputado estadual do nosso Município de Biguaçu, ficando numa suplência e no ano seguinte, quando chamado para assumir sua cadeira de deputado como suplente convocado, recusou. (Bem se vê que os tempos eram outros, se fosse hoje, imaginem a confusão que seria.) De 1839 a 1840 surgiu outra vez como vereador. Tornou-se juiz de Paz de São Miguel em 1827, ocupando o cargo durante quatro anos consecutivos, em 1840 é eleito novamente juiz de Paz. Obteve patente de capitão da 1ª Cia. de Terço de Ordenanças da Freguesia de São Miguel, em 23 de junho de 1828. Faleceu em São Miguel, a 9 de novembro de 1848, com 73 anos de idade. Este brilhante biguaçuense é o Patrono da cadeira n° 37.





Sandra Regina Clara Nepomoceno Pinto

Cadeira nº 40

Inocular

Escancarei as portas e janelas de minha casa
 deixei o sol adentrar
 escutei o canto dos pássaros
 tomei um banho solar
 provei da mais pura água cedida pelo céu cristalino
 pude degustar da força maior dum parreiral
 percebi que a vida tem tingimento exclusivo
 e que os tons sentidos seriam diferentes do conhecido
 compreendi o que muitos falam
 a voz abafa sensações
 há uma criação veloz permitida
 onde ondas trilaminares se fundem
 perfeitamente difusa
 impregnante
 e harmônica
 pronta para persuadir o universo
 ao mesmo tempo que será prolixa e semelhante
 será capaz de atingir o auge sintonizado
 das balbúrdias
 das fusões
 das sensações
 das situações
 dos temidos
 dos sábios
 tudo em prol da mais flutuante constância
 queria poder digerir o infinito com todas as suas famintas forças
 perceber o que todos se distanciam

ao romper limites deixados
 aos sóbrios
 aos tolerantes
 aos perspicazes
 corre lá no alto a mais abraçada querência
 da VIDA de um novo SER
 na concordância do aceite a romper conotações deixadas
 preservo-me a honrá-lo
 nas cicatrizes cotidianas
 a leveza impunha sua força
 dramática e certa
 ramos de rosas distendidos em somatizadas fontes
 breve e sorrateiro instante
 invoque as certezas findadas
 acarrete o sulco vincado
 nos deletérios
 nos indultos
 nos solavancos
 na suavidade dos sinos cantarolantes
 beija-o como beija um beija-flor
 ao som das luzes dos pirilampos

O que a pandemia nos ensinou? Ensinou-nos, principalmente, que a vida deve ser bem vivida e inocular, em cada momento dela, uma gota de gratidão. Sim, aprendemos que nossa vida é breve e finita; tudo é passageiro e guarnecido pela amizade; a morte faz um estrondo para quem quer que seja e o passado pouco importa num leito mórbido qualquer; nossas falhas serão lembranças perante a crosta terrestre; que a família é maior que os simples laços de sangue; nossos aplausos são nossos; o todo palpável pode ser desconfigurado; todas as flores são belas, porém o nosso ideal sucumbe à tristeza; nossa alegria gira em torno de todos; o mundo jamais para; os nossos sonhos são nossos esforços; toda a fome sucumbe ao imperfeito; os dias são colunas a se galgar; os nossos propósitos são as nossas semelhanças; a força insana só diminui ao findar dos dias; os nossos passos freiam ao longo do tempo; o sim será a melhor escolha; o presente maior que temos é a rica saúde; a saudade é a intensidade eterna na vivência; os nossos planos são pequenos perante ao universo maior; precisamos demais do outro; há perseverança na colheita; descobrimos, também, o desejo para que a honra seja nobre; sejamos agradecidos pelo universo escutar nosso silêncio, enquanto, ainda, muitos estão adormecidos...

Síntese biográfica

Nasceu em 12/5/1969, na cidade de Laguna/SC. Graduiu-se em Enfermagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), na cidade de Tubarão/SC (1990). É servidora pública do Estado de Santa Catarina desde 4 de janeiro de 1993, onde atua como enfermeira. Atualmente está lotada no Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina (Hemosc). Especializou-se em Enfermagem na Saúde da Família (1999); Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde (2003) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e, por último, em Saúde Coletiva, com Concentração em Gestão de Sistemas e Serviços de Hemoterapia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2017), na modalidade EAD. Graduiu-se, também, no Curso de Artes Plásticas da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc, 2013). Foi membro efetivo do Grupo de Poetas Livres (GPL), no período de 2010 a 2013, participando na época dos projetos, tais como o “Viajando com Poesia” (2011) e na Revista *Ventos do Sul*. Em 2008 participou do livro *Talentos da Arte de Biguaçu*, organizado por José Braz da Silveira. Entre os anos de 2013 a 2019 teve muitos de seus poemas publicados em diversas Antologias. Em 26/7/2018 foi agraciada com o título de sócio emérito da Academia de Letras de Biguaçu (Albig). No ano seguinte foi aprovada, mediante seleção pública, como membro efetivo desta mesma academia, onde ocupa a cadeira de nº 40, cujo Patrono é VISCONDE DE TAUNAY.

Cadeira nº 40 - Patrono: Visconde de Taunay

Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle de Taunay, primeiro e único Visconde Taunay, escritor, músico, professor, engenheiro militar, político, historiador e sociólogo brasileiro.

Foi um dos fundadores da Academia de Letras Brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843. Sua obra-prima é o romance *Inocência*, publicado em 1872 e traduzido para mais de 10 idiomas, tendo sido adaptado para o cinema em 1983 (1h58), com a direção de Walter Lima Jr. De família aristocrática, seu pai, Félix Émile Taunay, era pintor, atuou como professor e diretor da Academia Imperial de Belas Artes. Seu avô, por sua vez, como informa-nos Manuel Bandeira em seu clássico livro *Noções de História das Literaturas*, veio para o Brasil como membro da Missão Artística Francesa: era o pintor Nicolás Antoine Taunay. Já sua mãe era Gabriela Hermínia Robert d’Escragnolle, filha do Conde d’Escragnolle e irmã do Barão d’Escragnolle. Aos 15 anos de idade, Alfredo de Taunay obteve o seu bacharelado em Literatura pelo Colégio Pedro II, isso em 1858. Depois se enveredou pelo saber científico, estudando Física e Matemática na Escola Militar de Aplicação, que é a atual Academia Militar das Agulhas Negras, formando-se em 1863, aos 20 anos de idade como bacharel em Ciências Naturais. Iniciou a sua carreira de engenheiro militar em 1864, aos 21 anos de idade. Em 1864 ocorreu um fato significativo em sua vida, pois quando iniciou a sua carreira como jovem tenente engenheiro militar, acabou sendo convocado para servir ao Império Brasileiro na Guerra do Paraguai, tendo seguido a tropa até a linha de combate. Inclusive

esta experiência cruenta da guerra militar, mais tarde, deu origem ao livro *Da retirada da laguna*, escrito na França, em francês, quando lá esteve fazendo curso de aperfeiçoamento em 1872 e publicado no Brasil, traduzido em português por ele, no ano de 1874. Vale dizer que serviu na Guerra do Paraguai entre os anos de 1864 e 1870, entre os seus 21 e 27 anos. Retornando ao Rio de Janeiro, pela sua sólida formação cultural e científica, lecionou na Escola Militar e iniciou a sua carreira política no Partido Conservador. Como o Estado brasileiro da época vivia o regime unitário, diferente do regime federativo de hoje, ou seja, todo o poder convergia para o paço Imperial no Rio de Janeiro, foi por esta época eleito para representar a província de Goiás. Deve ser dito que as eleições de então não eram com a ampla participação popular. Em 26 de abril de 1876, aos 33 anos, acabou sendo nomeado presidente da Província de Santa Catarina. Lembrando que na época Santa Catarina contava com as colonizações europeias (alemã, italiana, entre outras) em andamento, com o litoral consolidado e a povoação açoriana. Ficou no cargo de presidente catarinense até o dia 2 de janeiro de 1877. Nesta época, durante a sua gestão, ocorreu a inauguração do obelisco que está hoje na Praça XV de Novembro. Foi, portanto, o presidente Dr. Alfredo D. Taunay, como era chamado, e foi seu nome imortalizado na placa de pedra do monumento, que inaugurou com o Largo do Palácio (o atual Palácio Cruz e Sousa), tendo no centro um obelisco de 10,88 metros, voltado uma face para a Catedral. É chamado de "Monumento aos Heróis Catarinenses na Guerra do Paraguai", sendo que ele foi um dos que lá esteve no combate. Em 1881 acabou sendo eleito pelo Partido Conservador como deputado pela Província de Santa Catarina. Por fim, acabou novamente nomeado agora presidente da Província do Paraná, sendo responsável pela criação do até hoje conhecido Passeio Público, isso em 1886. Enquanto senador, também integrou, em maio de 1888, comissão nomeada para analisar o projeto de lei que aboliria a escravidão do Brasil, a que se tornaria a famosa Lei Áurea e que foi assinada pela Princesa Isabel no dia 13 de maio deste mesmo ano. No dia 6 de setembro de 1889, acabou recebendo o título nobiliárquico de Visconde, lembrando que foi proclamada a república pelo Marechal Deodoro da Fonseca em 15 de novembro, quando acabou Dom Pedro II e toda a família real sendo deportados para outro país e findando o regime político da monarquia no Brasil. Foi aí neste ano que Visconde de Taunay abandonou a carreira política, permanecendo fiel às suas convicções sobre a monarquia até quando se despediu da vida terrena, em 25 de janeiro de 1899, na cidade do Rio de Janeiro, aos 55 anos de idade.



ACADÊMICOS MIRINS



EDITORA
**CUÇA
FRESCA**





Amanda Souza de Quadros

14 anos (21/10/2007)

Local: Biguaçu/SC

EEB Professor José Brasilicio

Série: 8º ano



O que a pandemia nos ensinou?

O que acreditávamos que seriam apenas 15 dias se tornou mais de um ano, a pandemia causada pela Covid-19 chegou a proporções que não podíamos imaginar.

Em um piscar de olhos passamos a viver isolados, milhares de mortes aconteceram, a saúde pública enfrentou um caos nunca antes visto, falta de insumos básicos e coordenação para enfrentamento da pandemia.

O mundo parou, mas, mesmo assim, ainda não se conscientizou totalmente em relação a essas vidas perdidas, a recusa ao uso de máscara, as Fake News principalmente em relação às vacinas, as aglomerações, somado à falta de uma política adequada, contribuíram de forma significativa para a propagação dos efeitos da pandemia.

Vimos que somos iguais, independentemente de cor, religião, gênero, condição financeira, no momento em que todos passamos a depender de melhores hábitos de higiene e do uso da máscara para podermos sobreviver.

Tudo começou tão rápido que nem tivemos tempo de preparar a cabeça para isso, muitas pessoas desenvolveram depressão e ansiedade.

Com o isolamento social passamos a depender da tecnologia para mantermos uma certa conexão com pessoas que não podíamos mais ver pessoalmente.

A ciência mais uma vez mostrou a sua importância no desenvolvimento em tempo muito curto da vacina contra a Covid-19, nem toda população foi vacinada, mas este processo está em andamento. Até a presente data deste trabalho a 1ª dose da vacina já foi aplicada em 80% da população brasileira acima de 18 anos. Algumas das vacinas importadas pelo governo brasileiro são: JOHNSON & JOHNSON, PFIZER, CORONAVAC e ASTRAZENECA.

Aprendemos sobre a importância da ciência, as políticas públicas deveriam ser mais voltadas para o desenvolvimento e incentivos nas áreas de pesquisas. O Sistema de Saúde brasileiro se mostrou mais frágil do que nunca, o poder público precisa repensar as políticas de saúde.

A pandemia nos ensinou a dar mais valor à vida, a família, aos amigos, a ter compaixão pelo próximo, a aproveitarmos cada momento, pois são preciosos, a nos cuidarmos mais em questão de doenças. Pois vimos que com um descuido pequeno podemos causar milhares de mortes, principalmente de nossos entes queridos.



Bianca Sá Stefanes

Nasceu em abril de 2003
Mora no Bairro Bom Viver, Biguaçu/SC



Ambiguidade

Como um artifício para suportar a realidade,
percebe-se imersa apenas em suas verdades.

Logo, abre os olhos para o mundo com tamanha ambiguidade.

Estremece com tanto sentimento em seu peito
e apavora-se com a racionalidade.

De um lado, observa a fragilidade

que, caso seja livremente demonstrada, será vista com criticidade.

Do outro, ao longe, vê o poder

que, se for usado de forma imprudente, causará revolta.

Há uma linha tênue entre ser gentil e ser cruel.

Generosidade te deixa ser enganado.

Arrogância te faz odiado.

Seja teatral e aos poucos aprenda

a ser diferenciado.

Seja aquele que anda na corda com maestria

e que aflora o lado humano presente em si.

Humildade e gentileza são o que o fortalece em tempos de caos.

Bruno Eduardo Vieira

13 anos (20/5/2008)
Estudante do 7º Ano
Morador de Biguaçu/SC



O que a pandemia nos ensinou?

A pandemia da Covid-19 começou a causar sérios impactos na vida dos brasileiros a partir de março de 2020.

Desde o início da pandemia existiam dúvidas quanto ao tratamento do vírus. Com a vinda das vacinas, mesmo não tendo 100% de eficácia, as mesmas se tornaram o melhor caminho para o fim da pandemia.

A doença acarretou mudanças no dia a dia de toda população mundial, com a necessidade de fechamento de vários locais, uso de máscara, proibição de eventos, uso de álcool, barreiras sanitárias entre países, distanciamento social, etc.

A minha vida foi seriamente afetada. Alguns familiares contraíram o vírus. A minha mãe foi internada, fazendo com que eu não pudesse ir na escola, ver meus amigos, ir no cinema, na praia, viajar, etc.

A pandemia tem trazido muitos ensinamentos para mim, especialmente após minha mãe ter ficado 12 dias no hospital, momento em que percebi a importância da saúde, amizades, fé e outros sentimentos. Espero que a pandemia faça com que as pessoas entendam que existem muitos valores na vida, não sendo dinheiro motivo necessário para ser feliz.

Adora ler, frequentar livrarias, sebos e bibliotecas. Está muito honrado em fazer parte da Academia de Letras Mirim de Biguaçu, bem como ter um dos seus trabalhos publicado na Antologia 2021.



VENCEDORES DO
CONCURSO 2021
MUNICÍPIO DE BIGUAÇU



EDITORA
**CUIÇÁ
FRESCA**



Ana Beatriz Alves

EBM Fernando B. Viegas de Amorim

Turma: 81

Como foi a pandemia

Bom, eu não sou muito boa em fazer textos ou algo assim, mas pretendo fazer o meu melhor.

Passou mais de um ano desde que a pandemia começou. Um longo tempo. E eu passei a maior parte do tempo dentro de um quarto vivendo no meu próprio mundo. Quase nunca saía, nem para pegar um solzinho. No máximo, olhava a vida passar pela janela do meu quarto. Nas raras vezes em que eu saía, era para ir à casa de parentes. Ah, eu também ia ao mercado às vezes.

Percebi o quanto o mundo mudou com a Covid-19. Pessoas olhando para você com olhar de julgamento ou algo do tipo, pessoas tendo sérios problemas psicológicos, perda de muitas pessoas famosas e familiares, mesmo eles sempre se cuidando demais. Porém nem sempre se cuidando muito com a higiene e os demais cuidados, que fariam escapar desse terror. Muitos casos foram surgindo pelo nosso país, houve muitas mortes e as pessoas começaram a ficar preocupadas.

Só que a vacina está aí e muitos não se vacinam. Eles querem que tudo isso acabe, mas não fazem a parte mais importante que é se vacinar e continuar usando máscara para se precaver desse vírus horrível. Eu tenho um grande desejo de tomar a vacina para acabar logo com isso, mesmo quase nem saindo de casa, mas o problema é a faixa etária, as pessoas demoram para tomar, então esse tempo demora cada vez mais.

Mas tudo tem seu tempo certo. Se eu criticar, pode piorar, então é melhor ficar calada no meu canto, para que nada de ruim aconteça e vou esperar o meu momento chegar ansiosamente.

Ana Beatriz Vieira

EEB Profa. Tânia Mara FE Silva Locks
Turma: 903/Vespertino

O que a pandemia nos ensinou?

Se alguém te perguntasse: O que você aprendeu com a pandemia? Eu diria que aprendi muitas coisas! Aprendi a valorizar a liberdade, como talvez nunca tivesse valorizado! Como era bom sair, passear, abraçar, estar com as pessoas, estar por aí! Aprendi a cuidar mais da minha saúde, física e emocional. E como precisei... pois ver tantas pessoas morrerem, novas e velhas, nos faz perceber o quão frágeis somos, não é mesmo? Aprendi que as regras são importantes e necessárias em uma sociedade. Vi tantas pessoas desrespeitando a quarentena, o distanciamento, a não utilização de máscaras. Como é triste! Aprendi que momentos de crise fazem as pessoas se reinventarem, a buscarem coisas novas, a criarem e fazerem o que realmente gostam. Aprendi a ver a escola de maneira diferente, pois tudo se tornou difícil, tanto para alunos quanto para professores. Ambos tiveram dificuldades de adaptação, de organização, de criar rotina. E ainda está difícil! Mas hoje já podemos ver luz, esperança, afinal, metade da população brasileira está vacinada! Ah! As vacinas... nunca se esperou tanto por uma dose, não é mesmo? Perdemos muito, pessoas e coisas. Ganhamos mais ainda e temos que agradecer por estarmos vivos. Então, vamos valorizar mais as coisas pequenas, os momentos com os nossos familiares, amigos, porque isso sim vale ouro. E se pudesse deixar um recado, eu diria:

Agradeça todos os dias! Trate o outro bem! Valorize a vida e as oportunidades! Seja feliz!

Ana Clara Delagnelo

Colégio Conhecimento
Turma: 92 - 9º ano

Coronavírus e seus impactos na sociedade

Olhando pela janela de minha casa, observo que a rua, antes alegre e cheia de cor, agora tornou-se um lugar vazio e sem vida. A pandemia do coronavírus transformou muitos aspectos da nossa vida, desde a rotina de trabalho até a relação com a família, com amigos e com nós mesmos. Assim, trouxe várias reflexões sobre consumo, saúde e qualidade de vida.

Nosso cotidiano foi completamente alterado, o caos provocado por essa doença alterou seriamente o nosso modo de vida, antecipou mudanças que já estavam em curso, por exemplo, o home office, que era realidade para alguns, outros tiveram que se adaptar a essa nova proposta que encurtou distâncias. Em diferentes formas e modelos, o ensino a distância foi implementado na rotina de muitas crianças e adolescentes com a criação de novas plataformas e serviços, conectando professores e alunos a todo momento.

O combate ao vírus, tanto nos hospitais e centros de saúde quanto nos pequenos cuidados diários, mostrou como os gestos individuais podem impactar e muito o bem-estar coletivo. Como se oferecer para fazer compras diárias para vizinhos, principalmente idosos, que nesse momento não podem sair frequentemente. O isolamento social, além de nos individualizar ainda mais, reforçou nossa necessidade de estar conectado com quem amamos. No entanto, aumentou as dificuldades existentes nesse período pandêmico, preocupação com a saúde, meio ambiente, escolarização dos filhos e a situação financeira; foram contratempos que ocorreram no cotidiano da maioria da população.

Essa pandemia nos tornou seres melhores e, mesmo que seja difícil pensar que algo tão sério e destrutivo tenha alguma contribuição, nos ensinou valiosas lições. Agora não resta mais dúvidas: juntos somos mais fortes. Apesar de não existir fórmula mágica para lidar com uma crise global, cada um de nós vai vivendo um dia após o outro e tirando lições importantes em meio a tudo isso.

Ana Luiza Sagas

EBM Donato Alípio de Campos
Turma Matutino 1 - 8º ano

Eu realmente queria

Eu realmente queria escrever algo incrível e motivacional e dizer que a sociedade e nós aprendemos algo nessa pandemia, mas é uma mentira e seria bem constrangedor contar uma mentira desse tamanho. Eu realmente queria que a sociedade e nos criássemos empatia pelas pessoas mortas ou entubadas e pelas famílias e amigos que perderam pessoas incríveis, não são apenas mais de 500 mil números, são VIDAS. Eu realmente queria que a sociedade e nós aprendêssemos a ser menos hipócritas, vimos pessoas falando e apoiando o distanciamento, e essas mesmas pessoas quebrando o distanciamento, mas quem somos nós para julgar? Vai dizer que você não deu um abraço em ninguém desde março do ano passado? Eu realmente queria que com a pandemia as pessoas se tornassem menos negacionistas, mas o que mais vimos foi gente negando que a Covid-19 era uma doença grave, e dizendo que a vacina matava ou tinha chip ou não funcionava, e uma das coisas que mais vimos também foram as Fake News, e vimos o próprio presidente indo contra a ciência, sabendo que era a única saída para acabar a pandemia. Eu realmente queria que todos cumprissem os protocolos de segurança e que a pandemia acabasse mais rápido, mas só o querer não basta. Eu realmente queria que dependesse só de nós para acabar a pandemia, mas não depende, infelizmente. Eu realmente queria sair sem máscara na rua e nos lugares fechados, queria ter participado de uma festa junina esse ano. Eu realmente queria que a sociedade tivesse aprendido algo que realmente importa, mas o que mais vimos foi Negacionismo, Fake News, hipocrisia, e mortes que poderiam ter sido evitadas. Esperamos que as gerações futuras vejam isso de exemplo pra ter mais empatia. Eu realmente queria E chegamos à conclusão que aprendemos muito e ao mesmo tempo não aprendemos nada.

Andresa Alzira Israel Pereira

EBM Professor Manoel Roldão das Neves

Turma: 8º ano Vespertino

O que a pandemia nos ensinou?

No começo do ano de 2020, foi decretada pandemia mundial, pela OMS. E foi a partir desse exato momento que o mundo inteiro parou. Percebemos que o Coronavírus, não é uma “gripezinha”. Sabe o que essa pandemia nos ensinou? Que mesmo estando na pior, pode piorar mais ainda! KKK, brincadeiras à parte... Acho que não sei bem, são muitos sentimentos misturados, raiva, tristeza, ansiedade, felicidade; talvez minhas esperanças por um mundo melhor e mais solidário estejam começando a renascer novamente, pois mesmo em meio a tanto caos, ainda existem pessoas boas e de coração puro, que é o que precisamos neste momento.

Sabe... Essa redação nos faz pensar muito e refletir mais ainda! Pra ser bem sincera, acho que só posso tirar uma conclusão quando tudo isso acabar.

Mas antes de eu ir encerrando por aqui, acredito que o que mais falta no mundo agora é olhar ao próximo, não sabemos o que aquela pessoa está passando. Nós precisamos parar e refletir sobre tudo e todos, como sabemos, temos um turbilhão de sentimentos e emoções. Por esse motivo temos que tomar cuidado com o que falamos. Pois assim como ninguém sabia que viria um vírus e acabaria com milhares de vidas, também não sabemos o dia de amanhã.

Então faça tudo que ama hoje, antes que o amanhã seja tarde e que um “simples” vírus acabe com sua vida e com a de quem você mais ama!

Beatriz Silva Soares

Colégio Super Incentivo
Turma: 8º ano Matutino

O que a pandemia nos ensinou?

Pânico, desordem e tristeza, essas seriam facilmente as palavras que descreveriam 2020, o ano em que tudo começou, mais especificamente o ano em que um vírus parou o mundo.

Máscaras, nunca se esqueça da máscara, isso seria como um policial esquecer de sua arma ou algo do tipo. Eu esqueci de colocá-la e nem pude entrar no mercadinho, e isso só serviu para comprovar minhas teorias de que o mundo está mudando.

A pandemia me ensinou muito sobre mim mesma e, também, sobre os outros, como o fato de tirarem proveito de qualquer situação, mesmo que seja caótica. Como é o caso dos supermercados aumentando o preço só porque estão comprando muito de um determinado produto. E o que mais me impressiona é que continuam fazendo, sem que nenhuma providência seja tomada.

Mas a pandemia fez resgatarmos algumas coisas perdidas no tempo. Minha mãe e eu adotamos o costume de juntas assistir a filmes e até já planejamos viagens para alguns lugares que desejamos conhecer.

Ainda estamos vivendo a pandemia, vivos para contar às gerações futuras, para desabafar, para chorar com os amigos a perda de entes queridos.

Temos a impressão que o mundo não será mais o mesmo. Uns dizem que tudo voltará ao normal. Mas é impossível vivermos uma experiência dessas e continuarmos os mesmos. Ninguém mais é o mesmo normal. Mas em que mundo será que viveremos quando esta pandemia se tornar uma lembrança?

Brenda Gobbi de Oliveira

EBM Professor Manoel Roldão das Neves

Turma: 8º ano

A pandemia da vovó Brenda

— **C**omo foi sua pandemia, vovó Brenda? Hoje a professora de história estava contando para nós sobre essa pandemia!

— Ah, minha neta! Vou lhe contar. Tudo começou em 2020, eu estava no 7º ano do ensino fundamental e tinha apenas 13 anos, do nada falaram para ficar em casa, eu não entendi muito bem até assistir ao Jornal Nacional. Fiquei assustada, claro, mas falaram que iria ser só 15 dias. Sabendo disso fiquei de boa, mas se passou uma, duas, três semanas e nada, até passar um mês e as notícias só iam piorando e a situação ficando mais apertada...

— Mas onde você estava, vovó?

— Bom, eu estava na casa da minha vovó, eles acharam melhor ficar por lá mesmo para não sair e correr risco, como era só eu e a mamãe era mais tranquilo, então se passaram uns dois meses eu e minha mãe fomos para casa e por aí tranquilo ela indo no trabalho de manhã e eu em casa de boa, fui aprendendo várias coisas no meio da pandemia, fiz uns desenhos, tentei aprender Código Morse, só que não deu certo! kkk... Fiquei 2020 em casa sem fazer nada, um dia fui para a casa do meu pai, mas também não fiz muita coisa. O ano acabou graças a Deus, pensamos que iria melhorar, mas...

— Mas? Ai, meu Deus, contaaa!!

— Enfim, 2021 chegou pensamos que iria melhorar, mas estávamos enganados, piorou depois melhorou, piorou mais um pouco e daí começou as mortes de famosos, até a morte do ator Paulo Gustavo foi anunciado e foi tristeza geral.

— Pera! Quem era ele?

— Era um ator muito humorado, ele fez três filmes vestido de mulher como se fosse uma mãe. Os filmes são muito divertidos, assiste, minha neta, você vai gostar!

Mas enfim no meio disso tudo eu mudei, mudei de humor, de gosto musical, de estilo, de cabelo, entre outros, chegou agosto e tudo deu uma melhora, praticamente todos na cidade estavam mais tranquilos. Ah! Teve até as Olimpíadas e foi muito legal também, kkk.

— E 2022 a pandemia continuou?

— Isso você saberá só amanhã, agora vai dormir, boa noite, minha netinha.

— Boa noite, vovó.

Carmen Helena Maria

EEB Profa. Tânia Mara FE Silva Locks

Turma??

O que a pandemia nos ensinou?

Era início de 2020, todos tinham planos, desafios, propostas, sonhos... E não podia ser diferente, uma vez que os inícios de ano são cheios de desejos e metas. Começamos bem, porém, logo depois fomos bombardeados com dúvidas, incertezas, medo. E eu me questionava: Estarei aqui no meu próximo aniversário? Meus avós estarão? Meus pais? Amigos? E mais: Ainda poderei ir ao mercado sem sentir medo? Um ano e alguns meses se passaram e, infelizmente, muitas pessoas perderam seus entes queridos... mães, pais, avós, amigos, colegas. E me questiono: Quais eram suas metas? Seus sonhos? Seus projetos? Com certeza, todos pensavam que iriam embora bem mais tarde.

É... A pandemia nos ensinou “à força” muitas coisas: Como lidar com o medo, com a dor, com a perda, com as dinâmicas diferenciadas das nossas casas, das escolas, do comércio, da vida! As pessoas, aprenderam a desenvolver... Como é mesmo?! Aquela palavra que pouco ouvíamos?! Ah... Empatia!! Óbvio que não todas, não vamos generalizar a esse ponto, mas podemos dizer que nossa sociedade não é mais a mesma, certo?

Não podemos dizer, também, que a pandemia foi 100% ruim, talvez uns 5%, bem escondidinhos ali nos 100%, foi boa. Apesar de tudo que passamos (e ainda estamos passando, porque não acabou), aprendemos muito... Aprendemos a ver o outro de maneira diferente, de nos importarmos mais com o coletivo, de constatarmos que podemos aprender com o uso das tecnologias e da internet, de valorizarmos mais os contatos físicos, as boas conversas, os abraços... Ah... Os abraços... Como fazem falta!

Enfim, aprendemos a valorizar e a agradecer. Aprendemos a vibrar por uma vacina. Aprendemos a cozinhar, a cantar, a dançar, a escrever, a tocar algum instrumento e muito mais, porque a lista é grande e o conhecimento não tem limites. E para hoje, quais são as suas metas?

Carmen Sofia Maranhão Flach

Colégio Conhecimento
9º ano/Turma: 92

Aprendizado

A história da vida da gente
É um roteiro inacabado,
Como um diamante bruto
Que precisa ser lapidado.

De repente, uma tragédia
Assolou a humanidade
E uma ameaça invisível
Transformou a sociedade.

Quantas vidas foram perdidas
Nessa batalha de dor.
Porém o mais importante
É o que ela nos ensinou:

Aprendemos a usar com inteligência
A boa e velha tecnologia
E através de uma “tela mágica”
Restabeleceu-se a alegria.

E o convívio social
Ganhou forma e maestria.
As máscaras sufocantes
Ganharam cor e padrão.

Destacando o sorriso dos olhos
Trazendo luz à escuridão.
E a saúde do corpo e da mente
Evoluíram em igual proporção.

A guerra ainda não acabou
Há muitas lutas pela frente.
Por isso, valorizem a vida
De forma nobre e inteligente.

E “Não se esqueçam da higiene,
Com álcool em gel e detergente”!

FRESCA

Eduardo Lentz Gasparini Filho

Colégio Super Incentivo
Turma: 8º ano Vespertino

O que a pandemia nos ensinou?

Esta pandemia não foi nem está sendo fácil para ninguém. Até porque o vírus nos pegou de surpresa, sem data e nem hora marcada.

Quando recebemos a notícia que ficaríamos 15 dias afastados da escola, com aulas on-line, ficamos alegres, pois nem sempre temos férias, mas não sabíamos o que estava por vir.

Como sabemos, não foram alguns dias, foi o ano de 2020 praticamente todo. Por ficarmos tanto tempo em isolamento aprendemos coisas que talvez, sem essa situação, nunca teríamos aprendido.

Aprendemos a habilidade de aprender a distância, aprendemos a dar valor às pessoas ao nosso redor, já que não sabemos a última vez que a veremos, nunca saberemos quando será o último “tchau” ou o último “eu te amo”.

Muitas pessoas investiram no que queriam e antes não conseguiam ou não podiam. A pandemia fez surgir muitos “streamer”. As pessoas resolveram fazer o que amam, ser quem realmente são. Aprenderam a usar as tecnologias e por meio da internet, o que era um hobby, virou profissão.

Passamos a comprar pela internet, a ter aulas virtuais. Provas e trabalhos eram encaminhados por e-mail aos professores. Muitos dos pais passaram a trabalhar em “home Office”. Tudo acontecia dentro da nossa casa.

Esta pandemia nos ensinou a sermos verdadeiros, a nos abrir a novas aprendizagens, a valorizar a família, a nos conhecermos melhor e descobrir nosso melhor lado, enfim, a valorizar a vida. Seguimos vivos, nem todos, mas estamos aqui e agora. Vamos nos cuidando, assim cuidamos uns dos outros.

Érikka Luiza Machado Rohrig

EEB Profa. Tânia Mara FE Silva Locks

Turma: 903/Vespertino

O que a pandemia nos ensinou?

O iê, meu querido leitor!
Me chamo Érikka, tenho 16 anos e sou uma garota apaixonada pela vida. Pois é... Vamos falar de vida. Vida que tanto se discute, se questiona e se reflete. Não só a minha, mas de toda uma humanidade.

Há um ano e meio, mais ou menos, todo país foi abalado pela terrível pandemia do coronavírus. Tempos difíceis, não é mesmo?

Foi o “corona” que nos obrigou a passar mais tempo em casa, a lidar com uma rotina diferente, em todos os aspectos. Que complicou e desestruturou muitas vidas. Mas, seguimos...

Nada foi ou está fácil de aturar, confesso!

Tive que me virar com muitas obrigações novas... Você pode não acreditar, mas aprendi a mexer com escapamentos, coisa que nunca imaginei e descobri que amo cozinhar e preparar novas receitas, o que hoje me proporciona uma imensa satisfação, porque eu aprendi algo novo.

E aprendi muito com a pandemia. Aprendi a amadurecer, a ter coragem e a ver os estudos de uma maneira bem diferente, pois melhorei muito e me tornei uma ótima aluna. Minhas notas, agora, me dão um tremendo orgulho. E cada vez mais descubro coisas novas e impressionantes. Como é bom aprender, não é mesmo? Gosto de comparar este último ano com um livro que a gente está lendo, que quando abrimos não sabemos como será o final. E cada página é emocionante, incerta, afinal, este é o livro da vida. Mas em algum momento a história acaba e o livro se fecha.

Quando? Não sei!

Você sabe?

Gabriel Vivan Gonçalves

Colégio Super Incentivo
Turma: 8º ano Vespertino

O que a pandemia nos ensinou?

A pandemia trouxe muitas coisas. Algumas boas e outras ruins. Desde quando começamos a dar valor ao simples ato de lavar as mãos? De usar álcool constantemente? De lavar as roupas a cada troca? O medo da morte?

As mortes não param, e, dia após dia, perdemos pessoas, amigos e familiares. Então, a sua família tem recebido o valor que merece?

Atualmente vemos muitas pessoas vivendo crises financeiras em função da pandemia. Muitas perderam seus empregos, muitas tiveram que sair de sua zona de conforto e se reinventar e, outros, a escória da sociedade, lucrando com o sofrimento de muitas pessoas.

Dos amigos, tivemos que nos distanciar. E nisso perdemos a amizade de alguns. Aprendemos a nos relacionar via internet. Nossa casa se transformou na escola, no local de trabalho de nossos pais, no nosso espaço de lazer. Aprendemos, em casa, a respeitar o espaço uns dos outros. A dar valor a vida em família.

Mas houve os aprendizados mais árduos. Entre eles, constatar o número de pessoas que passou a viver em situação de rua, o número de mulheres agredidas diariamente, o número absurdo de crianças violentadas. Já eram estatísticas terríveis e que pioraram.

Quem se tranquiliza em saber que tem inúmeras pessoas passando por necessidade? E a pandemia acabou, vai acabar? Estamos preparados para uma nova pandemia?

Gabrielli Farias da Silva

EBM Professor Manoel Roldão das Neves

Turma:??

O que a pandemia nos ensinou?

A pandemia me ensinou que a vida é uma só e precisamos aproveitar cada dia, hora, minutos, segundos de nossas vidas, mesmo sendo ruim ou não. Eu nem posso acreditar que só faltam 142 dias para acabar 2021, parece que foi ontem que eu estava me despedindo dos meus amigos, para ficar em casa só 15 dias, que se tornaram 2 anos.

Sem poder dar um abraço nos meus amigos, e na minha família, e nas pessoas que eu amo, por causa da Covid-19. Por isso que eu digo que temos que aproveitar a única chance que temos de viver a vida que sonhamos, abraça quem você ama, beije seu amor, odeie e perdoe, ame e seja amado.

Realize seus sonhos, mesmo sendo os sonhos mais loucos já vistos, pois a vida é uma só e precisamos aproveitar o tempo que temos. Abrace seus avós, seu pai sua mãe, seus filhos, é seus familiares, pois um abraço vale mais que 1000 palavras, sonhe e realize seus sonhos.

Diga “eu te amo” para seus pais e todos os dias, perdoe e seja perdoado. Eu sei que a Covid-19 levou muitas pessoas que nos amamos, mas vamos viver as oportunidades, que elas não tiveram. Faça algo novo, outra vez, chore, ria com as pessoas que você ama, de vida a seus sentimentos, alegria, raiva, orgulho, amor, saudade...

De atenção ao seu pet, de um abraço apertado nos seus avós; faça coisas que te deixa feliz, ligue para uma pessoa, que você não vê há tempos, fiquei feliz, e faça uma pessoa feliz. Pare de se comprar tanto, saia da frente do telefone, computador, e veja o mundo a sua volta...

Agora eu te faço uma pergunta, você já falou “eu te amo” para alguém, hoje?

Gustavo dos Santos Soares

Colégio Super Incentivo

Turma: 9º ano

O que a pandemia nos ensinou?

Em um simples dia de fevereiro, ao voltar da aula, vejo no noticiário, algo que eu não dava muita importância, mas que mudou a minha, a sua, a nossa vida. No dia 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso de Covid-19, no Brasil, foi anunciado. Era tudo questão de tempo.

Em menos de 1 mês depois, no dia 23 de março de 2020, tudo para. Algo até então impensável se tornou a única opção comprovada por cientistas para conter o avanço do novo coronavírus: o isolamento. Pensamos que seria 15 dias, quase que férias adiantadas, mas, cá estamos, em pleno 2021, entre 4 paredes. A verdade é que o ser humano se tornou escravo do vírus. Mas, mesmo com todas essas mudanças, podemos tirar algum ensinamento?

Durante esse período, nos demos conta das inúmeras pessoas que sofrem, precisam de ajuda e que estão todos os dias na luta. Humildade foi nossa primeira lição.

Com tantas pessoas que precisam sair de casa, ainda escuro, enfrentar filas de pessoas, com a esperança de ter um prato de comida, como podemos manter toda a população em casa? Solidariedade, essa é a nossa segunda lição. Porém a pandemia não nos trouxe só problemas físicos e monetários, muitas pessoas, acostumadas com a rotina cheia e agitada, entraram em depressão com a parada brusca.

Nossa terceira lição deve ser tranquilidade, devemos nos acalmar com toda a informação que ouvimos e vivemos. Temos que ter tranquilidade, de entender que podemos viver sem estar em festas e rodeados de gente, de aproveitar a casa e a família, de saber viver sem se desesperar e de esperar a nossa dose da vacina (sendo eu um adolescente, e tendo uma média de receber a dose no fim do ano).

Por fim, precisamos de coragem, para enfrentar os desafios do dia a dia, para admitir que não sabemos, e para ajudar ao próximo. Somente assim podemos vencer esse inimigo. Ele nos cobra amadurecimento. Esse é o nosso desafio.

Hellen Fortunatos Mendonça

EEB Cônego Rodolfo Machado

Turma: 8º ano

Perceber os invisíveis

A pandemia ensinou o que todos preferiam não ter que aprender. Após tempos comuns houve a explosão do que havia se acumulado.

Já se falou em máscaras, distanciamento e álcool em gel, mas muito se aprendeu a ver, ver o que poucos viam antes, perceber os invisíveis, os que estão nas ruas e os que sentem fome.

Em um certo dia, um garoto que voltava da padaria viu uma senhora, magra, de pele enrugada e maltratada pelo tempo. Sem pensar muito, o menino foi até ela e lhe deu um pão com manteiga que havia acabado de comprar. O menino, logo após a senhora aceitar o pão, perguntou: “Por que a senhora tá aqui? Onde é sua casa?” A senhora respondeu: “Eu morava em uma casa, mas perdi o emprego que tinha em um cinema e não consegui pagar o aluguel... Eu estou velha, depois que minha filha foi embora não tive mais ninguém que cuidasse de mim”. O menino percebeu como estava difícil a vida daquela senhora e sentiu sua tristeza, mas logo ela rebateu, para evitar que o menino sentisse pena dela: “Eu vou ficar bem, menino, já está me ajudando bastante. Qual seu nome?”, ele respondeu: “Joaquim.” e a senhora falou: “Vá pra casa, Joaquim, já é tarde”. Mesmo com o pedido, o menino insistiu em levar a senhora para um abrigo que a tia dele trabalhava. Ele não sabia, mas aquela velha senhora, um dia foi independente, trabalhou por si, até o cinema em que ela trabalhava fechar, no início da pandemia. Então ele cedeu um momento da sua tarde para levar a senhora para o abrigo e garantir com a tia que ela ficaria bem. “Muito obrigado por me ver, menino Joaquim. Que Deus te abençoe!” foi o que disse a senhora com os olhos molhados e um sorriso no rosto enrugado.

No caminho de volta para casa, o garoto pensou em todos os que perderam emprego, moradia e seus entes queridos, ele tão jovem, nunca percebeu antes o que a pandemia tornou tão evidente.

Isadora Schmitt Petry

Colégio Super Incentivo
Turma: 8º ano Matutino

O que a pandemia nos ensinou?

Tudo mudou!

Em março de 2020 a Terra parou. Ninguém sabia ao certo o porquê, somente que deveríamos ficar em casa. Precisando colocar em prática hábitos de higiene que já foram ensinados, mas que foram esquecidos.

Quando andávamos na rua, não reconhecíamos as pessoas, estavam todas mascaradas. Antes, esses adereços, só víamos nos médicos, nos dentistas, agora são obrigatórias. Também aprendemos a lavar as mãos tantas vezes que perdemos a conta. A usar sempre álcool em gel e, principalmente, aprendemos a nos distanciarmos socialmente.

As famílias precisaram se afastar e os encontros começaram a ser por videochamada. Os filhos e os netos precisavam ajudar os adultos a usar as novas tecnologias. Os alunos ficaram em casa e tiveram que aprender como assistir à aula de casa pelas telas. As crianças, a aguentar ficar sozinhas sem poder encontrar os amigos e, os professores se reinventaram para chamar a atenção dos seus ouvintes.

A pandemia nos ensinou e ensina a ter empatia com o outro, a nos cuidarmos, a vida nunca teve tanto valor. Aprendemos que precisamos ajudar o outro, que mesmo distantes, podemos estar próximos. Tudo mudou! A Terra continuou, mas de uma forma bem diferente.

Um normal novo vivemos hoje e continuamos a ser desafiados, a aprender dentro de novos formatos. Mistura ensino remoto e presencial. Um presencial sem sentir, sem poder estar perto. Um afeto a distância. Mas o importante é não perder a ternura jamais.

Kamili Souza da Silva

EBM Fernando B. Viegas de Amorim

Turma: 82

Um ciclo na pandemia

A pandemia foi um evento único. São tantas palavras para serem ditas, mas poucas vão descrever o que cada um de nós passou. Afinal a pandemia foi de mal a horrível, de horrível para aterrorizante. Oi, meu nome é Kamili, sou autora/personagem deste “relato” sobre esse horror chamado pandemia.

Foi tudo tão rápido que nem deu tempo de processar as coisas que estavam acontecendo. Por exemplo, uma hora eu estava na escola conversando e brincando com meus amigos, rindo que nem uma hiena, na outra eu já estava trancada dentro de casa me perguntando se tudo voltaria normal.

Um fato que todo mundo sabe é que a pandemia nunca foi levada a sério desde o começo. Mesmo com vários avisos, sempre tinha gente que falava: “isso é só uma gripezinha, não vai me afetar”. Tenho que admitir que quando eu ouvia uma pessoa falando isso, a minha vontade era de esfolar a cara dela no asfalto.

Isso só serviu para nos fazer refletir, nos deu uma amostra grátis que nossa sociedade não está nem um pouco preparada para algo de tão alto nível como a pandemia, que a cada passo que damos para frente damos cem para trás.

Também me pego pensando como eu sinto falta da menina que eu era antes da pandemia, que não se importava com a opinião dos outros, a menina que era extrovertida, que adorava falar, rir, que adorava sair. Hoje ela começou a não gostar mais de sair de casa, por medo de certas coisas. Se alguém falar alguma coisa talvez ela não reaja na hora, mas quando ela chegar em casa, vai desabar. De extrovertida virou introvertida, passou a ter medo de ser ela mesma, e vários outros problemas que a pandemia fez ela desenvolver. Pois é, nem eu consigo acreditar que essa menina sou eu.

Tudo isso que estamos passando é um ciclo. Quando um ciclo se inicia, outro se fecha. A pandemia foi ciclo, uma coisa que daqui a 30 anos ninguém vai saber direito o que era, mas na nossa cabeça, sempre estará gravada. Tudo isso foi um momento, e como dizia Charles Chaplin: **“A vida é como**

uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos". Ou seja, não deixe a pandemia te levar junto com ela. Quando tudo isso acabar, viva intensamente.



Lara Lapolli da Silveira Moraes

EBM Fernando B. Viegas de Amorim

Turma: 82

O porquê das máscaras

Em um dia ensolarado, o pai e a filha estavam brincando. Então a filha fez uma pergunta ao pai:

– Pai, por que temos que usar máscara?

E o pai respondeu:

– Nós temos que usar máscara para nos prevenir de um vírus.

A filha, sem entender nada do que o pai disse, foi brincar. No final da tarde, depois de ter brincado muito, a filha foi até a mãe e falou:

– Mãe, o pai disse que temos que usar máscara para nos prevenir de um vírus.

– Sim, filha, é verdade. Esse vírus pode até matar as pessoas.

Depois de a mãe ter dito isso, a filha entendeu o porquê de usar a máscara. Mas ela pensou com ela mesma: se não usar máscara, as pessoas podem morrer?

Após ter pensado nisso, ela ficou triste, desanimada e foi dormir.

No outro dia, a mãe e o pai perceberam a tristeza da menina e foram perguntar o porquê de ela estar triste.

A filha respondeu:

– Eu não quero que o vovô morra.

Os pais, sem entender, perguntaram:

– Por que você está falando isso?

– Porque o vovô não usa máscara. E a mamãe falou que quem não usa máscara pode até morrer.

O pai, vendo aquela situação, ficou intrigado, resolveu falar com o avô da menina e contou sobre o que a menina tinha dito.

O avô, depois disso, começou a se cuidar mais. Depois de um tempo, a menina notou que o avô estava se cuidando e ficou mais aliviada. Ela, muito feliz com a situação, foi brincar. Ela não perderia o seu avô para esse vírus.

Letícia Dallagnelo Meira

Colégio Conhecimento
9º ano/Turma: 92

Mudança de hábito

Sentada olhando
pela janela do quarto.
Olhando a rua vazia.
Tentando ocupar
a mente sozinha.
Todos mascarados
pela mente coberta em tristeza.

Não sabendo
como agir. Arrumando um jeito
para se unir.

Alguns sentindo
a solidão.

Outros ao lado do caixão.

Com a esperança de um dia voltar ao lar.

E talvez um dia
suas lágrimas secar.

Aprendemos a ter compaixão,
e ajudar nosso irmão. Mudando os hábitos diários
para nos amontoar em vários.

EDITORIA
CUCA
FRESCA

Lucas Pereira Silva

Colégio Conhecimento
9º ano Matutino/Turma: 91

O que a pandemia nos ensinou?

Dezembro de 2019, mês antecedente a vinda de uma tempestade que deixaria milhares de famílias sem seus parentes, de forma que pais teriam que ficar sem nunca mais ver seus filhos. Tudo isso mudaria totalmente as nossas vidas e a forma como vivemos; uma história sem um destino certo, mas com a esperança de terminar bem.

Não faz muito tempo que muitas pessoas se deslocavam para o trabalho de carro ou de ônibus. Mas com tudo isso acontecendo, mudanças foram necessárias, agora era acordar e ir para o computador da sua própria casa; o que chamamos hoje de home office. Essa foi a alternativa encontrada por muitas empresas para manter seus colaboradores, reduzindo gastos.

Numa sexta-feira, como em todos os outros dias da semana, acordo e vou para a escola. Quando, de repente, naquele dia, algo mudaria nossas vidas de estudantes. E um dia, a coordenadora chegou na porta, comunicando-nos que uma nova doença vinda da China chegara ao Brasil e que a escola estava esperando um comunicado da Prefeitura para saber o que seria feito diante da situação apresentada. Dias depois, recebemos a informação de que não haveria aula, logo passaríamos para o sistema de ensino on-line.

Com a vacina, poderemos voltar ao normal e reviver aquela sensação de alcançar a sexta-feira, para rapidamente correr até o portão da escola e sair correndo e quando chegar em casa, ir direto para o videogame; isso era antes, mas será que vai voltar?

Portanto, seguimos com as nossas vidas na extrema zona de conforto, na qual só uma pandemia para nos tirar e nos provar que somos fortes para resistir a qualquer coisa. Isso nos traz o princípio de valorizar tudo o que temos, a liberdade por exemplo, não poderíamos sair durante a pandemia, então devemos sempre nos lembrar de reconhecer aquilo que temos e não somente deixar de lado, como tantas pessoas que têm o direito de estudar, mas não estudam. Na minha família, poucas pessoas tiveram esse direito, hoje adquirido pela Constituição depois de muita luta, então valorize as coisas que você tem.

Luciano Bento Gavron

Colégio Super Incentivo
Turma: 9º ano

O que a pandemia nos ensinou?

Vivemos uma situação inusitada e desafiadora, a pandemia da Covid-19. Vivemos incertos, cheios de medos e questionamentos, milhares de mortos, milhões contaminados, reinfecções, novas variantes, atraso nas permissões para aplicar vacinas, vacinas insuficientes para dar conta de toda a população, gente na rua, sem máscara e sem os cuidados necessários, parecendo o fim do mundo.

A pandemia tem um lado ruim que gera caos, medo, dúvidas, mas, ao mesmo tempo, nos trouxe reflexões que apenas uma situação dessas poderia nos trazer. Descobrimos que precisamos de abraços, dos mais carinhosos, calorosos e fraternos, também precisamos de olho no olho, de contato físico e pessoal. Aprendemos que a internet se torna indispensável para nos aproximar daqueles que estão longe. Aliás a internet, mesmo instável e acessível apenas a uma parcela da população, salvou o ano letivo, os desencontros e os avós saudosos de seus netos.

Uma das principais lições que a pandemia trouxe foi que nada substitui um professor em sala de aula. Os professores se tornaram heróis ao lado de médicos e enfermeiros, pois ajudaram a salvar a dignidade e a educação desse país, que já é tão precária. Estes, mesmo exaustos e com sua jornada de trabalho triplicada, não deixaram a educação parar, não mediram esforços para repassar conhecimento e também aprender. Sim, aprender, por que para muitos, a tecnologia não passava de curtidas nas redes sociais e algumas mensagens de WhatsApp.

Invadimos suas casas, suas vidas, não pedimos licença, bagunçamos tudo, a rotina, as refeições, o descanso e os fins de semana. E cada um deles ficou mais próximo, porque pudemos perceber que também são humanos, são falhos e têm seus problemas pessoais. Nesse tempo de pandemia, os professores se tornaram amigos, confidentes e lutaram por cada aluno, com amor, dedicação e maestria.

Espero que um dia os professores possam ser valorizados, ter remuneração adequada e que sejam tratados com o respeito que a profissão merece.

Manuela Pereira Pizzolo

Colégio Conhecimento
9º ano/Turma: 92

Aprendizagem inesperada

Acordo em mais um dia desse novo normal, desligo o despertador e vejo que é dia 20 de agosto de 2020. Olho pela janela e vejo o quão linda a manhã está, mas logo minha alegria vai embora, pois me lembro que estamos em tempos de pandemia. Ter que passar o dia inteiro em casa, o que antigamente seria estranho, hoje é obrigatório por causa de um vírus inesperado. Nossa sociedade passou por muitas mudanças e por dificuldades, nos ensinando a ficar unidos junto daqueles que amamos.

Falando com as pessoas apenas on-line, sem mais aquele toque físico de antes. A convivência que faz falta, o que acabou afetando psicologicamente muitas pessoas, aumentando os casos de doenças como ansiedade e depressão, e podemos perceber o quanto estar perto do outro é precioso. Com aula e trabalho sendo feitos em nossa casa por meio da internet, foi-se a convivência na sala de aula, no ambiente de trabalho e em outros locais; agora tudo está limitado a uma tela.

Saio de casa para ir ao mercado e os cuidados estão dobrados: as ruas vazias, confraternizações proibidas, estabelecimentos fechados; só se pode sair para o essencial. O uso de máscara é obrigatório, ter que seguir o distanciamento entre as pessoas e a utilização de álcool em gel toda hora; tão diferente de antigamente, quando não precisávamos nos preocupar com coisas como essas e podíamos ir aos lugares a hora que quiséssemos. Hoje só se pode quando necessário, mas sabemos que se faz necessário para controlar esse vírus. As pessoas, todas, com medo desse novo mal: a Covid-19, o que iria estar presente por mais tempo, em nossas vidas, do que imaginávamos.

A falta do antigo convívio natural, quando podíamos nos encontrar e conversar pessoalmente com todos, nos mostra o quanto isso pode fazer falta. O quanto devemos dar valor a cada momento com as pessoas queridas, o quanto algo pode mudar a vida de um mundo inteiro. Aprendemos muito mais sobre cuidados com a saúde, alguns dos quais permanecerão no futuro. Sendo que, o mais importante é valorizar a vida que está em nossas mãos, que ela é inconstante e deve ser bem cuidada.

Mariana Arruda

Colégio Super Incentivo
Turma: 9º ano

O que a pandemia nos ensinou?

No início eu pensava que seriam apenas 15 dias, estava feliz, as aulas iriam parar, um tempo para descanso, mas a situação foi piorando, os casos se agravando, mortes aumentando, os comércios começaram a fechar. Quando passou no jornal que toda a população ficaria em quarentena fiquei desesperada, afinal nunca imaginei passar por uma situação dessa em toda minha vida. Com a pandemia muitos problemas surgiram, principalmente psicológicos, ansiedade, transtornos alimentares... procurei especialistas que me ajudaram, e hoje em dia esses problemas não me afetam mais.

Aprendi e ainda estou aprendendo a valorizar os momentos junto com as pessoas que amo, os abraços, as demonstrações de carinho e tudo que envolve afeto, querendo ou não todos tiveram que se privar desses presentes que são esses momentos de puro amor, paz e tranquilidade. Tudo que eu mais quero é que tudo volte ao normal e que possamos ter nossas vidas de volta. As 500 e poucas mil famílias que perderam alguém que amam, sinto muito e espero que no meio de tanta tristeza, encontrem a esperança de que terão dias de alegria, com a chegada da vacina dias melhores virão, e quando olharmos para trás, comemoraremos a longa caminhada que tivemos, e que sirva de lição para amarmos e vivermos de forma consciente, afinal a vida é o agora o dia de amanhã não nos pertence e é desconhecido. Para mim a maior lição disso tudo é que possamos aprender, valorizar, zelar, amar e cuidar mais das preciosidades que a vida nos dá, agradeço todo dia a Deus por esse vírus não ter levado ninguém de minha família, e rezo cada dia mais para que não leve mais pessoas inocentes.

Essa foi a verdadeira lição, viver cuidadosamente e pensar no próximo, estou ansiosa para poder me vacinar, e espero que logo esteja vivendo normalmente de novo.

Mariana Machado de Amorim

EEB Profa. Tânia Mara FE Silva Locks
Turma: 801/Matutino

O que a pandemia nos ensinou?

Ensinou a pensarmos mais no próximo;
ensinou que precisamos uns dos outros;
Ensinou que precisamos estar juntos,
Mesmo separados.

Ensinou que podemos abrir mão de muitas coisas;
ensinou a superarmos a perda, a dor, a angústia, o medo...
Só não nos ensinou a esquecer quem amamos,
Quem deixou saudade.

Ensinou que somos fortes, guerreiros, iguais!
A pandemia chegou para todos; sem preconceitos ou rótulos;
E todos, independentemente de cor, classe social, salário, posição social,
foram democraticamente atingidos.

Ensinou o valor da solidariedade;
Da igualdade e da esperança.

Ensinou a aprender e a superar desafios;
ensinou a valorizarmos cada momento ao lado de quem amamos.

E que cada instante é único e importante.
A pandemia nos ensinou e continua ensinando muito...

Marta Brenda da Silveira

EBM Professora Olga de Andrade Borgonono

Turma: 8º ano vespertino

O que a pandemia nos ensinou?

No começo, tudo era novo para nós, afinal, essa era uma doença que nos afetou completamente. Pessoas morrendo, outras em coma, muitas em isolamento, um verdadeiro caos em todo o mundo. Apareceu do nada e parecia que tudo ia mudar. E de fato mudou!

Perder alguém para uma doença não era uma escolha nossa e, por mais que tivéssemos todos os cuidados, pessoas frágeis e inocentes perdiam a vida a cada minuto que passava, e sorte teve quem conseguiu vencer essa batalha. Mas e o nosso psicológico? Perdemos muita gente! Uma experiência horrível que nunca vamos esquecer. Por mais doloroso que fosse, tínhamos que lutar por aqueles que ainda estavam presentes e “dar valor” a quem está ao nosso lado, foi uma das coisas que a pandemia nos ensinou.

Simplemente a nossa rotina mudou: não íamos mais estudar, o trabalho se tornou muito arriscado, e isso parece um pouco chato e com razão, mas, naquele momento de desespero, o que mais queríamos era sobreviver e com tudo isso, aprendemos muito. A vida é apenas um sopro... aprendemos a sermos criativos, a sermos pessoas melhores, passamos mais tempo com nossa família e consertamos muitas coisas que a nossa rotina não deixávamos ter tempo.

Também amadurecemos, começamos a amar mais e, por mais complicado que fosse a situação, quem ficasse ou quem partisse ia sempre lembrar das nossas boas ações, do nosso carinho, da pessoa que a própria pandemia nos tornou, mais humildes, descobrimos que dinheiro não compra vida. Quando tudo isso começou, os padrões se romperam e passamos todos a ser iguais.

Aprendemos a sermos confiantes, demonstrar sentimentos, ver que a vida não é uma brincadeira, sonhar sempre, ter fé e acreditar que com pequenos atos podemos mudar tudo e garantir segurança para mais pessoas.

Aprendemos a seguir regras que jamais imaginávamos e hoje estamos aqui, sendo fortes e lutando para que tudo volte ao normal novamente, e assim termos uma vida nova que possamos mostrar quem nos tornamos após a pandemia. Apesar de tudo isso, o mais importante foi nunca desistir.

Com a chegada da vacina estamos cheios de esperança de que tudo volte ao normal. Quando esse dia estiver próximo, vamos lembrar de tudo que passamos e vamos nos orgulhar de nós mesmos.

Matheus Roberto Toral

EBM Fernando B. Viegas de Amorim

Turma: 82

Em tempos de bobos, muitos aprendizados

Em uma época, não muito longe dessa, apelidada de “tempos dos bobos da corte”, foi um tempo sofrido. Foi dado esse nome pois os chefes de Estado eram inexperientes, burros e ignorantes (tá ok?).

Inesperadamente, nas aldeias começaram a morrer pessoas. Eles sem entender, tentaram continuar a trabalhar em meio à turbulência de uma pandemia causada por um vírus desconhecido.

Os povoados fizeram de tudo para ficar em casa, mas seu chefe de Estado começou a subir os impostos e o seu povo começou a passar fome. Enquanto as pessoas passavam fome, ele ia andar a cavalo com seus amigos da nobreza. Algumas vezes perguntaram a ele o porquê de tamanha irresponsabilidade. Ele apenas dizia:

– Meu povo, esse negócio de pessoas morrerem não existe, tá ok? Eu não vou pegar essa doença, tenho histórico de guerreiro.

Há um tempo atrás, ele tentou ser guerreiro, mas seu capitão disse:

– Ele é maluco, perigoso, ele mal convive conosco, imagina nos defender. Isso era o que dizia o capitão dele, antes de ele virar chefe de Estado.

Em meio à pandemia, com muitas mortes (no nosso povoado morreram 573 mil pessoas), muitos começaram a passar fome. Milhões de pessoas começaram a não ter o que comer.

É, Bolsonaro, sua gripezinha, além de matar, tirou o alimento de muitas pessoas. Sua arrogância e sua ignorância fizeram a gente passar vergonha, não só em relação ao mundo, mas a Deus também, pois “quem coloca sua bandeira acima de tudo, Deus dá cascudo e chama de idiota”, já dizia Gabriel, O Pensador.

Foi muito aprendizado em meio a tudo isso, mas o principal foi que a vida é pequena demais para deixar para viver amanhã. A vida é realmente um sopro. O que eu aprendi acho que foi uma frase que vou levar para o resto da vida: “Viva intensamente sem medo de errar, só se viver uma vez”.

